

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



DOS AÇORES PARA O CONTINENTE: PROPOSTA DE EXPOSIÇÃO
ITINERANTE DE UMA COLEÇÃO PRIVADA SOBRE A INDÚSTRIA
BALEEIRA

Ana Patrícia Chagas Dias Segundo

Dissertação

Mestrado em Museologia e Museografia

Dissertação orientada pela Professora Doutora Elsa Cristina Carvalho Gomes
Garrett Pinho

2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu, Ana Patrícia Chagas Dias Segundo, declaro que a presente dissertação intitulada “Dos Açores para o Continente: Proposta de exposição itinerante de uma coleção privada sobre a indústria baleeira”, é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas na bibliografia ou outras listagens de fontes documentais, tal como todas as citações diretas ou indiretas têm devida indicação ao longo do trabalho segundo as normas académicas.

O candidato

A handwritten signature in cursive script, reading "Ana Segundo", with a horizontal line underneath.

Lisboa, 24 de outubro de 2018

RESUMO

A presente dissertação tem como objeto de estudo uma coleção particular inédita, associada à indústria baleeira dos Açores, como foco na Ilha do Pico, propriedade do Comandante Lizuarte Machado. Partindo do estudo e do inventário da coleção particular, e tendo em vista a divulgação de uma temática absolutamente relevante para a história e cultural açorianas, que aquela tão bem materializada, foi elaborada uma proposta de exposição itinerante, destinada a circular e a ser publicamente apresentada, num primeiro momento, em espaços museológicos de Portugal continental, cuja missão e vocação se centram na temática marítima.

De modo a permitir a concretização da referida exposição em museus com características técnicas e espaciais distintas, foram idealizados dois modelos distintos – o minimal e o desenvolvido – que, com um maior ou menor número de objetos expostos, se mantêm fiéis ao discurso expositivo e aos objetivos da exposição: dar a conhecer uma das principais atividades económicas açorianas, entre 1850 e 1985, com relevância até 1950, coincidindo com o final da segunda guerra, atualmente extinta.

Apresentando com estes dois modelos de exposição todas as ferramentas necessárias para que a mesma possa ser integrada e exibida em vários museus ou entidades, oferecendo um pacote completo que possui todas as condições e diretrizes necessárias para a concretização, divulgação e manutenção da exposição. Os objetos presentes na coleção, e que serão expostos, representam as várias temáticas relacionadas com os costumes de uma comunidade cuja atividade se centrava na caça à baleia e à qual estão ligados utensílios de ferreiro, agricultor, carpinteiro, teceleiro, Scrimshaw, utensílios domésticos e respetivo apoio documental.

Com esta exposição pretende-se não só a divulgação de uma relevante coleção privada, mas, acima de tudo, uma atividade económica e um modo de vida característicos de uma comunidade insular específica, que permanece ainda pouco conhecida dos portugueses que habitam o continente.

Palavras-chave: Coleção privada / Indústria baleeira / Exposição itinerante / Açores / Museus

ABSTRACT

This dissertation has for an object of study a private collection never seen before associated to the whaling industry of the Azores, focusing on the Pico Island, property of Master Commander Lizuarte Machado. After the meticulous inventory of the collection, the main goal of this work is to disclose, a theme of absolut relevancy to the cultural history of the Azores, meant to be in realize in the form of an itinerant exhibition intended be presented in museums of continental Portugal whose mission and vocation has for focus the marine theme.

In order to allow the concretization of the after mentioned exhibit in museums with the distinctive technical and venue features, two different models were conceived – the minimal and the developed – With a larger or a smaller number of exposed objects, each exhibition model remains true to the main message and the objectives of the exhibition itself: to give the opportunity of knowing one of the main Azorean economical activities, between 1850 and 1985, with relevance until 1950, coinciding with the end of world war II, currently extinct.

With this exhibit it's presented these two models, that contain all the tools necessary for it to be integrated and shown in various museums and entities, offering a full package that it has all the conditions and guidelines necessary for the concretization, disclosure and maintenance necessary for this exhibit. The objects that are part of this collection and that are chosen to be exposed, represent the various themes related with the daily habits of a community that was focused in the whale hunting and to the objects from blacksmiths, farmers, carpenters, weavers, *scrimshaw*, utensils used in the domestic life and the respective documentation.

With this exhibition it's intended not only the disclosure of a relevant private collection, but and above all, an economic activity and a way of life that is characteristic of a specific community, that remains partially unknown from the Portuguese who inhabit the continent.

Keywords: Private collection / Whaling industry / Itinerant exhibition / Azores / Museums

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer (se bem que um simples obrigada nunca será o suficiente) à minha orientadora Professora Doutora Elsa Garrett Pinho, por todo o acompanhamento, sugestões, incentivo e paciência que me deu no decorrer da elaboração da minha dissertação.

Ao Comandante Lizuarte Machado e à sua família por toda a ajuda, interesse, desempenho, generosidade e confiança depositada em mim para utilizar as suas coleções e permitir que as transformasse na minha dissertação de mestrado.

Ao Museu Marítimo de Ílhavo e ao Museu de Portimão pelo excelente profissionalismo dos seus técnicos e pela ajuda facultada.

Ao Museu dos Baleeiros, ao Museu da Indústria Baleeira e à SIBIL por todo o carinho com que fui recebida e disponibilidade em ajudar no que fosse necessário, um grande e sentido obrigado.

Aos meus pais e irmãos por todo o apoio, altruísmo, segurança, e por me terem erguido quando caí.

À Deolinda por todo o apoio e carinho.

À minha prima Sónia pelo apoio e o ocasional puxão de orelhas.

ÍNDICE

RESUMO	1
ABSTRACT	2
AGRADECIMENTOS	3
ÍNDICE	4
ÍNDICE DE FIGURAS	7
ÍNDICE DE TABELAS	9
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – COMANDANTE LIZUARTE MACHADO: UMA AÇORIANO APAIXONADO PELO COLECIONISMO	18
1. O colecionador e a coleção	18
1.1. As coleções da Quinta do Cabeço	21
1.2. O núcleo etnográfico da coleção Lizuarte Machado	26
1.3. A coleção sobre a indústria baleeira	29
CAPÍTULO II – INDÚSTRIA BALEEIRA AÇORIANA	31
2. Breve introdução à indústria baleeira açoriana	31
2.1. A Indústria Baleeira açoriana	34
2.2. O processamento do cachalote	38
2.3. Óleo de cachalote	38
2.4. O final da caça à baleia	40
2.5. A indústria baleeira no panorama museológico nacional	41
2.6. O Museu dos Baleeiros	42
2.7. Museu da Indústria Baleeira, São Roque	45
2.8. Museu da Baleia da Madeira	47
2.9. A itinerância das coleções museológicas atinentes à indústria baleeira portuguesa	49

ÍNDICE

CAPÍTULO III - PROPOSTA DE EXPOSIÇÃO ITINERANTE SOBRE A COLEÇÃO DO COMANDANTE LIZUARTE MACHADO	50
3. O conceito expositivo, <i>Layout</i> , cronograma e o guião da exposição	50
3.1. Áreas expositivas necessárias.....	53
3.2. Uma mensagem, dois modelos expositivos.....	54
3.2.1. Exposição <i>A Indústria baleeira do Pico, na coleção do Comandante Lizuarte Machado</i> – Modelo 1	54
3.2.2. Exposição <i>A Indústria baleeira do Pico, na coleção do Comandante Lizuarte Machado</i> - Modelo 2	57
3.3. Projeto de comunicação	59
3.3.1. Textos de parede	59
3.3.2. Folhas de sala	60
3.3.3. Catálogo da Exposição	60
3.3.4. <i>Flyers</i>	61
3.3.5. Micro Site	61
3.3.6. Tabelas.....	62
3.4. Indicações para o projeto museográfico	63
3.4.1. Segurança	65
3.4.2. Condições ambientais e expositivas. Humidade Relativa (HR) e Temperatura (T) .	66
3.4.3. Iluminação	67
3.5. Condições de cedência	68
3.5.1. Acondicionamento, embalagem e transporte	68
3.5.2. Acessibilidade.....	69
3.5.3. Condições contratuais.....	71
CONCLUSÃO	72
BIBLIOGRAFIA	75
ANEXOS	81

ÍNDICE

ANEXO I	82
ANEXO II.....	279
ANEXO III	294
ANEXO IV	299
ANEXO V	302
ANEXO VI.....	304
ANEXO VII	309
ANEXO VIII	314
ANEXO XIX	317
ANEXO X.....	323
ANEXO XI.....	327

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Comandante Lizuarte Machado.©ComunicarAtitude	18
Figura 2 - Casa do Cabeço, Ponta da Ilha, Piedade, Ilha do Pico, maio de 2017 ©Ana Segundo	22
Figura 3 - Quinta do Cabeço, 1987 antes da renovação (à esquerda), Quinta do Cabeço, 2017. Vista do Alçado Norte (à direita).©Lizuarte Machado e Ana Segundo	22
Figura 4 - Quinta do Cabeço, 1987 antes da renovação(à esquerda), Quinta do Cabeço, 2017. Vista do pátio interior (à direita).©Lizuarte Machado e Ana Segundo	23
Figura 5 - Bebedouro de pedra, 2017 (à esquerda), Lavadouro de roupa, 2017 (à direita).©Ana Segundo.....	23
Figura 6 - Quinta do Cabeço, 1987 antes da renovação (à esquerda), Quinta do Cabeço, 2017. Vista do Alçado Leste (à direita).©Lizuarte Machado	24
Figura 7 - Carpinteiro Manuel Machado Bettencourt, mais conhecido por Manuel Júlio, um dos homens responsável pelo “restauro” implementado em algumas peças da coleção do Comandante Lizuarte Machado © Lizuarte Machado	25
Figura 8 - Espaço construído para albergar as peças da coleção do Comandante que também é utilizado como oficina para pequenas intervenções.© Ana Segundo	28
Figura 9 - Pequeno espaço denominado de oficina, dedicado a pequenas intervenções no objetos por parte do Comandante, nomeadamente aplicação do produto para matar insetos xilófagos e envernizamento das peças de madeira.©Ana Segundo	29
Figura 10 - Porto da Horta na Ilha do Faial, embarcações americanas atracadas enquanto os marinheiros adquiriam provisões. (Ellis, 1991: 299).....	31
Figura 11 - Desmantelamento de um cetáceo em frente à fábrica da baleia, edificação que hoje em dia se apresenta como Museu da Indústria Baleeira em São Roque do Pico. Autor da fotografia: desconhecido. Documento gráfico pertencente à coleção privada do Comandante.....	33
Figura 12 - Anúncio publicado por um Americano que se instalou na Ilha do Pico, avisando a todos os baleeiros que atracarem na ilha que está a vender provisões, 1841. (Ellis, 1991: 301)	35
Figura 13 - Plano de um bote baleeiro açoriano. Documento facultado por ©Lizuarte Machado.....	36

Figura 14 - Lancha a motor, "Maria Manuela". Autor desconhecido, (fotografia a cores da coleção do Comandante).....	37
Figura 15 - Frasco de óleo de cachalote. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93leo_de_baleia#/media/File: Bottle_of_whale_oil.jpg	39
Figura 16 - Exemplo de habitação aproveitada para turismo rural. Fonte: https://www.homeaway.pt/arrendamento-ferias/p3692992#&gid=1&pid=1	41
Figura 17 - Museu dos Baleeiros, Lages do Pico, Ilha do Pico, Açores. Fonte: https://3.bp.blogspot.com/-r0G5mnuoiuY/WJvgMpn3nSI/AAAAAAAAAcZE/Z7xKCQJS4WwI0BAw65FoKYKn8PTaCoMXgCLcB/s1600/DSC_0558.JPG	43
Figura 18 - Interior do Museu dos Baleeiros, Lages do Pico, Ilha do Pico, Açores. Fonte: https://www.allaboutportugal.pt/en/lajes-do-pico/cultural-centers/museu-do-pico-museu-dos-baleeiros	43
Figura 19 - Interior do Museu dos Baleeiros, Lages do Pico, Ilha do Pico, Açores. Fonte: https://www.visitportugal.com/pt-pt/NR/exeres/4E02E489-1FA9-46ED-B9BA-F739522749E7	44
Figura 20 - Museu da Industrial Baleeira, São Roque do Pico, Ilha do Pico, Açores. ©Ana Segundo	45
Figura 21 - Interior do Museu da Industrial Baleeira, São Roque do Pico, Ilha do Pico, Açores. Fonte: https://www.allaboutportugal.pt/en/sao-roque-do-pico/cultural-centers/museu-da-industria-baleeira	46
Figura 22 - Museu da Industrial Baleeira, São Roque do Pico, Ilha do Pico, Açores. Fonte: http://www.agendadosacores.publicor.pt/event/novas-obras-de-jose-carlos-garcia-apresentadas-no-museu-da-industria-baleeira/	47
Figura 23 - Museu da Baleia da Madeira	48
Figura 24 - Museu da Baleia da Madeira - https://www.google.pt/search?q=museu+da+baleia+madeira&rlz=1C1CHBD_pt-PTPT785PT785&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi9gIPspZfeAhVOVhoKHbqqCccQ_AUIDigB&biw=1366&bih=657#imgrc=-Xq6zVJXvS-tzM	48
Figura 25 - Sala de exposições temporárias 2 do Museu de Portimão. Fonte: http://www.museudeportimao.pt/pt/menu/53/sala-de-exposicoes-temporarias-2-piso-1.aspx	55
Figura 26 - Planta de exposição temporária do Museu de Portimão.....	55

Figura 27 - Planta de exposição temporária do Museu Marítimo de Ílhavo... 58

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Número de botes e cachalotes capturados por ilha entre 1886 e 1890.. 36

Tabela 2: Exposição *A Indústria Baleeira do Pico, na coleção do Comandante Lizuarte Machado, Modelo 1* 56

Tabela 3: Exposição *A Indústria Baleeira do Pico, na coleção do Comandante Lizuarte Machado, Modelo 2* 58

Tabela 4: Exemplo de tabela 63

Tabela 5: Controlo de humidade relativa (HR), LUX (lúmen/m²) e temperatura (T) 66

Lista de acrónimos e siglas

IPM – Instituto Português de Museus

IMPIC – Instituto dos Mercados Públicos do Imobiliário e da Construção

ICOM - *International Council of Museums*

CFF – Comprimento fora a fora

INTRODUÇÃO

Portugal é um país com uma história riquíssima cujos testemunhos materiais são maioritariamente guardados, estudados, conservados e interpretados e divulgados, da forma mais fiel possível em locais privilegiadamente destinados à preservação desses testemunhos com valor de cultura e de civilização: os museus. Cada museu tem a sua missão, a sua vocação específica que cumpre da melhor maneira em função das coleções temáticas que incorpora, estuda, interpreta, conserva e divulga, seja o seu acervo mais dedicado a temáticas de abrangência regional ou nacional. A par das coleções institucionais, existem outras que se constituem na esfera privada, necessariamente segundo critérios distintos daquelas, mas que podem ter também relevante valor testemunhal, para além de desempenharem um papel importante na salvaguarda do património cultural e da memória coletiva.

A coleção apresentada e estudada no âmbito desta dissertação com o objetivo de ser transportada e dada a conhecer em diferentes espaços museológicos através de uma exposição itinerante, é privada e inédita. Constituída em torno da indústria baleeira e das atividades com ela relacionadas, a coleção foi sendo adquirida ao longo dos anos pelo Comandante Lizuarte Machado, dos Açores.

A recolha destas peças começou com o interesse do Comandante pela preservação dos exemplares relacionados com a caça à baleia, objetos do quotidiano e de carpintaria naval nos Açores, principalmente na Ilha do Pico.

Apesar de os espécimes encontrarem-se num bom estado de conservação e de serem tomados os devidos cuidados para que aqueles continuem a dispor das propriedades e características materiais originais, esta coleção nunca tinha sido devidamente estudada nem inventariada a níveis museológicos. A metodologia a seguir após esta análise inicial era a inventariação dos objetos e da coleção sendo que os mesmos podiam ser subdivididos em núcleos. Foi realizada uma análise profunda de todos os objetos da coleção sendo examinados e escolhidos aqueles que melhor se enquadrariam nesta exposição.

A conceção destas exposições começou com um estudo profundo das coleções do Comandante Lizuarte Machado, começando pela análise de todos os bens culturais nelas presentes e verificar os que visam representar as coleções no projeto final. Para tal, realizámos o inventário da totalidade da coleção (seguindo os princípios e as boas práticas museológicas).

Na realização do inventário da coleção foi utilizado como exemplo o modelo de ficha Matriz, desenvolvido pelo extinto Instituto Português de Museus (IPM) e cuja estrutura e modo de preenchimento são apresentados pelas *Normas de Inventário – Artes Plásticas e Artes Decorativas* (Pinho & Freitas, 2000). (cf. Anexo II para a ficha de inventário).

Para atribuição do nº de inventário, e depois de ouvido o colecionador adotámos por um código alfa-numérico, começando sempre pela sigla CPCLM (coleção privada Comandante Lizuarte Machado), seguida da extensão correspondente à categoria do bem cultural OUQ (objeto de uso quotidiano), DG (documento gráfico), AA (alfaia agrícola), FC (ferramenta de carpintaria), ICB (instrumento caça à baleia), PTP (petipé), EOB (escultura osso de baleia), RPA (réplica), usando como exemplo para número de inventário um objeto de uso quotidiano: CPCLM.OUQ.009. Foi naturalmente, elaborado o Livro Geral de Inventário.

A metodologia por nós adotada para a elaboração do presente trabalho abarcou em várias fases sendo a inicial o processo longo e minucioso de inventariação dos bens integrantes da coleção, segundo critérios museológicos. Consistiu na recolha de dados dos objetos selecionados, as dimensões, estado de preservação atual, se já tinham submetidos a intervenções de restauro ou consolidação, foi aferida a datação, os autores, o estado em que estes bens culturais estavam acondicionados e foi criado um arquivo fotográfico. Com esta informação foram concebidas as fichas de inventário dispondo as informações acima recolhidas de forma organizada resultando numa base de dados completa.

O seguinte passo consistiu na recolha de dados no arquivo do colecionador, particularidades acerca dos objetos, nomeadamente as histórias que estes contavam, as vivências de quem os criou, quem os restaurou – se assim fosse

o caso – e como chegaram à coleção do comandante, se tinham sido oferecidos, comprados a nível particular ou através de leilão.

Durante esta fase de estudo foram realizadas inúmeras entrevistas e conversas informais com os habitantes da Ilha do Pico e ao próprio Comandante e seus familiares. Obtendo relatos que ultrapassaram a simples observação de objetos em questão, mas também – e maioritariamente – acerca das pessoas que os criaram, sendo que estes relatos eram os mais pormenorizados e os que obtinham mais capacidade de resposta, permitindo uma criação de diálogo mais interativo e pessoal. Estas interações elevaram a narrativa da exposição, pois passámos a possuir testemunhos importantes e valiosos da gente da Ilha do Pico, que trouxeram a memória coletiva daquele povo insular que recorda com saudade outros tempos e nomeadamente outras pessoas.

Finda a fase de investigação e de documentação dos objetos constituintes da coleção em análise concluímos ser esta bastante completa e coerente, capaz de ser apresentada como uma exposição itinerante com propósitos educativos, possuindo todos os componentes necessários à materialização de uma mensagem sólida sobre a indústria baleeira açoriana.

De forma a realizar este trabalho e a avaliar a viabilidade do nosso projeto expositivo, visitámos os seguintes museus: Museu do Mar em Cascais, Museu de Marinha em Lisboa, Museu de Portimão e o Museu Marítimo de Ílhavo. Após as visitas efetuadas, foi possível concluir que a temática da vida açoriana, nomeadamente da caça à baleia, que consideramos de interesse histórico elevado, é praticamente inexistente em todas aquelas unidades museológicas de vocação marítima, pois apenas o Museu de Marinha em Lisboa possui uma breve nota introdutória e reduzidos exemplares sobre o tema.

Na proposta expositiva que idealizámos e que aqui damos a conhecer, esta coleção é apresentada de forma a proporcionar ao público-alvo – identificado com os cidadãos nacionais, residentes no continente, de diferentes escalões etários, inseridos ou não em grupos constituídos - um enquadramento histórico desta atividade pouco conhecida e abordada, a nível museológico, em Portugal continental. É proposto que esta exposição seja o mais abrangente possível a nível de público-alvo, sendo que é pretendida a diversificação, incluindo

diferentes escalões etários, pessoas de nacionalidade estrangeira, com baixa literacia ou baixo nível cultural, formação académica, seniores e pessoas com deficiência, incapacidade sensorial, intelectual, física ou motora.

Estruturando-se em quatro núcleos distintos, mas interrelacionados, a mostra evolui da descrição da vida árdua das populações do arquipélago açoriano no séc. XIX (1º núcleo) para a interligação com o povo norte-americano que lhes deu a conhecer e ajudou a aprimorar conhecimentos relativamente à caça dos grandes cetáceos e que por sua vez provocou alterações no quotidiano.

Os 4 núcleos estão assim organizados e intitulados:

- Primeiro núcleo: A vida quotidiana da Ilha do Pico nos séculos XIX e XX
- Segundo núcleo: A carpintaria naval açoriana
- Terceiro núcleo: A atividade baleeira
- Quarto núcleo: O Artesanato *Scrimshaw*¹

Apesar de a atividade baleeira açoriana ter-se desenvolvido e florescido por todo o arquipélago, o estudo e reflexão presentes nesta dissertação – e consequentemente na exposição que a justifica - estão focados maioritariamente na Ilha do Pico, uma vez que é nesta ilha que o colecionador reside e de onde são originárias muitas das peças da coleção.

Atividade económica central no quotidiano e na cultura das gentes açorianas, a indústria da baleeira tendo embora digna representação no panorama museológico regional açoriano² e da Madeira³, não é devidamente conhecida em Portugal continental, sendo por isso do maior interesse que venha a ser apresentada sob a forma de exposição temporária itinerante, por modo a

¹ *Scrimshaw* é uma palavra de origem inglesa que a arte de gravar e esculpir os dentes e ossos da baleia

² Museu da Indústria Baleeira localizado em São Roque na Ilha do Pico, inaugurado a 20 de maio de 1994, museu de arqueologia industrial e de carácter etnográfico, tem como missão sensibilizar o público-alvo demonstrando como funcionava a antiga, Fábrica da Baleia Armações Baleeiras Reunidas, Lda. O Museu dos Baleeiros, localizado nas Lajes do Pico, inaugurado a 28 de agosto de 1988, tem como missão transmitir a mensagem da baleação artesanal, estacional e costeira. SIBIL – Centro de Artes e de Ciências do Mar nas Lajes do Pico, antiga edificação fabril que foi recuperada entre 2005 e 2007. Tem como missão demonstrar vários equipamentos fabris, biologia e a ecologia dos grandes cetáceos.

³ Museu da Baleia localizado na vila do Caniçal, inaugurado a 26 de fevereiro de 1990. Tem como missão preservar o património, gerar e divulgar conhecimento sobre os cetáceos e o meio marinho.

chegar a vastos e diversificados públicos, integrada ou não em programas pedagógicos/escolares. Estes museus confinam-se à inexistência *in situ*⁴ não incluindo na sua programação quaisquer iniciativas que permitam levar a temática – e as coleções, ou parte delas – para além das respetivas instalações permanentes.

Efetivamente, sendo considerável o número de museus existentes em Portugal cujos acervos se circunscrevem ao mar e às atividades marítimas⁵ esta temática tem estado arredada das respetivas programações.

Como fica dito, o objetivo principal deste trabalho é, pois, a divulgação da indústria baleeira através de uma coleção privada e inédita, cuja proposta expositiva permitirá abordar uma temática mal conhecida dos portugueses, em geral, mas que faz parte da identidade nacional.

Desta forma concebemos dois modelos de exposição, expressos nos respetivos guiões que se apresentam em anexo à presente dissertação e que dela são parte integrante:

- a) Um modelo destinado a um espaço expositivo de maior área que naturalmente poderá acolher um maior número de peças, sendo os museus estudados com área suficiente para albergar esta versão expositiva, o Museu de Portimão e Museu Marítimo de Ílhavo;
- b) Um segundo modelo destinado a uma área menor, onde serão apresentadas menos peças, devidamente selecionadas e suficientes para transmitir a mensagem essencial sobre a cultura baleeira açoriana.

Qualquer um dos modelos de exposição supra, poderá vir a ser reproduzido noutros equipamentos culturais para além dos aqui identificados, desde que reunidas as indispensáveis condições de segurança e de conservação exigíveis.

A decisão do modelo de exposição recairia sobre a entidade museológica recetora, de acordo com o espaço disponível e os seus próprios interesses de programação, sendo uma exposição temporária de grande ou de menor porte.

4 *In situ* é uma expressão latina que significa no lugar.

5 Museu de Marinha em Lisboa, Museu do Mar em Cascais, Museu Marítimo de Ílhavo em Aveiro, Museu de Portimão, entre outros.

Desta forma apresentamos uma coleção em todo o seu formato exemplar, logo completa, em que a melhor forma de estar representada num espaço museológico, é apresentar-se por núcleos que melhor definem as temáticas relacionadas com os bens culturais expostos.

O primeiro núcleo está construído para apresentar da melhor forma, o contexto histórico e o paradigma social açoriano nos séculos XIX e XX, criando um elo com o visitante e introduzindo-o ao tema. É o prelúdio de toda a exposição, em que o conteúdo histórico apresentado cria uma empatia com o espectador, demonstrando e explicando de maneira sucinta, mas cativante, este vasto tema.

Neste núcleo está presente, tal como em toda a exposição, o apoio fotográfico que melhor irá ilustrar o que as palavras não conseguem, juntamente com documentação e objetos de época cuja presença marca e realça para além dos costumes locais, a herança patrimonial da Ilha do Pico e a importância da salvaguarda de bens culturais como identidade das regiões insulares.

No segundo núcleo estão representadas as profissões ligadas à baleação, maioritariamente a carpintaria naval, cuja importância na caça à baleia intensificou-se com o aperfeiçoamento e a evolução do bote baleeiro para o bote baleeiro açoriano.⁶

Os petipés⁷ são um dos maiores testemunhos deixados por parte dos carpinteiros. Também os ferreiros, cujo trabalho foi essencial para o melhoramento de todas as ferramentas utilizadas na construção e durante a caça, trabalhando em objetos como arpões e lanças estarão aqui representados.

Os calafates são igualmente mencionados pelo seu trabalho relacionado com a impermeabilização das embarcações. Os homens que faziam parte das companhias baleeiras, eram também na sua grande maioria os grandes mestres destas profissões, cujos saberes foram transmitidos de geração em geração.

⁶ Este novo bote foi pensado para um novo estilo de baleação - a estacional - praticado a partir da terra e não a partir de navios de apoio - e era inspirado nos modelos americanos, que usavam a região frequentemente para a atividade. Este tornou-se numa embarcação mais comprida, sólida, ágil, veloz e esbelta, melhor adaptada às condições de navegabilidade dos mares açorianos.

⁷ Maquetes à escala das embarcações feitas em madeira.

O terceiro núcleo apresenta uma análise profunda do cerne da atividade baleeira, exemplificando a técnica e saberes necessários exigidos por parte dos marinheiros, como as etapas indispensáveis para a caça do cetáceo.

São feitas duas análises relacionadas com a caça antes e após a Segunda Guerra Mundial, devido ao grande desenvolvimento de certas embarcações que passaram a ser motorizadas e designadas “lança baleeira”. As companhias para além da captura de cachalotes também tratavam da sua transformação, destinada maioritariamente à exportação

O quarto e último núcleo é dedicado ao artesanato *Scrimshaw* ou arte da baleia, isto é, a prática de transformar os dentes, ossos mandibulares ou outras formas de marfim provenientes do animal, em objetos artísticos. Os desenhos eram feitos a partir de incisão e gravação, sendo as ranhuras que definiam o contorno e os detalhes pigmentados.

As peças fundamentais que constituem a exposição são as fotografias e os documentos gráficos, petipés, objetos de uso quotidiano de época, bote baleeiro, réplicas de instrumentos agrícolas e do bote baleeiro, instrumentos de uso agrícola, *scrimshaw* e ferramentas de carpintaria naval. Toda a informação que está relacionada com estes bens culturais encontra-se detalhadamente organizada e descrita no guião da exposição.

É igualmente apresentado um *layout*⁸ de ambos modelos das exposições nos devidos espaços, bem como materiais de apoio e de divulgação: *flyers*⁹, catálogo, folhas de sala, tabelas e textos de sala. Do ponto de vista museográfico, para apresentação das peças no espaço expositivo, foram escolhidas vitrinas com iluminação, e plintos para as peças de grande porte, nomeadamente o carro de bois e o banco em osso de baleia.

Para os petipés e para as demais peças de grande comprimento foi necessário conceber suportes estáveis mas elevados em relação ao nível do solo, de forma a maximizar o espaço circundante, e simultaneamente facultar ao visitante uma melhor perceção visual dos mesmos.

⁸ *Layout* é uma palavra inglesa, que significa plano, arranjo, esquema, design, projeto.

⁹ *Flyer* é uma palavra inglesa, que significa documento desdobrável informativo.

Em termos de narrativa e de discurso expositivo, definimos que ao longo do discurso expositivo existirão textos de sala que introduzem o visitante em cada distinto núcleo, os quais estarão impressos em telas de grandes dimensões e serão apresentadas em duas línguas: português e inglês¹⁰. Consistem na apresentação e contextualização histórica que narra toda a exposição.

Face ao exposto, acreditamos que dentro do universo museológico português de vocação marítima, a apresentação de uma exposição como esta, seria inovadora e fulcral, não apenas como complemento à programação museológica da entidade que a viesse a receber e expor, mas também para educação e fruição dos respetivos públicos- alvo que, neste caso, seriam todos os interessados não só pela temática apresentada como, genericamente, pela Região Autónoma dos Açores, mas também todos os apaixonados pelo colecionismo, que pudessem sentir curiosidade em conhecer uma coleção inédita e diversificada.

Certo é que esta coleção privada encerra o potencial de transmitir o essencial não só sobre da caça ao cetáceo e toda a indústria baleeira, mas também sobre as culturas tradicionais que lhe estão associadas, numa perspetiva histórica e etnográfica bastante completa e cientificamente rigorosa.

Por último, com a apresentação pública e itinerante destes bens culturais, pretende-se chamar a atenção dos visitantes - e da sociedade, em geral - para a importância da salvaguarda de um património cultural móvel que ilustra não apenas uma atividade económica que, durante séculos, foi absolutamente fundamental para toda uma comunidade regional, mas também para o valor das manifestações culturais intangíveis que lhe dão significado. Do mesmo modo, uma exposição como a que propomos, servirá ainda para destacar o papel que o colecionismo privado desempenha na preservação dos testemunhos materiais do passado que corporizam, afinal, a nossa memória coletiva

¹⁰ Embora o público-alvo desta exposição seja o habitante de Portugal continental – maioritariamente português – porque se pretende que a exposição seja o mais inclusiva possível, os respetivos conteúdos serão sempre bilingues.

CAPÍTULO I – COMANDANTE LIZUARTE MACHADO: UM AÇORIANO APAIXONADO PELO COLECIONISMO

1. O colecionador e a coleção

O proprietário das coleções que constituem objeto da presente dissertação é o Comandante Lizuarte Manuel Machado, nascido no Caminho do Cruzeiro, Lugar da Ponta da Ilha, Freguesia da Piedade a 30 de agosto de 1959. Filho de Leonardo Augustinho Machado um pescador bastante habilidoso e de Natália Fernandes da Areia, doméstica, teve como avós maternos Jaime Leal da Areia e Deolinda Fernandes da Silva e avós paternos Leonardo Augusto Machado e Amélia Raulina de Freitas e como única irmã a Dra. Noélia Maria Machado. Casado com Rosária Maria Gomes Fernandes, o Comandante tem um único filho o Engenheiro Civil João Pedro Fernandes Machado.

Com poucos meses de vida o Comandante foi viver para o Lugar dos Fetais, terra de sua mãe, e daí para o Lugar da Manhêna, onde concluiu, na Escola Primária da Piedade os primeiros dois anos do ciclo básico. Matriculado como aluno externo no Antigo Liceu da Horta, com o apoio do seu professor primário, Manuel Teles Bettencourt, completou o primeiro ciclo do liceu.

Em 1971, o jovem Lizuarte Machado segue para Ponta Delgada onde se matricula no Liceu Antero de Quental terminando aí os estudos liceais e seguindo posteriormente para a Escola Superior de Estudos Náuticos Infante D. Henrique, em Paço de Arcos onde frequenta o Curso Superior de Pilotagem.



Figura 1 - Comandante Lizuarte Machado. ©ComunicarAtitude

Em 1980 tendo já terminado o curso Geral de Pilotagem, 1ª fase, embarca, desempenhando então a função de Imediato/Segundo Comandante, na SPM – Sociedade de Pesca Miradouro, de onde transita, em 1989 para a Transinsular – Transportes Marítimos Insulares, SA deixando esta empresa, já como comandante, em 1996.

Entretanto em 1991 termina a 2ª fase do Curso Superior de Pilotagem e torna-se o primeiro português licenciado em Gestão e Tecnologias Marítimas.

É Capitão da Marinha Mercante com certificado de Competência de “MASTER” sem restrições, emitido de acordo com as normas da Convenção IMO “STCW”, Lizuarte Machado possui certificado geral de operador radiotelegrafista, certificado de operador de Radar e Arpa, certificado do Curso Avançado de Combate a Incêndios, Carta de Patrão de Alto Mar e Navegação de Recreio e certificado de Competência de Piloto de Barras e Portos. Desempenha ainda a função de consultor de empresas e tem sido orador convidado em inúmeras conferências relacionadas com as temáticas da Segurança Marítima e com a Economia do Mar.

Em 1996 inicia funções como Diretor Geral da OPERTRI – Sociedade de operações Portuárias, Lda., assumindo, cumulativamente, funções, como Administrador da Transmaçor e da Mareocidental entre 1999 e 2000.

Em 2000, abarca a vida política e é eleito Deputado Regional pelo Círculo Eleitoral do Pico. Nesta nova função integra as Comissões de Economia, de Acompanhamento da Ação Governativa no Âmbito da Reconstrução dos Estragos do Sismo de 9 de Julho de 1998, de Política Geral, de Inquérito à Segurança Social e de Inquérito ao Transporte Marítimo de Passageiros e Infraestruturas Portuárias/Fase Inicial e, é ainda, Vice-Presidente do Grupo Parlamentar entre 2004 e 2008, depois de ter ocupado o cargo de Vereador da Câmara Municipal das Lajes do Pico, entre 2001 e 2005.

Lizuarte Machado concluiu as suas funções de deputado regional no dia da instalação da Nova Assembleia Regional dos Açores saída das eleições de 16 de outubro de 2016 e reiniciou, então funções como Piloto de Barras e Portos.

O Comandante participou - e participa ativamente - como membro eleito dos respetivos corpos sociais, de várias instituições da Freguesia da Piedade nomeadamente, Futebol Clube da Piedade, Sociedade Filarmónica União Musical da Piedade, Irmandade do Salão dos Fetais, Associação Cultural e Musical da Piedade e Liga dos Amigos da Manhêna.

O interesse pelo colecionismo começou quando o Comandante ainda era criança altura em que amigos, já de idade avançada, lhe contavam histórias e vivências acabando por lhe oferecer um objeto cujo valor sentimental e histórico era considerável. Estes pequenos presentes foram despertando o interesse pela recolha de exemplares históricos do arquipélago dos Açores e mais tarde ampliando o fascínio pela obtenção, restauro e manutenção destas peças.

A aquisição das peças foi, durante anos, o resultado de investimento financeiro por parte do Comandante, que culminou no reconhecimento e interesse de toda a Ilha do Pico por esta coleção que crescia exponencialmente.

As coleções do Comandante incluem objetos ilustrativos do quotidiano das populações açorianas, com peças datadas dos séculos XVI e XX, como ferramentas de carpintaria, petipés¹¹ (Machado, 2016:8), utensílios agrícolas, utensílios de transformação de produtos agrícolas ou associados à criação de animais e objetos de quinta em pedra.

É do interesse do colecionador conservar e valorizar não só as peças da sua coleção, enquanto testemunhos materiais de um modo de vida indissociável das características intrínsecas dos Açores, como também enaltecer quem lhes deu origem, tal como expresso no livro *Petipés da* autoria do próprio Comandante Lizuarte Machado, onde são apresentadas as embarcações mas também quem as construiu (Machado, 2016:7), desta maneira produzindo uma memória que é estendida para além do objeto mostrando os rostos e homenageando as histórias e as vidas coletivas dos carpinteiros navais açorianos.

¹¹ Pe.ti.pé, substantivo masculino / escala de redução nos mapas / régua com divisões geralmente utilizada por arquitetos / Do francês [au] *petit pied*, «em ponto pequeno» (Machado, 2016:8).

Mais do que apenas colecionar objetos, sempre foi intenção do colecionador preservar para o futuro a memória de agentes e de manifestações seculares intimamente ligadas ao passado e à personalidade de um povo, sendo que algumas das peças que integram a coleção em análise já foram cedidas a entidades museológicas da Ilha do Pico, incluindo o Museu dos Baleeiros das Lages do Pico, o que dá a dimensão do valor cultural e da raridade de alguns destes bens

Apesar de todos os objetos da coleção¹² permanecerem por desejo do colecionador, dentro da família, e não sendo intenção do Comandante doá-los a instituições ou museus do arquipélago ou do continente, o núcleo dos petipés terá outro destino. Apesar de continuar a fazer parte das coleções privadas da família, passará, por protocolo a celebrar entre o colecionador e Secretaria Regional da Educação e Cultura, a integrar a exposição permanente do Núcleo da Construção Naval de Santo Amaro do Museu do Pico. Contudo a condição imposta por parte do proprietário relativamente às doações não impede que estas, assim que protocoladas, não possam ser disponibilizadas para exposições temporárias realizadas por instituições terceiras, públicas ou privadas.

1.1. As coleções da Quinta do Cabeço

A Quinta do Cabeço foi adquirida pelo Comandante em 1986 - e consiste numa propriedade rural, com casa apalaçada com três pisos e dezanove divisões, casa de arrumos, casa de animais e oficina, incluiu ainda mais quatro hectares de solo arável. O interesse em reunir uma coleção de artefactos agrícolas e de quinta está relacionado com o de que na edificação já existirem, à data da sua aquisição, alguns objetos que suscitaram fascínio ao colecionador açoriano. As primeiras peças adquiridas foram bebedouros de pedra, arados e ferramentas de carpintaria e construção naval.

¹² Usamos a definição de “coleção” dada pelo Regulamento (CE) N.º 116/2009, do Conselho, de 18 de dezembro de 2018, a qual teve por base a definição do Tribunal de Justiça, no seu acórdão no processo 252/84, “isto é [um conjunto] objetos relativamente raros que normalmente já não são utilizados para o fim a que foram inicialmente destinados, sendo suscetíveis de transação à margem do comércio usual de objetos similares utilizáveis e possuindo elevado valor».



Figura 2 - Casa do Cabeço, Ponta da Ilha, Piedade, Ilha do Pico, Maio de 2017. ©Ana Segundo

Atualmente os bens que são adicionadas à coleção são adquiridas através de ofertas por parte de terceiros, particularmente habitantes do arquipélago que possuem peças de reconhecido valor cultural mas que se encontram em deficiente estado de conservação ou abandonadas e que sabendo que o Comandante tem gosto pela salvaguarda deste património, oferecem-nas para que não sejam deixadas no esquecimento.¹³

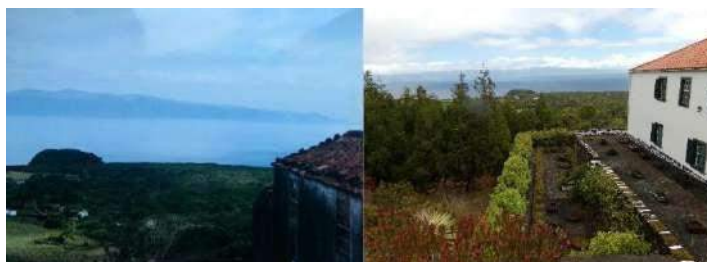


Figura 3 - Quinta do Cabeço - em 1987, antes da renovação (à esquerda). Quinta do Cabeço, 2017 (à direita). Vista do Alçado Norte. ©Lizuarde Machado e ©Ana Segundo

Não se sabe exatamente a data de construção da Casa do Cabeço, no entanto sabe-se que é posterior a 1756, pois nesta data, um violento sismo assolou a Ilha do Pico, onde nenhuma edificação humana permaneceu intacta. Consta que tem o registo matricial urbano nº 385 pelo que sendo nessa data a Ilha já densamente povoada, terá sido por esta altura – segunda metade do século XVII - iniciada a sua construção.

¹³ O Comandante recorda que lhe foi oferecida uma peça há cerca de 15 anos por um habitante da Ilha do Pico, Senhor Manuel Freias, de 72 anos que convidou o colecionador a sua casa onde lhe foi apresentado um petipé bastante antigo que fazia parte da família há muitos anos. Esta peça encontrava-se em degradação uma vez que o dono nunca teve a oportunidade ou conhecimento para que a mesma fosse tratada. Ao tentar adquirir monetariamente o petipé, o Comandante foi surpreendido pela oferta do mesmo, tendo o idoso indicado que preferia oferecer o objeto de grande valor sentimental e cultural a alguém que o iria estimar. Informação verbal concedida pelo Comandante Lizuarde Machado a 25 de Novembro de 2017, em entrevista.

A Casa do Cabeço foi mandada erguer pelo cidadão Ferreira Martins, muito conhecido na época por ter feito fortuna no Brasil, e posteriormente por se ter instalado na Ilha do Pico como comerciante de artigos importados de África e do Brasil, empregando artífices que trabalhavam para o próspero comerciante¹⁴. A casa ficou particularmente conhecida na ilha, pelo principal facto de que era o único local onde se podia comprar açúcar.



Figura 4 - Quinta do Cabeço, 1987 antes da renovação (à esquerda). Quinta do Cabeço, 2017. Vista do pátio interior (à direita). ©Lizuarte Machado



Figura 5 - Bebedouro de pedra, 2017 (à esquerda). Lavadouro de roupa, 2017 (à direita). ©Ana Segundo

¹⁴ Informação verbal concedida pelo Comandante Lizuarte Machado e populares da Ilha do Pico a 3 de Fevereiro de 2017, em entrevista realizada pela autora



Figura 6 - Quinta do Cabeço, 1987 antes da renovação (à esquerda). Quinta do Cabeço, 2017.
Vista do Alçado Leste (à direita). ©Lizuarte Machado

Já em adulto, com mais recursos, o Comandante foi adquirindo mais peças numa outra escala - e com mais qualidade, tendo em foco duas temáticas: a construção naval açoriana e agricultura açoriana. Esta especial atenção e paixão pelo colecionismo continuaram até ao presente, tendo como testemunho as várias peças que constituem os vários núcleos do Comandante Lizuarte Machado.

As peças que iniciaram esta coleção começaram por ser obtidas a partir do ano de 1986 variando entre objetos de quinta e agrícolas, agulhas magnéticas, artesanato *Scrimshaw* e petipés, de origens distintas.

Como frequentemente sucede com algumas coleções etnográficas, cujos saberes associados se encontram em vias de extinção, os objetos da coleção em análise foram intervencionados pelos carpinteiros Manuel Bettencourt e Rui Bettencourt, cujo conhecimento empírico foi sendo transmitido em família durante gerações e que são hoje dos poucos que guardam a memória dos princípios construtivos e das técnicas do passado. As intervenções realizadas por estes homens são consideradas pelos próprios e habitantes da ilha como “restauração”, nome que é genérica e indiscriminadamente aplicado ao ato de reabilitar uma peça que se encontra degradada. Importará recordar que o valor testemunhal e de memória não se extingue na simples materialidade dos bens, antes se alicerça e abarca igualmente os contextos e a imaterialidade que os justificam e lhe dão significado.

Recorde-se, a propósito, o disposto na Lei N.º 197/2001, de 8 de setembro, designadamente no n.º 2 do seu artigo 91.º, dedicado ao âmbito e regime dos bens imateriais, que determina que “Especial proteção devem merecer as expressões orais de transmissão cultural e os modos tradicionais de fazer nomeadamente as técnicas tradicionais de construção e de fabrico e os modos de preparar os alimentos”.



Figura 7 - Carpinteiro Manuel Machado Bettencourt, mais conhecido por Manuel Júlio, um dos homens responsável pelo “restauro” implementado em algumas das peças da coleção do Comandante Lizuarte Machado. © Lizuarte Machado

O processo de “restauro” de uma peça carenciada realizado por estes mestres carpinteiros, inicia-se com uma breve avaliação do respetivo estado de conservação, seguida de uma limpeza de pós e poeiras que estejam depositados, para que a superfície esteja preparada para o seguinte passo que consiste em utilizar um produto próprio para madeiras que previne o aparecimento e a multiplicação do inseto xilófago (vulgo caruncho), de térmitas, entre outros ataques biológicos. Após estes procedimentos é colocado um verniz para proteger o material. Esta metodologia é realizada em todas as peças de madeira. Na eventualidade de existir dano causado pelo tempo ou pelos insetos xilófagos¹⁵ este não é mascarado nem alterado, pois o objetivo final e a principal preocupação consistem em manter a peça consolidada e livre de ameaças que comprometam as suas características, de modo a impedir que eventuais danos possam ocorrer.¹⁶

¹⁵ Furos e depressões na madeira que comprometem a sua integridade.

¹⁶ Informação verbal concedida pelo carpinteiro Manuel Machado Bettencourt a 10 de julho de 2017, em entrevista informal realizada pela autora

No entanto, caso exista uma peça que esteja parcialmente destruída, sem possibilidade de ser restaurada ou reabilitada – e apenas nestes casos -, o restaurador/carpinteiro poderá tomar a decisão de substituir peças¹⁷ na sua totalidade ou parcialmente. Para estes artificios não existe a noção que este ato possa ser considerado problemático do ponto de vista da salvaguarda patrimonial ou ser ponderada a desvalorização cultural do objeto, uma vez que estas ações são recorrentes. A decisão que recai sobre os procedimentos a adotar em situações semelhantes às acima descritas é bastante simples, se uma peça tem um elemento-material que se encontra integralmente irrecuperável e que está a prejudicar o estado de conservação geral da objeto, aquele é substituído por um outro mesmo material, mas recente. A explicação facultada pelo “restaurador” e que justifica esta ação consiste no desejo de trazer um determinado objeto de valor histórico e cultural para um estado de conservação estável, mantendo as marcas do tempo, exceto quando estas possam danificar de forma irreversível a peça.

1.2. O núcleo etnográfico da coleção Lizuarte Machado

O núcleo etnográfico da coleção é constituído por um total de mais de 200 ferramentas de carpintaria que incluem plainas, desbastadores, enchós, esquadros, cantis simples e de braços, guilhermes, breças, puas, furadores manuais normais e de parede, banco de carpinteiro com torno, martelos, formões, maços, ferros de calafetar, réguas de madeira e de escalas, gualhos, grampos, serrotes, serras normais e de braços, tarraxas metálicas e de madeira, nível, sutas, esmerilhos com base de madeira e metálico, etc., dos quais cerca de 70% foram sujeitos e intervenções de conservação e restauro. Estas intervenções consistiram principalmente, na limpeza e envernizamento da peça, seguidas de subseqüentes e constantes cuidados de conservação.¹⁸ As peças que se encontravam em estado de degradação material bastante avançado e/ou que tivessem partes cuja recuperação pelo restauro era impossível, eram então substituídas na íntegra, como já referido.

¹⁷ Exemplo deste método está na intervenção de um barril datado de 1915 onde os aros metálicos que constituem a peça foram na sua totalidade substituídos pelo mesmo material

¹⁸ Estas intervenções são realizadas tanto pelos carpinteiros como pelo próprio Comandante, na sua oficina na Quinta do Cabeço.

Apesar de o colecionador ter prazer em ele próprio contribuir para a recuperação dos objetos, estas substituições dependem sempre da decisão dos carpinteiros, que também restauram peças de caráter histórico e utilitário, como por exemplo a caneca de pastor, cujos aros metálicos estavam para além da recuperação e foram substituídos.

Os mais de 90 utensílios e instrumentos agrícolas da coleção incluem um carro de bois, sebe, cangalhas, albardas, ferros de carga para cavalos, freios, arados de madeira, arados de ferro de dois e de um animal, grade, foices de vários tipos e para diversos fins, caliveiras de madeira e metálicas, escrepa, machados, foices, semeadores de milho, alviões, pegas, tamoeiros, entre outros. Mais de 80% destas peças já foram intervencionadas, apresentando-se atualmente em perfeito estado de conservação.

A par das alfaias agrícolas acima referidas, as coleções do Comandante contam também com mais de 30 utensílios de quinta que incluem canecas de madeira para ordenha, potes de madeira e de barro para água, lavadoura de madeira, selhas de madeira para diversas finalidades como sejam, de amassar o pão, tomar banho, de lavar a roupa, de lavar os pés, medidor de vinho em madeira, funis de madeira, pipas, lagar, entre outros. Cerca de 30% foram sujeitos a restauro. Os vários objetos estão datados entre o século XVIII e o século XX.

Contam-se ainda mais de 20 utensílios de transformação de produtos agrícolas ou animais que incluem prensa de adegas, espremedores de uva, espremedor de frutas, fiadores, cardas, debulhadores e milho com estruturas de madeira e com estrutura de metal, moinho manual de café, entre muitos.

Os objetos de quinta em pedra que são mais de 80 incluem bebedouros, mós, pesos de lagar, lavadouros de roupa, entre vários. Estes objetos não foram sujeitos a intervenções de restauro, pois estão materialmente estáveis, sendo que alguns bebedouros de pedra continuam a ser utilizados pela família.

Relativamente à coleção dos petipés, foi iniciada na década de 1980 - e é constituída por 100 peças no total. A coleção começou a florescer quando o Comandante Lizuarte Machado se encontrava a estudar na Escola Superior de Estudos Náuticos Infante D. Henrique, como referido anteriormente.

(...) Comecei a ter percepção do valor cultural/histórico das mesmas e da forma como através delas, da sua história e da história dos seus construtores bem como das embarcações a que deram origem era possível escrever/registar parte da nossa história coletiva. (...) Esta coleção deu origem a um livro, da minha autoria, já publicado e intitulado “Petipés, Carpintaria Naval e Açoriana”¹⁹



Figura 8 - Espaço construído para albergar as peças da coleção do Comandante que também é utilizado como oficina para pequenas intervenções de conservação. ©Ana Segundo

Dentro desta coleção de petipés mais de 20% foram sujeitos a restauro, sendo que dela constam também agulhas magnéticas e bitáculas, em bom estado de conservação.

O núcleo dedicado ao artesanato *Scrimshaw* é composto por cerca de 50 peças de, entre as quais esculturas de golfinhos e cachalotes e gravuras em dentes de baleia de costumes locais ou representações do tempo vivido pelos marinheiros durante a caça ao cetáceo.

As coleções encontram-se guardadas na propriedade do colecionador onde permanecem acondicionadas devidamente num espaço que lhes é especificamente dedicado e em boas condições ambientais. Contígua a este espaço também se encontra uma pequena oficina onde algumas peças são tratadas e restauradas pelo próprio colecionador.

¹⁹ Informação verbalmente concedida pelo Comandante Lizuarte Machado a 3 de fevereiro de 2017, em entrevista informal realizada pela autora



Figura 9 - Pequeno espaço denominado de oficina, dedicado a pequenas intervenções no objetos por parte do Comandante, nomeadamente aplicação do produto para matar insetos xilófagos e envernizamento das peças de madeira. ©Ana Segundo

1.3. A coleção sobre a indústria baleeira

A coleção dedicada à indústria baleeira congrega, em rigor, peças de quase todas as demais coleções, focando-se maioritariamente nas peças de quase todos os demais núcleos focando-se maioritariamente nas peças de *Scrimshaw*, carpintaria naval, utensílios do quotidiano, utensílios agrícolas e petipés. Dentro da temática está também incluído o bote baleeiro pertencente à família que se encontra num bom estado de conservação, tendo sido submetido a intervenção de restauro que permitiu que a embarcação se aproximasse do seu estado original, e em condições que permitem novamente a sua navegabilidade.

A pequena edificação designada por Vigia da Baleia localizada no cabeço perto da propriedade da família, adquirida pelo colecionador, também foi submetida a uma intervenção de restauro recentemente. É um dos bens culturais fulcrais que apesar de ter que permanecer no local de origem por motivos óbvios (é um bem imóvel), é essencial para dar o enquadramento histórico e interligar a coleção com a temática da indústria baleeira açoriana.

Os documentos fotográficos que também integram a coleção relatam de forma gráfica os passos necessários para uma caça à baleia bem-sucedida, iniciando-se com a partida dos botes no cais atrás do animal, o lançamento de arpões, o reboque do cetáceo para a costa, o processo de desmantelamento do animal, a população e os seus costumes.

As fotografias em causa estão relacionadas com a vida dos marinheiros mais proeminentes da ilha. O colecionador possui mais de 1000 fotografias, cujos temas são diversos, ilustrando igualmente outras atividades marítimas e agrícolas.

Em suma os bens culturais do Comandante podem ser divididos em quatro temáticas, sendo a primeira relacionada com os objetos que relatam os costumes e vivências quotidianas do povo da Ilha do Pico durante o séc. XIX e o séc. XX, seguido dos objetos de carpintaria naval, ferramentas ligadas à baleação e os mestres que as criaram. A terceira temática fundamenta-se na vertente industrial da baleação, sendo que a quarta - e final – concentra-se no artesanato *scrimshaw*. Com estas coleções foi criada uma interligação dos diferentes núcleos dos quais saíram exemplares para a exposição itinerante aqui proposta.

CAPÍTULO II – INDUSTRIA BALEEIRA AÇORIANA

2. Breve introdução à indústria baleeira açoriana

Este capítulo serviria com as necessárias adaptações, de texto a publicar no catálogo da exposição itinerante após a apresentação do colecionador e da sua coleção.

Para explicar a indústria baleeira no arquipélago dos Açores tem que ser abordada também a caça à baleia e toda a atividade realizada no Norte da América que se iniciou no séc. XVII, nomeadamente nas ilhas de Long Island (localizada no sudoeste do estado de Nova Iorque), e Nantucket coincidente com a ilha homónima do estado de Massachusetts. Durante o séc. XIX New Bedford também do estado de Massachusetts, New London, situada na costa nordeste dos Estados Unidos no sudeste do estado de Connecticut, e Nantucket foram os três portos mais importante para a caça à baleia, tendo as cidades de New Bedford e de New London sido apelidadas de *Whaling City*²⁰.

Nos finais do séc. XVII os americanos começaram a construir embarcações à vela destinadas para a caça à baleia, denominada de caça à baleia estacionária.



Figura 10 - Porto da Horta na Ilha do Faial, embarcações americanas atracadas enquanto os marinheiros adquiriam provisões. (Ellis, 1991: 299)

Os açorianos não optaram por este tipo de caça, tendo começado a praticar baleação ativa, organizando-se com dois grupos de homens, o primeiro grupo estaria encarregue da vigilância do mar e quando avistado um cetáceo avisariam o segundo grupo que estaria pronto para se deslocar para o mar.

²⁰ Do Inglês, a cidade da baleação.

As tripulações americanas eram compostas por 30 a 35 homens organizados hierarquicamente, começando pelo comandante, imediato, três a quatro oficiais e arpoadores. (Cymbron & Dutra, 2013: 27) Os carpinteiros, fanoeiros, ferreiros e cozinheiro eram superiores aos marinheiros baleeiros, após a caça processavam a baleia e armazenavam a matéria-prima. As áreas de baleação por parte dos marinheiros Americanos estenderam-se até ao arquipélago dos Açores em 1770 iniciando-se uma ligação entre as povoações.

O sistema de pagamento destes homens recaia na divisão dos lucros contabilizados no fim de cada viagem, cabendo a cada ofício uma percentagem pré-acordada. Este sistema diminuía o risco de perda de lucro de viagem e encorajava a tripulação.

O processo da caça à baleia americana consistia em duas vigias que do cesto da gávea da embarcação observavam o oceano com binóculos na expectativa de encontrar os cetáceos. Quando uma baleia era avistada os baleeiros gritavam *There she Blows!*²¹ Após este anúncio eram lançados de imediato os botes baleeiros que lentamente e com cuidado se aproximavam do animal a remos ou à vela caso as condições marítimas assim o favorecessem. Numa primeira instância era lançado o arpão que estava preso a uma corda com cerca de 230 braças²² para prender o animal ao bote. (Cymbron & Dutra, 2013: 30) Após persistente perseguição o animal estaria cansado e era então morto pela lança que era arremessada inúmeras vezes nos pulmões até o sangue começar a sair da narina. Durante esta fase da caça os homens tinham apenas que esperar pela morte do animal que era então rebocado a remos até à barca baleeira. Numa situação normal o cetáceo não atacava as embarcações que o perseguiam, mas naturalmente aconteciam acidentes durante as caçadas nomeadamente quando o animal estava quase morto e com comportamentos imprevisíveis numa tentativa de salvação, batia com a cauda no bote. Depois de morto o cetáceo era rebocado pelos botes até à barca baleeira, era preso ao costado do navio e eram iniciados os trabalhos de desmantelamento que eram

²¹ Expressão inglesa para anunciar o avistamento de um cetáceo, em Português era utilizado “Baleia! Baleia!”

²² Aproximadamente 400 metros

realizados numa plataforma de madeira presa à borda do navio. (Recarte, s/d:1-10)

Eram realizados quatros passos para tratar da carcaça:

1. Separação da cabeça que era feita pelo arpoador
2. Escalpelizar do toucinho que era cortado em grandes tiras e içados para bordo para serem passados no triturador, que resultaria no toucinho moído que acelerava a produção do óleo
3. Desmancho da cabeça que era separada do corpo para extrair o espermacete²³
4. Mandíbula retirada e dentes recolhidos para trabalhos de *Scrimshaw*



Figura 11 - Desmantelamento de um cetáceo em frente à fábrica da baleia, edificação que hoje em dia se apresenta como Museu da Indústria Baleeira em São Roque do Pico. Autor da fotografia: desconhecido. Documento gráfico pertencente à coleção privada do Comandante

A partir de 1860 o desenvolvimento da indústria baleeira americana entrou numa fase de declínio, sendo os grandes motivos a descoberta da tecnologia útil para a extração de petróleo que fez com que o preço do óleo de baleia nos mercados baixasse significativamente perdendo o seu valor monetário. Foi também durante este período que se iniciou a Guerra Civil Americana, durante a qual a Confederação destruiu a frota baleeira americana. Apesar de todos estes contratempas a indústria baleeira americana retomou novamente a atividade.

²³ O espermacete é uma massa sólida, branca ou amarelada, lustrosa, foliácea ou cristalina semelhante à cera pura de abelhas.

A 1ª Grande Guerra fez com que houvesse uma maior procura de espermacete pois era o óleo preferido para lubrificar a sofisticada maquinaria de guerra mas no final da guerra existia apenas um único porto baleeiro com atividade regular: New Bedford. (Cymbron & Dutra: 2013: 24)

Com o avanço da tecnologia e novas descobertas a baleação americana entrou novamente em esquecimento, tendo sido a última embarcação baleeira a sair do porto de New Bedford a 26 de Agosto de 1924 tendo sido a embarcação e todos os tripulantes vítimas de um acidente. O capitão desta embarcação era Antone Thomas Edwards curiosamente António Tomás Eduardo, açoriano nascido na Ilha das Flores (Cymbron & Dutra: 2013: 24).

2.1. A Indústria Baleeira açoriana

Devido à localização geográfica do arquipélago os Açores transformaram-se num lugar conveniente à paragem dos baleeiros americanos para o provisionamento de frescos, água e por vezes de tripulação. Estas ilhas eram conhecidas entre os baleeiros como *western islands*²⁴, as paragens por parte das embarcações americanas no arquipélago datam de 1765, sendo a baía da Horta a mais procurada pois acolhia as melhores condições de abrigo e provisões necessárias às tripulações. (Ellis, 1991: 298) Entre 1900 e 1913 foi registada a entrada de 107 navios baleeiros, que na grande maioria eram provenientes de New Bedford. A última embarcação americana assinalada no porto da Horta data de 1921, três anos antes do final da caça nos Estados Unidos da América.

O início da baleação açoriana deve-se ao facto de durante as passagens dos americanos pelas ilhas dos Açores muitos jovens serem recrutados, o que para muitos significava a evasão do recrutamento militar. A pobreza em que as populações rurais viviam, significava em trabalho árduo na agricultura pouco produtiva e, conseqüentemente, pouco lucrativa, resultou numa generalização na emigração durante os séculos, XVIII e XIX em todas as ilhas dos Açores. (Bettencourt, 1996: 18).

²⁴ Do Inglês, ilhas ocidentais.

Os americanos viam estes novos baleeiros como homens que usavam chapéus de palha, calças rasgadas ou com remendos, camisola azul, com um simples cinto e faca atacada a este, estavam todos descalços (Ellis, 1991: 300).

Dentro das embarcações americanas os açorianos destacavam-se como simples marinheiros ou arpoadores, tinham salários reduzidos e por vezes não recebiam qualquer remuneração, trabalhando apenas em troca da viagem até à América do Norte, radicando-se nas cidades da costa leste dos Estados Unidos da América. A afluência dos barcos baleeiros americanos fomentava o investimento dos ilhéus, na tentativa de estabelecerem a baleação em alto mar, preparando os navios que foram mandados armar nos EUA. Grande parte desses navios foram adquiridos em segunda mão, e em certas ocasiões, acabaram por ser considerados inadequados para os portos dos Açores.

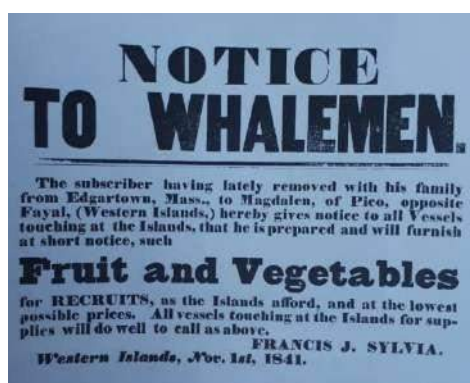


Figura 12 - Anúncio publicado por um Americano que se instalou na Ilha do Pico, avisando a todos os baleeiros que atracarem na ilha que está a vender provisões, 1841. (Ellis, 1991: 301)

Os açorianos tentaram imitar a técnica dos baleeiros americanos, onde a caça ao cetáceo era realizada em alto mar, mas após frustradas tentativas, as técnicas americanas foram ultrapassadas e foi criado um novo tipo de baleação, a partir da costa. Em 1860 foi constituída a primeira armação costeira dos Açores e em 1876 a primeira armação açoriana com registo formal.

Com este novo tipo de caça veio também a necessidade de novas embarcações que melhor se adaptassem às condições marítimas. No final do século XIX os açorianos tornaram-se independentes dos americanos, relativamente aos botes baleeiros. Em 1894 um antigo baleeiro da Ilha do Pico, Francisco José Machado (mestre experiente) decidiu desmontar, peça por peça, um bote baleeiro americano velho e construir uma nova embarcação.

Este novo bote foi modificado tornando-se mais comprido, flexível, sólido, leve e veloz, melhor adaptado para a baleação costeira praticada nas ilhas. A este novo bote deu-se a denominação de “bote baleeiro açoriano”.

Em 1890 as armações baleeiras nos Açores começaram a crescer em todas as ilhas, existindo em todo o arquipélago trinta e três. 1 Armação em Santa Maria, São Miguel e Graciosa, 2 Armações em São Jorge, 3 Armações nas ilhas da Terceira e Corvo, 4 Armações na Ilha do Faial, 7 Armações na Ilha das Flores e 11 Armações na Ilha do Pico (Cymbron & Dutra, 2013: 54)

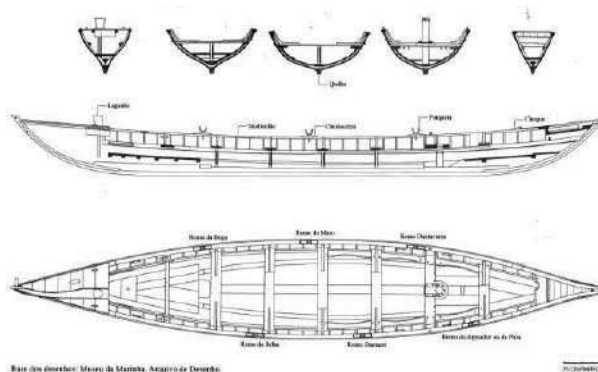


Figura 13 - Plano de um bote baleeiro açoriano. Documento da coleção do Comandante

Tabela 1: Número de botes e cachalotes capturados por ilha entre 1886 e 1890.

Ilhas	Nº botes baleeiros	Cachalotes capturados (1886/1890)
Pico	37	62
Faial	10	17
Flores	19	22
Corvo	6	6

A ilha do Pico era a que se afirmava como a ilha com mais armações onde se capturavam mais exemplares e se registava uma maior produção de óleo. Após a Primeira Grande Guerra graças ao desenvolvimento tecnológico foi criada outra espécie de embarcação, a lancha a motor, era um reboque mais rápido e foram utilizados durante as décadas de 1920 e 1930. No entanto as armas de fogo nunca chegaram a ser adaptadas pelos botes baleeiros sendo que o método utilizado e a técnica eram eficazes.

A descoberta de novas utilizações para o óleo de cachalote e espermacete nas indústrias química e têxtil resultou num novo impulso para a baleação açoriana, oferecendo oportunidades de novos mercados para exportação. O método de processamento de cachalote que era praticado até à data continuava a ser um processo rudimentar e obsoleto.



Figura 14 - Lancha a motor, "Maria Manuela". Autor desconhecido, (fotografia a cores da coleção do Comandante).

Em 1889 existiam as vigias da baleia, pequenas edificações nas montanhas proporcionadas de uma vista que abrange grande parte do mar, percorrendo o horizonte com binóculos à procura do animal. As vigias eram o espaço terrestre da indústria baleeira, havia vigias de profissão que eram pagos através de uma retribuição monetária. Estes homens indicavam aos baleeiros o caminho que estes deveriam seguir até aos cetáceos através de 4 sinais distintos: lençóis, que eram pendurados nas rochas, bandeiras hasteadas para indicar que havia cetáceo à vista, quando o cachalote era morto, a bandeira era colocada a meia haste, informando a preparação das caldeiras para extração do óleo. Foguete que consistia num sinal sonoro forte para que fosse ouvido por todos. Até ao final da baleação continuava a ser utilizado e A partir de 1947 com a instalação dos radiotelefonos, os restantes sinais foram abandonados (Figueiredo, 1996: 89-95).

2.2. O processamento do cachalote

Depois de morto, o animal era rebocado até ao local de desmancho que se localizava perto dos locais de arriagem e varagem das embarcações, caso existisse um cais, o cachalote era então aí encestado e desmanchado. Todo este processo era feito ao ar livre e realizado em frente às fábricas destinadas a colher as peças do animal para transformação.

2.3. Óleo de cachalote

O óleo de cachalote foi sempre o produto mais importante da indústria baleeira açoriana e o único até aos Anos 40 do século XX, o que fazia com este produto fosse extremamente procurado. Relativamente à exportação no século XIX esta era feita maioritariamente para a América do norte. Durante o século XX começou a exportação para a Europa, onde o óleo era usado como lubrificante de maquinaria especializada. O trabalho era rudimentar o que causava num grande desperdício de matéria-prima e gordura, no entanto com o aparecimento de novas fábricas de processamento integral, a indústria passa a aproveitar a carne, os ossos e o sangue do animal para produção de farinhas.

Com o início da Segunda Guerra Mundial a montagem da fábrica das farinhas do Pico ficou por finalizar até 1942, sendo então equiparada com maquinaria construída em Portugal. As farinhas começam a ser comercializadas como adubo, e mais tarde, como componente das rações para animais. Nesta altura também apareceram as primeiras armações baleeiras que se organizaram em sociedades por quotas, constituídas por escrituras públicas.

A inovação na produção de material bélico, aumentou também a procura da matéria gorda que era usada para a lubrificação da maquinaria. (Cymbron & Dutra, 2013: 59-60)



Figura 15 - Frasco de óleo de cachalote. Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93leo_de_baleia#/media/File:Bottle_of_whale_oil.jpg

Como os países exportadores de óleo de baleia tinham abatido as duas frotas baleeiras e o mercado encontrava-se deficitário, os preços do óleo subiram, instantaneamente a produção açoriana que era muito limitada em relação às necessidades da Europa, passava a ser praticamente a única fonte de abastecimento, desta forma as empresas açorianas conseguiram ampliar os seus meios de produção.

Durante o pós- guerra as fábricas reiniciaram a sua atividade e em 1949 os preços do óleo foram baixando a grande quantidade de óleo produzido nas fábricas ficou retida nos depósitos e as armações baleeiras açorianas foram obrigadas a cessar a atividade. Em 1950/51 com o início da Guerra da Coreia houve novamente mercado para venda de óleo de baleia e a crise foi ultrapassada. Com o aparecimento dos óleos sintéticos em 1960 a indústria entrou novamente numa nova fase de declínio, tendo incentivado os armadores locais a gerar interessa pela pesca ao atum, que apresentava ser mais sustentável e vantajosa. Em 1981, a diretiva europeia 348/81 proibiu a importação de todos os produtos derivados de cetáceos no espaço económico da Comunidade Económica Europeia. (Cymbron & Dutra, 2013: 62)

2.4. O final da caça à baleia

Em 1982 representantes de trinta e nove países reunidos em Brighton, Inglaterra, decidiram proibir a caça à baleia a partir de 1985. Em 1984 a fábrica das “Armações Baleeiras Reunidas” de São Roque do Pico era a única a laborar em todo o arquipélago.

Após três anos da proibição da caça aos grandes cetáceos houve uma derradeira tentativa de ressuscitar a indústria, quando um grupo de baleeiros das Lages do Pico caçou o último cachalote nos Açores, terminando assim a epopeia da caça aos cetáceos no arquipélago. As indústrias que ganharam protagonismo após este poema histórico açoriano, e que conseqüentemente trouxeram riqueza ao arquipélago, foram as indústrias do pastel e do trigo no século XVI e XVII, a exportação do vinho do Pico no século XVIII e o comércio da laranja no séc. XIX. (Cymbron & Dutra, 2013: 62) A ideia de iniciar o negócio de *whale watching*²⁵ no arquipélago de modo a explorar os recursos cetáceos da região, era visto pelos americanos como a iniciativa que tinha como premissa encorajar interesse turístico, destinada a falhar. As baleias apareceram longe da costa e de forma pouco frequente, tendo como fator problemático a rápida mudança climática que pode condenar uma viagem aguardada. (Eliis, 1991: 304) Felizmente esta previsão não passou de uma mera e negativa especulação, pois uma das maiores atrações turísticas, e mais procuradas, é precisamente o *whale watching*.

Para além de todas as atrações turísticas criadas em redor da epopeia centenária da caça à baleia, um dos grandes pilares de sustentabilidade económica açoriana provém do turismo rural, onde casas de antigos habitantes de ilha que se encontrem abandonadas, desabitadas e a necessitar de reabilitação são compradas por locais ou entidades hoteleiras, renovadas e utilizadas para arrendamento. Este tipo de turismo é muito procurado por todo o arquipélago, e permite que o património insular perdure.

²⁵ Do Inglês observar as baleias.



Figura 16 - Exemplo de habitação aproveitada para turismo rural. Fonte: <https://www.homeaway.pt/arrendamento-ferias/p3692992#&gid=1&pid=1>

2.5. A indústria baleeira no panorama museológico nacional

Para a realização deste trabalho foi de extrema relevância visitar e analisar pormenorizadamente os museus de temática semelhante à da coleção privada apresentada neste estudo. A partir destas observações é que foi possível projetar a coleção privada para uma exposição, analisando minuciosamente o processo que outras instituições museológicas tomaram na projeção e planificação destes projetos museológicos. Os dois museus visitados pertencem à Ilha do Pico, estão relacionados com a temática da caça à baleia mas com missões diferentes.

O Museu dos Baleeiros visa oferecer aos seus visitantes uma experiência enriquecedora acerca da baleação açoriana. A exposição dita permanente (ou de longa duração) está dividida em núcleos diferenciados e oferece uma perspetiva geral da vida e costumes açorianos entre os séculos XIX e XX, tendo sempre como objetivo principal demonstrar não só a caça à baleia, mas como todos os restantes aspetos indispensáveis para a realização e a necessidade da concretização da mesma.

O Museu da Indústria da Baleia tem uma missão mais direcionada para a questão fabril da caça à baleia. Este museu está inserido no que é agora a extinta fábrica da baleia, e procura explicar ao público a parte mecânica da transformação do cetáceo em inúmeros produtos e o funcionamento da fábrica quando ainda estava ativa.

Estes museus fazem parte do Museu do Pico, entidade museal tutelada pelo governo dos Açores, que possui três grandes entidades museológicas da região, sendo elas o Museu dos Baleeiros, o Museu do Vinho e o Museu da Indústria Baleeira e que funciona como “sede” da Comissão Consultiva do Património Baleeiro Regional, fazer a gestão do processo de recuperação e conservação deste património e participar na programação e realização das regatas de botes baleeiros açorianos.²⁶

Estes dois museus facilitaram o processo de conjugação destas duas temáticas, que no seu âmago constituem panoramas diferentes. Com a coleção privada é exequível unir todas as temáticas numa só exposição. Consiste em responder a todas as questões relacionadas com o tópico, o interesse em apresentar um património, uma cultura insular, expondo os domínios científicos e sensibilizar o público-alvo.

Estas duas instituições conseguiram – de forma exemplar - transmitir a importância patrimonial e a memória da vida dos açorianos na Ilha do Pico durante este período histórico insular. Com estes ideais em mente foi possível criar uma abordagem à coleção privada do Comandante que transmitisse a história dos bens culturais e a quem estes outrora pertenceram.

2.6.O Museu dos Baleeiros

O Museu do Baleeiros foi inaugurado a 1988, está inserido em três casas de botes baleeiros do séc., XIX, com uma área coberta com cerca de 2000m² e é o único museu em Portugal especializado na baleação artesanal, estacional e costeira, e o mais visitado dos Açores.

²⁶ Disponível em <http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/pgra-drcultura-mrp/textoImagem/Sobre+o+Museu+do+Pico.htm>



Figura 17 - Museu dos Baleeiros, Lages do Pico, Ilha do Pico, Açores. Fonte: https://3.bp.blogspot.com/-r0G5mnuoiuY/WJvgMpn3nSI/AAAAAAAAcZE/Z7xKCQJS4WwI0BAw65FoKYKn8PTaCoMXgCLcB/s1600/DSC_0558.JPG

Está complementado com a construção de uma edificação com influências arquitetónicas de inspiração baleeira norte-americana, possui biblioteca especializada na temática baleeira, uma zona para vendas, uma galeria de exposições temporárias, serviços educativos e serviços técnicos e administrativos. Esta nova adição ao museu permite usufruir de um novo espaço projetado para o cabal cumprimento das funções museológicas e com preocupação de assegurar a conservação e preservação do património, podendo também realizar uma rotação de peças do acervo para uma renovação e modernização da exposição.



Figura 18 - Interior do Museu dos Baleeiros, Lages do Pico, Ilha do Pico, Açores. Fonte: <https://www.allaboutportugal.pt/en/lajes-do-pico/cultural-centers/museu-do-pico-museu-dos-baleeiros>

O Museu dos Baleeiros possui cinco núcleos relacionados com a temática da caça à baleia, sendo o primeiro referente ao bote baleeiro açoriano, onde é apresentado um bote baleeiro açoriano e a sua palamenta, que demonstra os instrumentos artesanais utilizados pelos baleeiros durante a caça.

O segundo núcleo está dedicado ao ferreiro, a sala está projetada para exemplificar uma antiga oficina de ferreiro, onde são representadas importantes coleções de ferramentas tradicionais alusivas ao processo técnico da caça e transformação dos cachalotes.

O terceiro núcleo demonstra a vida de um baleeiro quando estava em terra a aguardar o chamamento para a caça, dispões de peças de carácter agro-pastoril, transportes, tecelagem, tradições, o Culto do Divino Espírito, entre outros. O quarto núcleo corresponde à construção naval, desconstruindo paços e metodologias e técnicas do bote baleeiro açoriano, contém ferramentas de carpintaria, bote baleeiro à escala real, planos, projetos e modelos de construção. O quinto e último núcleo apresenta a arte baleeira, objetos de carácter artístico feitos em marfim e madeira estão expostos, estes narram a história e vida dos baleeiros bem como alguns retratos de familiares e imagens de natureza religiosa. Todos os núcleos contêm textos de sala, as tabelas estão completas em Português e Inglês, dispõem de apoio documental, fotográfico e multimédia (documentário exibido numa sala devidamente equipada para a sua visualização) que completa a narrativa da exposição.



Figura 19 - Interior do Museu dos Baleeiros, Lages do Pico, Ilha do Pico, Açores. Fonte: <https://www.visitportugal.com/pt-pt/NR/exeres/4E02E489-1FA9-46ED-B9BA-F739522749E7>

2.7. Museu da Indústria Baleeira, São Roque

O Museu da Indústria Baleeira de São Roque foi inaugurado a 20 de Maio de 1994, uma antiga fábrica destinada ao desmantelamento e processamento do cetáceo capturado pelos baleeiros, tendo sido o edifício aproveitado e transformado em museu, O principal complexo piscatório e fabril das “Armações Baleeiras Reunidas, Lda.” que cessou atividade em 1983. As instalações foram adquiridas pela Secretaria Regional do Turismo e Ambiente em 1990 para que houvesse um restauro e manutenção deste importante complexo industrial, no âmbito do programa de reabilitação do património baleeiro das Ilhas do grupo Central e Ocidental do arquipélago, tendo como finalidade a atividade turística e desportiva na zona.

A Secretaria Regional do Turismo e Ambiente foi extinta em 1997, tendo o Museu da Indústria Baleeira sido anexado ao Museu do Pico, que passou a possuir três distintos polos na região. O espaço foi modernizado para que as estratégias de comunicação e interação com o público fossem adequadas para as questões museológicas estabelecidas.



Figura 20 - Museu da Industrial Baleeira, São Roque do Pico, Ilha do Pico, Açores. ©Ana Segundo

Foram criados textos de sala explicativos da narrativa da exposição, folhas de sala descritivas dos objetos, criação direcionada para as áreas da multimédia, nomeadamente um sistema de visionamento de filmes, produção atmosférica sonora que narra a história da exposição, e uma zona destinada para venda de vários produtos relacionados com a temática do museu, como catálogos, revistas, peças para embelezamento feitas a partir de osso de baleia, entre outros.²⁷

O apoio visual de fotografias explicativas de todos os processos de desmantelamento do animal ajuda a entender toda a metodologia e o funcionamento das máquinas presentes no espaço. A antiga fábrica é constituída por três áreas retangulares com uma estrutura de quatro cisternas e uma oficina de amolar adossadas à direita da edificação, onde está localizada uma chaminé de alvenaria de pedra, com uma área total com cerca de 1200m².



Figura 21 - Interior do Museu da Industrial Baleeira, São Roque do Pico, Ilha do Pico, Açores. Fonte: <https://www.allaboutportugal.pt/en/sao-roque-do-pico/cultural-centers/museu-da-industria-baleeira>

Os percursos expositivos não estão bem delineados, o que dificulta a apreensão do discurso e a compreensão da mensagem subjacente, com o visitante. Por estes motivos, é difícil fazer uma leitura da exposição e saber o itinerário a seguir, a não ser que se siga a informação disponível no desdobrável que pode ser adquirido no início da exposição.²⁸

²⁷ Quando o museu foi por nós visitado no verão de 2017, a grande maioria dos fatores implementados na criação deste museu ainda estavam presentes. Particularmente os textos e as folhas de sala, já bastante gastos, com as cores a desvanecerem-se e pálidas, as tabelas das peças em alguns casos incompletas e com traduções apenas para Inglês com pouca informação acerca dos objetos.

²⁸ No dia em que o museu foi visitado por nós, após análise do comportamento de alguns visitantes presentes no museu, constatámos que nenhum possuía esta brochura, nem seguiam o caminho previamente delineado para a exposição.

Este é um museu com um fator histórico da época da caça à baleia açoriana inigualável na região, no entanto aparenta ter ficado à deriva e parado no tempo, necessitando de uma renovação museográfica e de novas ferramentas que ajudem a este magnífico espaço a salientar-se e projetar-se para uma nova etapa museológica, assegurando um número sustentável de visitantes, nesta conformidade a garantir a sua continuidade e missão de preservação deste património.



Figura 22 - Museu da Industrial Baleeira, São Roque do Pico, Ilha do Pico, Açores. Fonte: <http://www.agendadosacores.publicor.pt/event/novas-obras-de-jose-carlos-garcia-apresentadas-no-museu-da-industria-baleeira/>

2.8. Museu da Baleia da Madeira

O Museu da Baleia da Madeira situado na vila do Caniçal na Madeira é o único museu no arquipélago Madeirense dedicado à temática da indústria baleeira. Tendo sido inaugurado em 1989 na vila piscatória do Caniçal o museu assume-se como testemunho de toda a história da caça à baleia e das atividades associadas ao tema. Entre 1990 e 2000 o museu estava localizado no antigo mercado de peixe do Caniçal, com a designação Museu Municipal da Baleia, em 2011 após a iniciação de projetos de investigação científica, foi inaugurado um novo espaço com a designação Museu da Baleia da Madeira que contém o acervo etnográfico e museológico e um espaço dedicado ao restauro das peças nele incluídas.



Figura 23 - Museu da Baleia da Madeira Fonte: https://www.google.com/search?q=museu+da+baleia+madeira&rlz=1C2CHBD_pt-PTPT785PT785&source=Inms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi8nenNj5feAhVDgRoKHQBtAKoQ_AUIDigB&biw=1366&bih=657#imgrc=iBM9ydWygwXibM:

O museu dispõe de mais de 1.000m² de exposição permanente, divididos por duas salas. O percurso expositivo inicia-se com uma exposição permanente dividida em duas salas, sendo a primeira a sala da caça à baleia que através do uso de multimédia como quiosques e filmes transportam o visitante para os tempos passados.

O espaço está dividido com diferentes zonas temáticas que explicam a história da caça à baleia na Madeira contextualizando a mesma no panorama mundial da época. Apresentam-se nesta sala dois botes baleeiros²⁹ e um mosaico composto por 84 fotografias que homenageiam os baleeiros que enfrentaram estes grandes cetáceos.

Este museu beneficia de uma vantagem em termos expositivos, fazendo recurso às tecnologias e exibindo modelos de baleias e golfinhos em tamanho real e filmes 3D estereoscópicos e vários conteúdos multimédia que permitem uma interação com o visitante mais envolvente.



Figura 24 - Museu da Baleia da Madeira - https://www.google.pt/search?q=museu+da+baleia+madeira&rlz=1C1CHBD_pt-PTPT785PT785&source=Inms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi9glPspZfeAhVOVhoKHbqqCccQ_AUIDigB&biw=1366&bih=657#imgrc=-Xq6zVJXvS-tzM:

²⁹ Designados pela instituição de “baleeiras”

2.9. A itinerância das coleções museológicas atinentes à indústria baleeira portuguesas

Dentro do universo museológico apresentado e estudado nesta dissertação acerca da temática escolhida, foi possível concluir que nenhuma destas instituições anteriormente realizou, ou tem a intenção de vir a expor as suas coleções fora do seu atual espaço, quer através de participações em exposições internacionais, quer junto de instituições de ensino ou através de exposições itinerantes estando sempre confinadas ao seu local expositivo de origem.

Com a limitação em que estas coleções destes museus se encontram, - sem a possibilidade de se projetarem para além das suas paredes – resultando na limitação da oferta de conhecimento desta temática, no meio museológico, permitiu que as mesmas não se desenvolvessem e evoluíssem no meio como poderiam ter feito e projetando-se tanto a nível nacional como internacional.

Partindo desta constatação foi-nos possível confirmar o valor e a importância que a coleção do Comandante Lizuarte Machado poderia vir a assumir na difusão da temática em estudo pois se, por um lado, a sua variedade e amplitude permitem construir uma narrativa perfeita em torno da baleação e da indústria baleeira açoriana, por outro, o facto de não se constituir como uma coleção pública, admite uma liberdade maior na cedência e circulação dos objetos e materiais gráficos que a integram (se asseguradas as indispensáveis condições de segurança e conservação física), dependendo unicamente da vontade do próprio colecionador, que claramente se demonstra interessado na sua divulgação.

CAPÍTULO III - PROPOSTA DE EXPOSIÇÃO ITINERANTE SOBRE A COLEÇÃO DO COMANDANTE LIZUARTE MACHADO

3. O conceito expositivo, *Layout*, cronograma e o guião da exposição

A exposição itinerante que nos propomos realizar a partir da coleção inédita do Comandante Lizuarte Machado, a que atribuímos o título de “Dos Açores para o Continente: Uma viagem ao tempo em que os homens caçavam baleias”, pretende materializar a história da baleação açoriana, abordando os aspetos mais significativos desta atividade económica, que historicamente assumiu absoluta relevância para as populações da Região Autónoma dos Açores, mas acima de tudo para a Ilha do Pico, tal como ficou expresso sucintamente neste trabalho.

Pensada para durar em média 3 a 4 meses – por questões de conservação e articulação museológica – acordada com os museus recetores. Para que seja alugada visa “chave na mão”, entendendo-se por isto o aluguer da exposição, implica a cedência temporária dos bens culturais dos equipamentos museográficos, elementos de comunicação e inclusão de acondicionamento, embalagem, transporte e seguro. O catálogo por questões de direitos de autor e direitos editoriais seria objeto de acordo próprio entre as partes. A montagem fica encargue ao museu ou instituição recetor sob supervisão da comissão.

Ao escolhermos que esta exposição fosse itinerante foram consideradas todas as particularidades a mesma exige. Estas requerem a união de recursos envolvendo o comissário, a empresa de transportação, montagem, acervo, seguros, divulgações e multimédia, bem como um acórdão com a instituição que a vai receber. Todos estes passos requerem que seja necessário um bom planeamento de logística para toda a equipa envolvida no projeto (DGPC.2011: 12).

As exposições itinerantes permitem oferecer à instituição que as acolhe uma oportunidade de diversificação programática – de maior divulgação da respetiva missão e subsequente acolhimento de um novo tipo de público-alvo que pode resultar num interesse e aumento de procura da própria instituição pelo público em geral. É importante que as exposições itinerantes possam ser modeladas e

adaptáveis a vários espaços criando a possibilidade de serem acolhidas por vários museus ou instituições. (Jacobsen & West, 2009: 3)

Da perspetiva do museu ou instituição enquanto veículo de comunicação, este tipo de exposição tem o potencial de produzir um impacto considerável no acesso a bens culturais de coleções que, de outra forma, estariam confinadas ao espaço museológico e ao das suas coleções. O planeamento e a programação são considerados uma parte do trabalho de exposição tão importante como o projeto da própria exposição, sendo o produto final de uma longa cadeia de processos organizados em conjunto (Roberts, 2004: 101-112).

O objetivo é dar a conhecer ao público esta coleção expondo-a em museus da mesma temática (numa primeira fase), possibilitando e facilitando a sua adaptação aos diferentes espaços museológicos ou instituições e equipamentos de cariz cultural, frisando que os mesmos estejam equiparados para o efeito.

Uma vez por nós concluído o inventário da coleção em análise, foi possível delinear a mensagem que subjaz ao conceito expositivo que aqui apresentamos, centrado em 4 núcleos temáticos complementares, que visam abarcar as diferentes áreas associadas à história e à prática da baleação no Açores.

Estabelecido o conceito expositivo, avançámos então para a seleção dos objetos e dos demais materiais gráficos, seleção essa que teve em linha de conta a representatividade dos materiais a expor, tanto do ponto de vista do seu significado intrínseco como do seu valor relativo no contexto da mensagem em que se enquadravam, como também a sua condição física (estabilidade dos materiais e resistência a deslocações) e da informação disponível.

Considerando tratar-se de uma exposição concedida, à partida, para itinerar, não escamoteámos a inevitável questão da rotatividade dos objetos, isto é, assegurámo-nos de que os bens culturais mais frágeis (caso das fotografias, entre outros) que, por razões de conservação, exigem tempos de exposição relativamente curtos, pudessem ser substituídos por outros de idêntico valor narrativo.

Foi com base nestas premissas que elaborámos, então, o Guião da Exposição, desdobrado em duas versões, consoante o modelo expositivo escolhido em função do museu recetor fosse mais ou menos desenvolvido.

O guião da exposição é um documento absolutamente incontornável, porque estrutural e estruturante, que visa ordenar as peças destinadas ao mesmo tempo que fornece instruções precisas em termos da museografia e da comunicação da própria mostra.

Neste sentido, elaborámos os dois guiões apresentados em anexo (cf. Anexo I), conforme os 2 modelos expositivos alternativos, cuja estrutura acompanha os diferentes núcleos.

Uma vez que esta exposição se baseia no seu aluguer, o cronograma financeiro indica genericamente o valor do aluguer da mesma e o que se encontra disponível no pacote.

Após a caracterização das tarefas a realizar é necessário que seja feito o levantamento dos custos individualmente, e a data de realização a que os mesmos se destinam, analisando os recursos pré-estabelecidos. Ao determinar os processos necessários, a produtividade da equipa envolvente irá consequentemente ser mais proveitosa, evitando custos complementares por impedimentos evitáveis.

Durante a execução de todo o processo circundante da exposição, é fulcral examinar o cronograma financeiro previamente elaborado, e confirmar se o mesmo está em coerência com os custos que estão a ser tabulados. O objetivo é que o tempo de execução e os gastos estejam de acordo com o cronograma, de forma a não prejudicar o processo e a ser necessária a implementação de ações que visam corrigir o cronograma de forma a evitar prejuízos financeiros no decorrer de execução do projeto prejudicando o mesmo.

3.1. Áreas expositivas necessárias

Como já referido nesta dissertação, este estudo apresenta dois modelos expositivos diferentes para exposição da mesma coleção. É possível a adaptação da coleção a dois espaços e áreas distintos, mantendo-se contudo o essencial da mensagem subjacente a esta exposição. Ao comparar os museus da Ilha do Pico destinados a esta temática é possível estabelecer de uma forma muito linear uma correlação de ideias projetivas das peças, dentro desta exposição e o espaço imaginado.

A distribuição dos núcleos e os percursos expositivos foram inspirados nomeadamente no Museu dos Baleeiros nas Lages do Pico, que também tinha delineado um percurso semelhante a nível de narrativa. No entanto esta nossa proposta é mais sucinta, até porque a coleção privada que a sustenta é distinta, nos critérios constitutivos mas também no número de espécimes que integra, do acervo daquele museu. O emparelhamento e harmonia entre o espaço expositivo e as peças da coleção é mais contemporâneo, pois os museus escolhidos para acolher esta exposição, dispõem de espaços próprios para exposições temporárias, com as condições ambientais e as áreas necessárias para expor bens culturais como os da coleção em apreço. Foram estudados os museus do continente com missões e temáticas relacionadas com o mar e dentro deste universo foram escolhidos o Museu Marítimo de Ílhavo e o Museu de Portimão.

A reflexão do tipo de espaço museológico essencial para alojar a coleção do Comandante Lizuarte Machado, e o que este necessita a nível de área e condições adequadas, refletiu-se no estudo destes dois espaços e da investigação de campo concretizada. A decisão foi fundamentada nestes dois museus e na compreensão da necessidade de uma área ampla que possa acomodar todos os objetos culturais, sem comprometer a sua integridade, valor, conservação e preservação.

Visando a análise dos espaços museológicos presentes no continente Português e as condições que estes apresentam, foi possível concluir que para estes dois módulos expositivos é necessária uma área para a exposição

destinada a um espaço maior de $\geq 200\text{m}^2$ e para o módulo destinado a um espaço menor com área $\geq 100\text{m}^2$.

Em conformidade com esta avaliação, para que a coleção seja acolhida e exibida da forma mais fiel à narrativa pré-definida para o percurso museológico, calculou-se que é necessária uma área $\geq 200\text{m}^2$. Este cálculo baseia-se na projeção e divisão das peças pelos respetivos núcleos e como estas serão acomodadas interiormente do espaço expositivo, dentro das vitrinas, local destinado para projeção do filme³⁰ (sendo que esta área albergaria cerca de 36 lugares sentados aos visitantes), placas divisórias dos núcleos, folhas de sala e um bloco hexagonal vertical que contém esquemas alusivos a uma das temáticas presentes na exposição.

3.2. Uma mensagem, dois modelos expositivos

3.2.1. Exposição *A Indústria baleeira do Pico, na coleção do Comandante Lizuarte Machado* – Modelo 1

Para esta exposição é utilizado o conceito “chave na mão”, em que a exposição foi previamente concebida como modelo itinerante para poder ser alugada para espaços diferentes, sendo adaptada pontualmente, com base contratual, a cada museu ou requerente destinatário. Com este aluguer, para além da cedência temporária das peças selecionadas, também são adquiridos textos de sala e de parede, tabelas, catálogo, flyers, micro site, guia de exposição e características relacionadas com a manutenção do espaço e diretrizes para o plano de conservação preventiva. Esta informação está apresentada detalhadamente no documento contractual a ser assinado por ambas as partes.

Este modelo expositivo, mais desenvolvido e com maior número de objetos foi concebido a pensar num espaço museológico com áreas maiores³¹, ou seja, uma apresentação mais completa de exemplares selecionados da coleção do

³⁰ Filme facultado pelo Museu dos Baleeiros nas Lajes do Pico, intitulado *THE HUNT*, com tradução de Ana Neves e Nuno Mendes com locução de Solange Santos em Português com legendas em Inglês.

³¹ Com base na sala de Exposição Temporária 2 do Museu de Portimão, que tem 210m^2 , informação disponível em <http://www.museudeportimao.pt/pt/menu/53/sala-de-exposicoes-temporarias-2.aspx>

Comandante. A eleição destes objetos baseia-se principalmente no estado de conservação, interesse histórico e variedade, foram escolhidas peças com a mesma função, mas características diferentes, para demonstrar a perícia dos carpinteiros.



Figura 25 - Sala de exposições temporárias 2 do Museu de Portimão. Fonte: <http://www.museudeportimao.pt/pt/menu/53/sala-de-exposicoes-temporarias-2-piso-1.aspx>

Estão organizados 94 objetos de várias dimensões e tipologias que melhor representam a coleção. O objeto de maiores dimensões é o carro de bois, e apesar dos constrangimentos físicos ao nível do acondicionamento e transporte do mesmo, decidimos incluí-lo na exposição pela grande importância para a transmissão da mensagem, devido à sua dimensão tal como a sua imponência. As peças escolhidas são somente alguns dos exemplares da coleção privada do Comandante Lizuarte Machado, com a melhor apresentação e estado de conservação. As tabelas apresentadas confirmam a quantidade de cada bem cultural necessário para a realização da exposição.



Figura 26 - Planta de exposição temporária do Museu de Portimão

O Museu de Portimão adota a imagem de observatório que permite a divulgação e valorização dos testemunhos materiais e imateriais, à semelhança do Museu Marítimo de Ílhavo, este museu igualmente transmite a mensagem da identidade e memória coletiva local e regional. A missão baseia-se na reabilitação do património industrial e cultural, na valorização da cidade – rio, interpretação e reforço da evolução histórica, territorial e social da comunidade, e potenciar a formação de novos públicos.³² Os espaços dedicados a exposições temporárias são amplos o que permite a este museu hospedar o modelo 1 desta exposição – versão completa da exposição cujos bens culturais são consideravelmente maiores – sem prejudicar a leitura do espaço e das peças.

Tabela 2 - Exposição *A indústria baleeira do Pico*, na coleção do Comandante Lizuarte Machado Modelo 1.

ITEM	QUANTIDADE	ITEM	QUANTIDADE
Canecas de pastor	3	Petipés	18
Gamote / Pinguim	2	Banco de vigia	1
Celha + Balde	1	Arpão	1
Carro de bois	1	Lança	1
Banco	1	Espátula	1
Prensa de uva	1	Enxó	1
Lamparinas de petróleo	2	Guilherme	1
Ferro de engomar	1	Suta	1
Candeia de azeite	1	Arco de Pua	1
Chaleira	1	Pua	1
Caldeirão	1	Trado	1
Kit de enxertador	1	Martelo	1
Máquina de costura	1	Esquadro	1
<i>Scrimshaw</i>	13	Cantil	1
Fiador	1	Cantil de braços	1
Serras de carpinteiro	1	Graminho	1
Fotografias (várias)	26	Plaina	6
Bote baleeiro	1	Desbastador	1
TOTAL 94			

³² Informação retirada do site <https://www.museudeportimao.pt/museu/missao-e-programa-museologico>

3.2.2. Exposição *A Indústria baleeira do Pico, na coleção do Comandante Lizuarte Machado - Modelo 2*

O segundo módulo foi pensado para ser acolhido num espaço museológico de menores dimensões³³ logo, tem que se apresentar como uma exposição mais contida a nível de bens culturais mas conseguir transmitir a mesma missão. Para que a coleção caiba num espaço mais limitado, existem peças que não poderão fazer parte do percurso expositivo, principalmente o carro de bois às suas grandes dimensões. Foram nomeadas alguns exemplares com a mesma temática e finalidade, como por exemplo estão representadas 6 plainas no módulo anterior, para este módulo apenas inseridos 3 exemplares que melhor demonstram as diferentes estéticas que o objeto pode possuir.

Consiste em exibir a mesma mensagem mas com um número mais reduzido, visando sempre transmitir e assegurar a missão da exposição.

O Museu Marítimo de Ílhavo assume uma vocação etnográfica e regional assumindo-se representante da memória coletiva dos ilhavenenses que o criaram em 1937. Ao longo dos anos o museu foi adquirindo novos espaços e renovando os já existentes, transformações que tornaram este edifício adequado e de acordo com as normas de conservação preventiva. A sua missão consiste em preservar a memória do trabalho do mar, promover a cultura e a identidade marítima dos portugueses. Atualmente o museu está dividido em três áreas, constituídas pelo museu, aquário e investigação, uma instituição dedicada a todas as comunidades costeiras.³⁴ Ao possuir estas qualidades o Museu Marítimo de Ílhavo está apto para acolher o modelo 2 desta exposição – a exposição dedicada a uma área mais compacta - e usufruir dos espaços que o mesmo tem para oferecer.

³³ Com base a sala de exposição temporária do Museu Marítimo de Ílhavo, que possui 100m², conforme informação e planta do espaço fornecidas pelo Museu Marítimo de Ílhavo a 4 de dezembro de 2017 via e-mail.

³⁴ Informação retirada do site <http://www.museumaritimo.cm-ilhavo.pt/pages/3>

DOS AÇORES PARA O CONTINENTE: PROPOSTA DE EXPOSIÇÃO ITINERANTE DE UMA COLEÇÃO PRIVADA SOBRE A INDÚSTRIA BALEEIRA

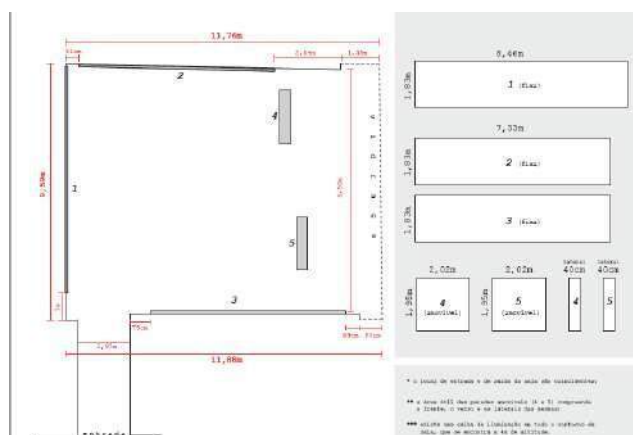


Figura 27 - Planta de exposição temporária do Museu Marítimo de Ílhavo

Tabela 3: Exposição A indústria baleeira do Pico, na coleção do Comandante Lizuarte Machado - Modelo 2.

ITEM	QUANTIDADE	ITEM	QUANTIDADE
Canecas de pastor	1	Petipés	18
Gamote / Pinguim	2	Banco de vigia	1
Celha + Balde	1	Arpão	1
Banco	1	Lança	1
Lamparinas de petróleo	2	Espátula	1
Ferro de engomar	1	Enxó	1
Candeia de azeite	1	Guilherme	1
Chaleira	1	Suta	1
Caldeirão	1	Arco de Pua	1
Kit de enxertador	1	Pua	1
Scrimshaw	13	Trado	1
Máquina de costura	1	Martelo	1
Fiador	1	Esquadro	1
Serras de carpinteiro	1	Cantil	1
Fotografias (várias)	26	Cantil de braços	1
Plaina	3	Graminho	1
Réplica bote baleeiro	1	Réplica carro de bois	1
Réplica arado de 2 animais	1	Réplica grade	1
Réplica de 1 animal	1		
TOTAL 95			

3.3. Projeto de comunicação

O projeto de comunicação tem como principal função comunicar com vários níveis de informação, começando por abordar três campos diferenciados dentro do universo da comunicação, disponibilizando com o aluguer desta exposição textos de parede para cada núcleo, *flyers*, tabelas, audioguia, catálogo e micro site. Para todos os meios de comunicação acima descritos irá ser utilizada a tradução interlinguística, oferecendo opções de escolha para Português, Inglês e Francês.

3.3.1. Textos de parede

Os textos de parede, apresentado em anexo (cf. Anexo III) de cada núcleo serão serigrafados e inseridos nos painéis autoportantes que dividem os núcleos. Iniciando-se com um texto introdutório à exposição onde serão de forma geral apresentadas as coleções, o colecionador e o que o visitante irá experienciar ao longo da exposição, seguido dos textos explicativos de cada núcleo.

Estes textos visam introduzir o visitante na temática da exposição, apresentando de forma sucinta, clara, e de acordo com as normas de acessibilidade definidas e aceites para os museus, cada núcleo com informação detalhada que narra e relaciona cada peça presente, auxiliado com apoio fotográfico complementar. Os textos não estão saturados de informação, (esta estará mais desenvolvida no catálogo), optou-se por uma escrita acessível e inclusiva, para que todos os visitantes consigam entender o essencial da mensagem, independentemente da idade e do nível de compreensão individual.

A fonte escolhida foi Arial, um tipo de letra simples que possuirá o corpo de letra proporcional aos objetos, com entrelinha generosa que possibilite a facilidade de leitura ao visitante, o texto alinhado à esquerda e com separação gráfica dos parágrafos.

A completar a informação escrita encontram-se várias imagens que auxiliam o visitante a conectar a informação escrita com a informação visual e a melhor compreender a narrativa, conforme apresentado em anexo (cf. Anexo II). Os textos de parede devem encontrar-se em zona de visionamento confortável para visitantes de todas as faixas etárias ou que se encontram sentados ou de pé, aconselhando que a altura do chão deve estar entre os 120cm e os 170m. A altura de fixação sugerida seria a cerca de 140cm (centrado).

3.3.2. Folhas de sala

As folhas de sala têm as dimensões de uma folha A3³⁵ presentes em anexo (cf. Anexo IV) devem conter informação complementar ao que está descrito no texto de parede e no caso de as vitrinas por falta de espaço e/ou quanto há muitos objetos concentrados numa mesma vitrina, iria dificultar a leitura das tabelas. Sendo que a restante informação – mais desenvolvida - está exposta no catálogo da exposição.

Esta decisão recai no fato de estarmos a lidar com uma exposição itinerante, com possibilidade de apresentação em diferentes espaços, considerou-se importante incluir este nível de informação.

3.3.3. Catálogo da Exposição

O catálogo é a memória da exposição e da mensagem que pretendemos transmitir e que lhe está associada. Traduz, em papel, através de reproduções gráficas e de textos de autor - a manifestação cultural que é a própria exposição - É uma obra científica que atualiza o estado da arte do tema que subjaz à exposição e cujo lançamento deve ocorrer no exato momento da inauguração da exposição.

³⁵ Com 420mm de comprimento e 297mm de altura

No catálogo é disponibilizada toda a informação e mais detalhadamente da que está presente na exposição, como os textos de sala, folhas de sala e informações relacionadas com as peças, tal como todos os documentos e fotografias³⁶, permitindo uma compreensão mais profunda acerca da temática apresentada. O catálogo terá capa dura e será impresso em papel *couché* brilho³⁷ possuindo cerca de 150 páginas, 25cm de comprimento e 20 cm de altura.

O mesmo será assinado pela comissária e pelo colecionador, com informações adicionais que não se encontram presentes na exposição como entrevistas aos restauradores e conversas casuais com os habitantes da Ilha do Pico e ao próprio Comandante e seus familiares. Obtendo relatos que ultrapassaram a simples observação de objetos em questão, mas também acerca das pessoas que os criaram, sendo que estes relatos eram os mais pormenorizados e os que obtinham mais capacidade de resposta, o elenco de todos os bens culturais e respetivas entradas. No presente caso, o catálogo da exposição refletirá a estrutura da própria exposição, com textos. A capa do catálogo encontra-se disponível em anexo (cf. Anexo V).

3.3.4. Flyers

No “pacote” da exposição encontram-se incluídos *flyers*, como o que é apresentado em anexo (cf. Anexo VIII). O *flyer* é um simples desdobrável que contém as informações básicas e gerais acerca da coleção e o que esta representa, juntamente de algumas fotografias de peças eleitas que demonstram a singularidade e exclusividade que é esta coleção, cuja finalidade é concluir a ligação entre o texto e imagem de modo a suscitar o interesse do público bem como disponibilizar uma pequena lembrança da exposição.

3.3.5. Micro Site

Foi elaborado um micro-site destinado a promover a exposição contendo uma pequena breve nota introdutória à exposição do Comandante Lizuarte

³⁶ Fotografias tiradas por um profissional contracto para o efeito

³⁷ Papel offset trabalhado com um revestimento que protege e deixa a superfície mais lisa absorvendo menos tinta, sendo ideal para a impressão de um catálogo.

Machado bem como uma explicação dos núcleos presentes. Este módulo de site, apresentado em anexo (cf. Anexos VI e VII) pode ser adaptado para cada entidade que poderá adquirir a exposição, onde apenas será necessário alterar a morada e o espaço onde esta se encontrará. Podem ser escolhidas três línguas, por definição encontra-se a língua portuguesa e pode ser alterado para inglês ou castelhano.

O micro-site está provido com preçários do museu e da exposição, horários de abertura ao público, algumas fotos das peças que fazem parte da mostra, uma possibilidade para os visitantes deixarem sugestões e hiperligações que permitem mostrar comentários feitos a partir da plataforma Facebook bem como um botão que permite a partilha direta do site para a mesma rede social. O *design* do site é bastante simples e sucinto sem demasiadas distrações visuais mas com a informação necessária para atrair e manter informados os visitantes.

3.3.6. Tabelas

As tabelas dos objetos devem assegurar a informação essencial para descrever o bem cultural, possuindo a denominação e/ou título do objeto, autor, ano de produção (ou data aproximada de acordo com relatos de populares da Ilha do Pico), dimensões e o tipo de material dos quais são feitas, podendo incluir pequenos apontamentos que possam enaltecer a peça. No que se refere aos petipés estes apresentam uma pequena particularidade, encontram-se representados de acordo com o sistema centesimal, onde CFF corresponde a comprimento fora a fora, comprimento máximo do navio, as dimensões necessárias para o conter num cais ou num dique seco, é medido paralelamente à linha de água e boca que corresponde à largura da secção transversal a que se referir, significa a maior largura do casco e, por isso mesmo, é a medida da secção mestria (Machado, 2016: 8 e 9)

Este tipo de informação permite aludir o visitante das características gerais do objeto em questão, conforme exemplo abaixo indicado do ferro de engomar aquecido a brasas.

Tabela 4 – Exemplo de tabela

<p>Cachalote Escultura em osso e marfim Artesão Manuel Gonçalves, 1967 108 x 15,7 x 10,5 cm</p> <p><i>Sperm whale sculpture</i> <i>Craftsman Manuel Gonçalves, 1967</i> <i>Ivory and bone</i> 10815,7 x 10,5 cm</p>

3.4. Indicações para o projeto museográfico

O percurso para a exposição recai nos princípios da simplicidade e o diálogo entre o espaço e as peças, tendo estas noções assentes foi escolhido de acordo com o percurso expositivo do modelo 1 de tipo linear e para o modelo 2, o percurso dito em bloco, sendo que eram os mais adequados para os espaços arquitetónicos disponíveis. Consiste num itinerário compreensível e sucinto relacionando o espaço em função da proteção dos objetos. (Carrizosa, 2000: 9) A área da sala de exposição temporária pertencente ao Museu de Portimão e do Museu de Ílhavo apresenta-se em conformidade com a narrativa da exposição em concordância com a circulação dos visitantes.

Todo o equipamento expositivo foi escolhido a pensar na segurança e condições de conservação preventiva dos bens culturais das coleções, todos estes instrumentos já são fornecidos no pacote da exposição de forma a completar o conceito “chave na mão”. Para as vitrinas é necessário escolher um modelo que permita proteger o objeto, permitir a visibilidade, ser esteticamente apelativo e chamar a atenção do visitante (Carrizosa, 2000: 18). As vitrinas escolhidas possibilitam que a humidade e a temperatura sejam controladas, se for necessário o reforço, poderá ser usada sílica gel para evitar que agentes exteriores perturbem a estabilidade do clima interior da mesma.

Para as peças de grande porte é utilizado um plinto com 30cm de altura e 60cm de distância da área total do bem cultural, proporcionando uma vista a 360º do mesmo e salvaguardando a sua integridade ao criar uma barreira entre o objeto exposto do visitante. Os documentos gráficos serão apresentados em molduras uniformes, de cor preta, protegidos e enquadrados por *passe-partout*.

O preenchimento do espaço está relacionado e projetado de acordo com os quatro núcleos existentes, sendo que a primeira divisão apresentada é o primeiro núcleo, todas as temáticas estão divididas com placas verticais divisórias de espaço.

Cada peça estará acompanhada de informação adicional e respetiva tabela informativa. No decorrer da exposição irão estar afixados nos textos de parede e folhas de sala informação adicional e detalhada que completará a contextualização. As peças foram projetadas para que não interferissem com o espaço e com a circulação livre dos visitantes, deste modo a planificação dos núcleos encontra-se ampla respeitando a arquitetura.

O ambiente das salas é simples, através das paredes da própria sala em branco, as placas divisórias com os textos de sala, folhas de sala, tabelas e os plintos em tons acinzentados escuros e as letras em branco para que possa ser realizada uma leitura não forçada. O teto e o chão do espaço mantêm-se no estado original, sendo o teto aberto com as vigas de suporte descobertas e o chão em tons de castanho. Para diminuir a incidência de luz natural através da janela situada na sala, irá ser colocada uma placa ou uma cortina que irá tapar este pequeno espaço, da mesma cor das paredes. Os expositores são simples e retilíneos obtendo formas geométricas que lisonjeiam o espaço circundante, sendo que estes são de madeira pintados do mesmo tom acinzentado previamente mencionado. Para proteção das peças nos expositores irão ser instaladas campânulas de alturas diferentes de acordo com a necessidade.

A paleta de cores prevista para esta exposição mantêm-se neutra com tons mais escuros para que os objetos possam sobressair e não criar conflito visual com as cores da exposição e as cores das peças expostas. A iluminação é a adequada apenas incidindo as peças, respeitando as regras de preservação e tempo máximo de luz artificial a que estas estão expostas.

Ao longo da exposição estão colocados bancos, isto é zonas de pausas ou para descanso dos visitantes; mais, existe área suficiente entre os expositores para que os visitantes que possuem necessidades especiais motoras e estão dependentes de uma cadeira de rodas possam circular livremente.

Dentro do plano museográfico também estão implementadas medidas que resultam na contínua salvaguarda e segurança da exposição, incluindo a prevenção de danos que possam ser causados por entidades terceiras, tanto a nível ambiental como humano. Incluindo fatores internos ou externos

São analisados em detalhe situações de prevenção contra roubo, incêndios, controlo da humidade relativa, temperatura e a luz, bem como formas de prevenir alguma situação relacionada com estas temáticas.

3.4.1. Segurança

É necessário colocar em prática medidas como a prevenção contra roubo e incêndio, a adequada preservação das peças em termos de conservação e um bom plano de montagem das mesmas, para que seja possível garantir que o percurso realizado pelo público não seja prejudicial e tenha como finalidade deteriorar as peças expostas, implementando práticas que consigam certificar a sua contínua preservação - uso de barreiras visuais como baias que limitem a circulação ou proximidade excessiva de um bem cultural que não esteja acondicionado numa vitrina -, prevenindo qualquer tipo de risco desnecessário ou pôr em causa a sua integridade física.

Tendo estes princípios como base, esta exposição necessita de verificações periódicas de portas e janelas do edifício que estejam em contacto com o exterior para reforçar a segurança contra o roubo, análise regular das instalações elétricas de forma a controlar e excluir riscos de curto-circuitos, o que compete à entidade recetora da exposição.

Os sistemas de combate contra incêndios nomeadamente extintores devem estar presentes no espaço expositivo sendo que a distância máxima entre os mesmos não ultrapasse os 30 metros (Carrizosa, 2000: 9), e pressupõe-se que o pessoal do museu, nomeadamente os vigilantes e assistentes de exposição devem possuir a formação necessária para executar da melhor forma o plano de emergência, se necessário.

3.4.2. Condições ambientais e expositivas. Humidade Relativa (HR) e Temperatura (T)

O controlo de humidade relativa e temperatura deve ser realizado através de um higrómetro ou de um data *logger*,³⁸ de forma a que a temperatura e a humidade relativa³⁹ sejam analisadas periodicamente e garantindo que as variações não sejam bruscas, prevenindo que e as peças sofram consequências. Para esta exposição conclui-se que o valor a ser respeitado e assim mantido é entre 45% e 50% de humidade relativa e de 20 °C com oscilações entre 19°C até 24°C de acordo com os materiais das peças presentes, conforme tabela abaixo. (Alarcão, 2000: 16).

Tabela 5: Controlo de humidade relativa (HR), LUX (lúmen/m²) e temperatura (T).⁴⁰

TIPOS DE OBJETO	HUMIDADE RELATIVA (%)	TEMPERATURA	LUX (lúmen/m ²)
Documentos gráficos	55% +/- 5%	18 +/- 2 °C	≤ 50
Madeira / Osso	50%	19 - 21 °C	≤ 200
Marfim	55%	18 °C (16 - 24°C)	≤ 200
Materiais fotográficos/ Papel	30-40%	10 - 15 °C	≤ 50
Metais / Vidro	0-45%	15 - 20 °C	≤ 300

Para além deste controlo exigido é necessário realizar a análise estrutural do local que vai receber a exposição no seu todo e averiguar os fatores internos e externos que possam comprometer as peças.

É necessário verificar se o edifício em questão está isento de infiltrações, fugas de canalizações, sistema de drenagem deficiente, janelas e portas cuja calafetagem foi mal executada. Mesmo partindo do pressuposto de se tratar de um edifício moderno ou renovado recentemente (como o caso das entidades museológicas escolhidas para esta exposição), estas preocupações não devem ser ignoradas.

Para além dos aparelhos já mencionados aconselha-se controlo necessário adicional climatérico recorrendo a equipamento de climatização como o ar

³⁸ Aparelho que regista diariamente os dados e descarrega diretamente para o computador

³⁹ Quantidade de vapor de água presente no ar expressa em percentagem e a quantidade de vapor de água máxima que poderia haver na mesma temperatura

condicionado, humidificador/desumidificador, aquecedores com termostato. Os materiais com sílica gel⁴¹ podem ser usados nas vitrinas devido à sua propriedade isoladora. Todas estas questões requerem uma monitorização sistemática de modo a analisar e alterar as condições implementadas assim que detetadas anormalidades nos valores estabelecidos (Alarcão, 2007: 28). É igualmente necessária a preocupação com a poluição, o aumento do CO₂ e o SO₃⁴² libertados pelas indústrias e os veículos motorizados, associados à humidade do ar, criam compostos ácidos como o ácido sulfúrico (H₂SO₄) que pode corroer e danificar bens culturais. (Froner, 1995: 298)

Outra forma de a temperatura se manter controlada para além dos métodos mencionados é através do controlo da luz solar, manipulando a colocação das peças evitando uma eventual parede que possa ser recetora de luz solar, nomeadamente durante o período da tarde onde a estrutura aquece de maneira significativa e pode ser prejudicial para as peças mais delicadas (Carrizosa, 2000: 9).

3.4.3. Iluminação

Para bloquear ou minimizar a incidência de raios solares – radiação visível, radiação ultravioleta e radiação ultravioleta - num ambiente museológico é necessário impedir a entrada dos mesmos. As radiações visíveis são extremamente prejudiciais uma vez que num dia normal a intensidade de luz pode chegar aos 10.000 lux, causando o fenómeno de descoloração de pigmentos. A radiação ultravioleta no caso da nossa exposição ataca principalmente os documentos gráficos e as fotografias. A radiação UV é adversa pois contribui para o aquecimento do ambiente contido dentro do espaço expositivo e consequentemente ao aquecimento das obras, esta questão é preocupante para esta coleção em particular pois estas alterações climáticas podem alterar quimicamente (Froner, 1995: 298).

Os danos causados pela luz são irreversíveis e cumulativos sendo que quanto maior é a exposição de um objeto à luz maior é o dano. Sendo que grande parte das peças existentes nesta exposição são de madeira, estas poderão

⁴¹ Volume necessário é de 0.0005 m³ de volume absorvente para cada 1 m³ de volume da vitrina

⁴² CO₂ dióxido de carbono; SO₃ óxido sulfúrico

ficar comprometidas a este tipo de exposição solar estabelecendo ligações cruzadas nos vernizes e consolidantes que pode resultar no enfraquecimento dos mesmos. É proposto que seja utilizada iluminação LED com filtros e que esta não incida diretamente sobre as obras.

3.5. Condições de cedência

3.5.1. Acondicionamento, embalagem e transporte

Para possibilitar a salvaguarda e continuidade do estado de conservação que as peças desta exposição apresentam é necessário que sejam aplicados os devidos cuidados no acondicionamento e transporte das mesmas, avaliando pontos vulneráveis que alguns bens culturais possam possuir e adequar o transporte e embalagem. Os objetos carecem que sejam acomodados em caixas de madeira especialmente concebidas para o transporte de bens culturais, devidamente revestidas no seu interior com materiais inertes dedicados a proteger a peça contida no seu interior de eventuais choques ou danos. Para bens culturais cuja integridade ou tamanho compliquem a sua colocação no interior destas caixas é sugerido que sejam devida e cuidadosamente acondicionadas em *soft packing* para que estas fiquem protegidas. Os materiais utilizados são quimicamente inertes, com PH neutro e não abrasivos.

Como mera simulação foram então utilizados valores representativos exemplificativos disponível no site do IMPIC⁴³, seguindo as regras contratuais presentes, adaptando às necessidades da exposição.

Para avaliação dos custos de transporte marítimo o Comandante Lizuarte Machado conseguiu avaliar de forma precisa os valores a serem cobrados, utilizando como princípio o transporte de 100 peças (incluindo as peças de grande porte e após o acondicionamento das mesmas), num contentor de 40 pés.⁴⁴ O custo total do transporte dos bens culturais dos Açores para o continente, abrangendo taxas portuárias, ficaria em 1.950.00€, sendo que o

⁴³ Instituto dos Mercados Públicos do Imobiliário e da Construção

⁴⁴ Aproximadamente 12.19200m

transporte do porto de Lisboa para Portimão ou para Ílhavo acresce 240.00€, resultando num total de 2.190.00€.

3.5.2. Acessibilidade

Com esta exposição é do nosso interesse – e do público em geral – que os museus ou instituições estejam equiparados para solucionar qualquer problema que possa surgir acerca da acessibilidade de um indivíduo à exposição. Pretende-se que todos os visitantes – incluindo – pessoas com especiais necessidades a nível motor, sensorial, intelectual, com baixo nível de literacia e ainda o público sénior, tenham a oportunidade e o direito de fruir da herança patrimonial apresentada.

Numa primeira instância o espaço arquitetonicamente envolvente tem que ser analisado e verificar se o mesmo é fisicamente acessível – esta tem que ser uma condição prévia essencial – para que todos os visitantes possam usufruir da visita. Vulgarmente a deficiência motora encontra-se associada ao uso de cadeira de rodas, mas na verdade existem inúmeros produtos de apoio que auxiliam a mobilidade – canadianas, bengalas, andarilhos, entre outros – e outros problemas motores (DGPC, 2017: 40).

Para melhor compreender as dificuldades destes impedimentos físicos é necessário que o museu/instituição recetor esteja equiparado com cadeiras de rodas, cadeiras/bancos ao longo do percurso expositivo de forma a proporcionar descanso durante a visita, rampas, elevadores e instalações sanitárias adaptadas.

Para inclusão de pessoas com deficiência visual propõe-se que sejam impressas placas em Braille e relevo 3D e 2D/½, com textos, desenhos de linha simples e manchas gráficas texturizadas para que possa ser criado um acesso às mensagens iminentemente visuais. O espaço envolvente deverá estar auxiliado com áudio – música adequada à exposição, no caso da coleção do Comandante sons de mamíferos marinhos e melodias calmas e relaxantes - que transmita a mensagem da exposição (Walters, 2010: 8). Em adição estarão disponíveis áudio guias devidamente pormenorizados que poderão auxiliar o visitante a entender melhor a exposição.

Podendo ser também considerada a seleção de bens culturais que sejam fisicamente distintos e únicos e proceder à respetiva reprodução tridimensional à escala. (DGPC, 2017: 40). O museu/instituição terá que facilitar produtos de apoio como bengalas e cães de assistência.

Para inclusão destes grupos é necessário que seja fornecido um intérprete que ajude o guia com a visita ou videoguias com interpretação em língua gestual. O guia terá que se encontrar numa área iluminada para que sejam vistas as expressões faciais e o movimento dos lábios com clareza, gesticulando de forma a comunicar de forma clara e a transmitir a mensagem. Caso a visita seja feita com um intérprete a mesma deverá ser interrompida com uma pausa após cada 30 minutos, uma vez que a interpretação gestual é bastante exigente. (DGPC, 2017: 27).

Como referido anteriormente os textos, folhas de sala e qualquer informação escrita presente no espaço expositivo terá que assentar no princípio da escrita simples, de modo a facilitar a compreensão da mensagem. A escrita pictográfica irá ser usada para que as pessoas com dificuldades cognitivas ou de aprendizagem possam sentir-se incluídas e com acesso à informação (DGPC, 2017: 40).

De forma a procedermos a uma inclusão de todos os grupos acima referidos, o museu/instituição terá que disponibilizar previamente todas estas informações no website, informando da existência de todos os acessos e procedimentos que facilitam a visita - lugar de estacionamento, rampas, elevadores, cadeiras de roda, etc. - terá igualmente que fornecer uma equipa devidamente preparada para assumir estas situações quando apresentadas. Esta equipa deverá ser constituída por profissionais que possuam sensibilidade, cuidado e acima de tudo respeito para com estes visitantes. Proporcionando todo o acompanhamento e ajuda necessárias, para que o visitante acima de tudo se sinta seguro.

Oferecendo estes serviços – que deviam ser implementados desde o início em todos os museus, palácios e instituições - é criada uma sinergia entre museu e visitante, ao demonstrar que está a ser facultado um trabalho digno para estes grupos, esta ação de dever cívico transforma-se num meio de divulgação que consequentemente atrai mais visitantes para o complexo museológico.

3.5.3. Condições contratuais

As fichas de inventário, segundo o modelo referido anteriormente – que pode ser encontrado no Anexo II – devem acompanhar o contrato de cedência temporária. Neste documento estão discriminadas todas as condições contratuais aceites pelas partes e que a entidade museológica recetora terá de cumprir. A duração do contrato, organizadores e financiadores, documentação, recolha, embalagem e desembalagem das peças, transporte das peças, exposição das peças, seguro, publicações e cancelamento da exposição. Sendo que o conceito “chave na mão” que a exposição assume está presente no contrato, bem como todos os requisitos necessários.

Nos anexos XIX possível encontrar a minuta de cedência temporária de bens culturais móveis, a cobertura do seguro de cedências no território nacional e internacional e o formulário de avaliação de instalação de equipamentos da Direção Geral do Património (*facilities report*) que melhor ilustra o parágrafo acima.

Para estimar o valor global da exposição, designadamente em sede de aluguer para itinerância, foram utilizados valores referentes a uma exposição promovida pelo Museu Nacional de Arte Antiga, em 2017⁴⁵. Foi estimado o valor global de 19.000.00€.

⁴⁵ Reportamo-nos à exposição “A cidade global. Lisboa no Renascimento”, realizada entre 24 de fevereiro e 09 de abril de 2017 e cujos montantes adjudicados aos diferentes prestadores de serviços se encontram disponíveis para consulta no portal Base.Gov.

CONCLUSÃO

Na génese da presente dissertação encontra-se a necessidade de estudar, documentar e assegurar a preservação de uma coleção particular inédita sobre a indústria baleeira e a baleação nos Açores. De grande abrangência e valor cultural, a coleção do Comandante Lizuarte Machado foi sendo construída nas últimas décadas de forma paulatina mas criteriosa, sendo hoje, indubitavelmente, um importante repositório material de manifestações culturais e de atividades económicas que pertencem ao passado, mas que moldaram a identidade coletiva e o *modus vivendi* da população açoriana, em particular na Ilha do Pico.

Depois de ter concluído o inventário – que realizámos segundo os normativos e as boas práticas museológicas – e de desenvolvido significativo trabalho de campo com o propósito de recolher, junto de antigos profissionais da baleação, informações e depoimentos indispensáveis à documentação e interpretação dos objetos da coleção, assim como à preservação da memória, isto é, do património intangível que completa e dá significado aos bens materiais, percebemos que a coleção merecia ser divulgada para além dos limites territoriais do arquipélago.

E porque o volume e diversidade de objetos incorporados na coleção permitam construir uma narrativa completa e bem fundamentada sobre as temáticas nela representadas, afigurou-se nos que aquela poderia constituir-se um excelente veículo difusor da indústria baleeira e da arte da baleação junto de novos públicos – e em particular juntos dos portugueses do continente, mais distantes desta realidade – pelo que propusemos a realização de uma exposição itinerante, que pudesse ser apresentada em diferentes museus de temática marítima, mas não só.

Este projeto expositivo, que mereceu o melhor acolhimento por parte do colecionador, visa não somente difundir a coleção em apreço, mas permite simultaneamente oferecer uma alternativa viável e complementar às ofertas educativas dos museus constituídos, quer nos Açores quer na Madeira, em torno da mesma temática, até porque não sendo um verdadeiro acervo museológico, esta coleção não tem tantas restrições a nível da circulação.

Tendo em vista a futura implementação do supracitado projeto, e a título de estudo de viabilidade, procedemos ao reconhecimento metuculoso do panorama museológico português centrado na temática da indústria baleeira; ao longo desse processo, foi-se tornando cada vez mais nítida a necessidade de expansão destes saberes para o continente português.

Concluída a referida avaliação prévia, e com base nos dados recolhidos, idealizámos dois tipos de matrizes ou modelos de exposição que permitissem expor a versatilidade destas coleções, demonstrando como as mesmas podem ser adaptadas a vários espaços expositivos, consoante as áreas disponíveis, em museus ditos tradicionais ou noutros equipamentos culturais – desde que reúnam as indispensáveis condições de conservação e de segurança.

Através do conceito “chave na mão”, as entidades interessadas na inclusão da referida exposição na respetiva programação cultural teriam a possibilidade de apresentar uma exposição de grande relevância cultural não apenas para a cultura insular mas para o conhecimento dos saberes presentes nesta exposição sejam transmitidos para que possam contribuir para o desenvolvimento de uma comunidade e alertar para a sustentabilidade dos museus para que coleções como esta possam perdurar.

Salientamos particularmente que esta coleção não se encontrava inventariada, e que este estudo permitiu que seja procedida a devida salvaguarda desta coleção única, oferecendo a um novo público-alvo este inédito património que era desconhecido. Com este conceito são abertas novas linhas de comunicação e parcerias com museus, instituições e equipamentos culturais que poderão acolher a exposição, dando a conhecer uma temática essencial para a economia local e para a identidade coletiva nacional.

Obviamente atendendo às restrições temporais informais da presente dissertação não permitiu que fosse realizar um desenvolvimento mais aprofundado como o que desejaríamos.

Apresentamos uma oportunidade única para trazer esta temática para o continente Português, exibindo um património cultural sem precedentes, salientando a importância das coleções privadas e que os próprios colecionadores estão empenhados na salvaguarda destes testemunhos materiais da nossa memória coletiva.

Claramente que a exigência de uma exposição itinerante carece de particularidades que necessitam de ser aprofundadas e mais desenvolvidas, sabendo conscientemente que a implementação requeria outras questões técnicas que a prática exige, mas que no contexto de dissertação de mestrado as mesmas não eram viáveis devido aos requisitos que um estudo como este requer. Expomos um produto que não é completamente fechado mas exibimos todos os princípios - ao pormenor - para que o mesmo consiga ser praticado.

BIBLIOGRAFIA

Estudos e monografias

AAVV. 2000. *Normas de Inventariado - Alfaia agrícola*, Instituto Português dos Museus, Lisboa

AAVV., 2006, *Princípios básicos da Museologia*, Secretaria do Estado da Cultura, Curitiba.

AAVV, 2010. *A arte efémera e a conservação, o paradigma da arte contemporânea e dos bens etnográficos*, Instituto de história da arte

American Association of Museums, 2005, *Excellence in practice: Museum Education Principles and Standards*. AAM. Washington.

Alarcão, C., 2000. Prevenir para Preservar o Património, Revista *Museal* nº2, Faro.

Bennett, T., 1995. *The Birth of the Museum*. Londres e Nova Iorque: Routledge – Taylor & Francis Group.

Bettencourt, M. M. 1996. *Os picoenses na Odisseia da Baleação*, Lajes do Pico, Câmara Municipal das Lajes do Pico.

Cymbon, A., Dutra, M. 2013. *As baleias nos Açores, da caça ao turismo*, Horta – Faial, Observatório do Mar dos Açores (OMA).

Clarke, R. 1954. *Open Boat Whaling in the Azores. The History and Present Methods of a Relic Industry*. Discovery Reports Vol. XXVI, pp. 281-354, Plats XIII-XVIII, National Institute of Oceanography, Cambridge University Press, Fev. 1954.

Desvaliées, A., & Mairesse, F. 2013. *Conceitos-chave da Museologia*, Armand Colin.

Direção Regional da Cultura/ Museu do Pico. 2011. *Património Baleeiro dos Açores, Herança e Modernidade*, Presidência do Governo Regional dos Açores/ Direção Regional da Cultura.

Ellis, R. 1991. *Man and whales*. The Lyons Press.

Figueiredo, J. M., 1996. *Introdução ao Estudo da Indústria Baleeira Insular*, Pico, Museu dos Baleeiros.

Garrido, A. & Lebre, A. 2007. *Museu Marítimo de Ílhavo, um museu com história*, Ílhavo Ancora Editora e Municipal de Ílhavo/ Museu Marítimo de Ílhavo.

Governo dos Açores, s/d, *Exposição de modelos de embarcações. Petipés, Nostalgia da Carpintaria Naval – Memória e Identidade*, Direção Regional da Cultura, Museu do Pico.

Lehmbruck, W., 1974, *Catalogue of an exhibition of, sculpture, painting, graphic work on loan from the Lehmbruck family and the Wilhelm Lehmbruck Museum*, Portsmouth City Museum and Art Gallery, England.

Machado, L. M. 2016. *Petipés, Carpintaria Naval Açoriana*, Lajes do Pico, Comunicar Atitude, Lda.

Marty, P. 2007. *Museum Websites and Museum Visitors: Before and After the Museum Visit*. Florida.

Pinho, E. G. & Freitas, I. C., 2000, Normas de Inventário. Normas Gerais – Artes Plásticas e Artes Decorativas, Instituto Português de Museus, Lisboa

Plenderleith, H.J., 1975. *La conservación de antigüedades y obras de arte*. Instituto Central de conservação e Restauração. Ed. Ministério da educação e ciência. Valência.

Restrepo, P. & Carrizosa A. 2000. *Manual básico de montaje museográfico*. División de museografía, Museo Nacional de Colombia, Bogotá.

Santos, R. 1995. *Azores to California: A History of Migration and Settlement*. California State University, Stanislaus, Alley-cass Publications. Denair, California.

Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais - Superintendência de museus, 2008, *Caderno de Diretrizes Museológicas – Medição em museus: curadorias, exposições e ação educativa. Volume II*. Belo Horizonte.

Stolow, N., 1981, *Procedures and conservation standards for museum collections, in transit and on exhibition*, Imprimeries Populaires de Genève.

Walters, D., 2010, *Disabled people and museums in the Western Balkans*. CHWB, Estocolmo.

2 - Recursos na Internet

2.1 - Publicações eletrónicas e blogosfera

AAVV, 2014. *Project d'exposition – Guide des Bonnes Pratiques*, Fédération des entreprises publiques locales (EPL) et l'Association Scénographes, Paris.. Disponível em http://www.icom-musees.fr/uploads/media/Actualites_museologiques/Guide_des_bonnes_pratiques_version_finale_bdef_140128.pdf (Consultado em 21.02.2018)

Alves, J., 2000. *O Museu como esfera de comunicação N2*. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10360.pdf> (consultado em 02.09.2018)

Alvizatou, M., 2008, *Contextualising Intangible Cultural Heritage in Heritage Studies and Museology*. Disponível em: <file:///C:/Users/HP/Downloads/3-3.pdf> (consultado em 02.09.2018)

Araújo, M. 2012. 'Centro das artes. Casa das Mudas e Museu Henrique e Francisco Franco: Um para um inquérito sobre ponto de partida a museologia na região autónoma da Madeira', Dissertação em Museologia e Museografia, Faculdade de Belas Artes, Lisboa [file:///C:/Users/HP/Downloads/ULFBA_TES%20577%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/HP/Downloads/ULFBA_TES%20577%20(1).pdf) (consultado em 21.02.2018)

Cadernos de sociomuseologia vol. 45, 2013, *A Museologia itinerante: uma perspectiva histórica*. Disponível em: <file:///C:/Users/HP/Downloads/4515-1-14918-1-10-20140624.pdf> (consultado em 02.10.2018)

Cadernos de sociomuseologia nº 9, 1996, *Museologia: Algumas ideias para a sua organização disciplinar*. Disponível em: <http://recil.ulusofona.pt/bitstream/handle/10437/3617/museologia.pdf?sequence=1> (consultado em 02.09.2018)

Crofts, N., 2012, *Introduction to Museum documentation*, CIDOC, Lubbock, Texas. Disponível em: <http://open-world.ch/CIDOC/SummerSchool/Remote/101%20Introduction%20to%20documentation/> (consultado em 26.10.2018)

Costa, PF & Costa, MS. 2010. *Normas de Inventário. Ciências e Técnica – Normas Gerais*. – Instituto dos Museus e da Conservação, Lisboa. Disponível em http://www.matriznet.dgpc.pt/matriznet/Download/Normas/NI_Ciencia_Tecnica.pdf (consultado em 09.08.2018)

Cury, M., s/d. *Museologia – marcos referências*. *Cadernos de CEOM, Museus; pesquisa acervo, comunicação*. Disponível em <file:///C:/Users/HP/Downloads/2271-7860-1-PB.pdf> (consultado em 12.07.2018)

Froner, Y. A., 1995. 'Conservação preventiva e património arqueológico e etnográfico: ética, conceitos e critérios.' *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo. Disponível em: <file:///C:/Users/HP/Downloads/109243-Texto%20do%20artigo-195808-1-10-20160108.pdf> (consultado em 08.10.2018)

ICOM, 1996. *Introduction to Multimedia in Museums*, Multimedia Working Group

Mensch, P., 1992, *The museology discourse*. Disponível em: <https://www.phil.muni.cz/unesco/Documents/mensch.pdf> (consultado em 02.09.2018)

Recarte, A. s/d *Historical Whaling in New England*. Friends of the Thoreau Scholar, American Environmentalism Research Line, Institute for North American Studies, University of Alcalá, Madrid, Spain, Disponível em <https://www.institutofranklin.net/sites/default/files/fckeditor/CS%20Whaling%20in%20New%20England.pdf> (consultado em 04.12.2017)

Roberts, A, 2004. Inventário e Documentação, In Boylan, P. J. (Ed.) *Como gerir um museu: manual prático*. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184713por.pdf> (consultado em 02.10.2018)

Roque, M.I.R., 1989/90, 'A Comunicação no Museu' Dissertação final do Curso de Pós-graduação em Museologia e Património Artístico, Universidade Lusíada de Lisboa. Lisboa. <http://dited.bn.pt/31586/2573/3088.pdf> (consultado em 22.04.2018)

Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, 2011, *Planejamento e Gestão de Exposições em Museus*, Belo Horizonte. Disponível em http://www.cultura.mg.plagov.br/images/2015/Sumav/miolo_planejamento_exposicao_1.pdf (consultado em 02.10.2018)

Simmons, J. E., 2013, 'Collection Care and Management: History, Theory, and Practice', *The International Handbooks of Museum Studies*, John Wiley & Sons Ltd. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781118829059.wbihms210> (consultado em 13.04.2018)

Silva, J., 2015, *A valorização da função do objeto de design em contexto museológico – Lógicas Expositivas – A museografia do design industrial* Dissertação de Mestrado em Museologia e Museografia, Faculdade de Belas Artes, Lisboa
http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/24147/2/ULFBA_TES_927.pdf
(consultado em 21.02.2018)

Vieira, H., 2009, *Exposições: Formas de Comunicar e Educar em Museus*. Porto. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/20314/2/mesthelenavieiraexposicoes000085019.pdf> (consultado em 13.04.2018)

Ward, P., 1986, *Nature of Conservation: A Race Against Time*, Getty Conservation Institute, CA. Disponível em: http://hdl.handle.net/10020/gci_pubs/nature_of_conservation_english (consultado em 13.04.2018)

Bases de dados:

IMPIC – Base: Contratos públicos online

[file:///C:/Users/HP/Downloads/MNAA%20vitrine%20cidade%20global%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/HP/Downloads/MNAA%20vitrine%20cidade%20global%20(2).pdf) (consultado a 23.10.2018)

[file:///C:/Users/HP/Downloads/MNAA%20tipografia%20Cidade%20Global%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/HP/Downloads/MNAA%20tipografia%20Cidade%20Global%20(1).pdf) (consultado a 23.10.2018)

<file:///C:/Users/HP/Downloads/MNAA%20luminotecnia%20Cidade%20Global.pdf> (consultado a 23.10.2018)

<file:///C:/Users/HP/Downloads/MNAA%20contrato%20grafica%20MNAA%20Cidade%20Global.pdf> (consultado a 23.10.2018)

[file:///C:/Users/HP/Downloads/MNAA%20Anuncio%20Embalagem%20Expo%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/HP/Downloads/MNAA%20Anuncio%20Embalagem%20Expo%20(1).pdf) (consultado a 23.10.2018)

Websites institucionais

Câmara Municipal de Cascais - Museu do Mar

<http://www.cm-cascais.pt/museumar/> (consultado em 17.11.2017)

Câmara Municipal de Machico

<https://www.cm-machico.pt/index.php/pages/content/posts/20/0> (consultado em 09.09.2018)

Câmara Municipal das Lajes do Pico

<http://cm-lajesdopico.pt/equipamentos/centro-de-artes-e-de-ciencias-do-mar>

<http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/pgra-drcultura-mrp/> (consultado em 12.11.2017)

Governo Regional dos Açores

<http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/pgra-drcultura-mrp/textoImagem/Sobre+o+Museu+do+Pico.htm> (consultado em 12.11.2017)

Museu dos Baleeiros

<http://www.agendadosacores.publicor.pt/event/novas-obras-de-jose-carlos-garcia-apresentadas-no-museu-da-industria-baleeira/> (consultado em 12.11.2017)

<https://www.allaboutportugal.pt/en/lajes-do-pico/cultural-centers/museu-do-pico-museu-dos-baleeiros> (consultado em 12.11.2017)

Museu da Baleia da Madeira

<http://www.museudabaleia.org/pt/exposicoes/exposicoes-permanentes.html> (consultado em 09.09.2018)

Museu Marítimo de Ílhavo

<http://www.museumaritimo.cm-ilhavo.pt/> (consultado em 12.11.2017)

Museu de Marinha, Lisboa

<http://ccm.marinha.pt/pt/museu> (consultado em 12.11.2017)

Museu Portimão

<http://www.museudeportimao.pt/pt/menu/53/sala-de-exposicoes-temporarias-2-piso-1.aspx> (consultado em 09.09.2018)

Turismo de Portugal (Guia técnico – Museus e Monumentos)

<https://guiastecnicos.turismodeportugal.pt/pt/museus-monumentos/ver/Museu-Maritimo-de-Ilhavo>

Multimédia

Neves, A., Mendes, J., s/d. *The Hunt*, CD-ROM, Museu dos Baleeiros, Lajes do Pico, Açores

ANEXOS


ANEXO I


GUIÃO DE EXPOSIÇÃO


Guião de Exposição


**A Indústria baleeira do Pico, na coleção do Comandante
Lizuarte Machado – Modelo 1**


Núcleo 1		
A vida quotidiana da Ilha do Pico no Séc. XIX e XX		
Objetivos	Sobre o Núcleo	Texto
Demonstrar as relações entre os dois povos que foram unidos a partir da baleação salientando o motivo da caça em relação às difíceis condições de vida no séc. XIX.	A história do povo dos Açores no séc. XIX é contada em conjunto com a vinda do povo Norte-Americano que juntos desenvolveram a caça à baleia e criaram laços. É enaltecida a necessidade da caça para a sobrevivência dos povos na altura.	Contextualização: População Açoriana no séc., XIX As campanhas baleeiras Troca de conhecimentos Melhoramento de técnicas e embarcações


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p data-bbox="300 347 483 379">1. Fotografia</p>  <p data-bbox="300 767 703 855">Título: <i>Baleia a ser lançada da lancha</i>, 1945</p> <p data-bbox="300 879 680 911">Dimensões: 420x594 mm</p> <p data-bbox="300 935 689 1023">Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p data-bbox="748 432 1003 496">Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p data-bbox="748 576 1039 639">Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p data-bbox="748 727 1122 847">Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p data-bbox="748 927 1039 1015">Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p data-bbox="1153 679 1579 767">Fotografia colocada junto dos textos de parede.</p>	

Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>2. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Baleia final</i>, Início séc. XX</p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede.</p>	

Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>3. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Pesca da Baleia – Villa das Lages – Pico Açores, Início séc. XX.</i></p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede.</p>	<p>Apresentar fotografia ampliada juntamente com postal original.</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>4. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Baleeiro com arpão</i>, Início séc. XX. Dimensões: 420x594 mm Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede.</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>5. Fotografia</p>  <p>Título: <i>A chegada das canoas de pesca da Baleia, Villa das Lages – Pico – Açores.</i></p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede.</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>6. Canecas de Pastor</p>  <p>Título: <i>Canecas de Pastor, Séc. XX</i></p> <p>Dimensões: Alt.: 35,00cm x diâm.: 23,00cm Alt.: 28,00cm x diâm.: 20,00cm Alt.: 25,00cm x diâm.: 17,00cm</p> <p>Materiais: Madeira e Metal</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação das peças em vitrinas</p> <p>Ordem de colocação: da caneca mais pequena para a maior</p> <p>Acondicionamento na vitrina disposta no lado esquerdo na entrada, depois das lamparinas</p>	<p>3 Exemplares</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>7. Pinguim / Gamote</p>  <p>Título: <i>Pinguim / Gamote, Início Séc. XIX</i></p> <p>Dimensões: Alt.: 29,50cm x diâm.: 12,50cm Alt.: 22,50cm x diâm.: 14,00cm Materiais: Madeira e Metal</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Acondicionamento na vitrina disposta no lado esquerdo na entrada, depois das canecas de pastor</p>	<p>2 Exemplares</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>8. Celha e balde</p>  <p>Título: <i>Celha e balde, Início Séc. XIX</i></p> <p>Dimensões: Alt.: 28,00cm x diâm.: 35,00cm Alt.: 15,00cm x diâm.: 35,00cm</p> <p>Materiais: Madeira e Metal</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocar estas duas peças adjacentes uma à outra. Primeiro a celha e depois o balde</p> <p>Acondicionamento na vitrina disposta no lado esquerdo na entrada, depois das canecas de pastor</p>	<p>Um balde e uma celha</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>9. Ferro engomar aquecido a brasas</p>  <p>Título: <i>Ferro engomar aquecido a brasas, séc. XIX</i></p> <p>Dimensões: Comp.: 21,00cm x alt.: 19,00cm x larg.: 11,00cm</p> <p>Materiais: Ferro fundido</p>	<p>Temperatura °C – 15 - 20 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 0-45%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 300</p>	<p>Acondicionamento na vitrina disposta no lado direito ao lado do kit de enxertador</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>10. Carro de Bois</p>  <p>Título: <i>Carro de Bois, Séc. XX</i> Dimensões: Alt.: 1,60m x comp.: 3,70m Materiais: Madeira, metal</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocar esta peça paralelamente à entrada, no centro da área total designada para o núcleo 1</p> <p>Peça colocada em cima de plinto com 15cm de altura, 4m de comprimento e 1.20m de largura</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>11. Banco</p>  <p>Título: Banco em ossode baleia, Séc. XX</p> <p>Dimensões: Alt.: 40,00cm x diâm.: 30,00cm</p> <p>Materiais: Madeira e osso</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação em plinto quadrado com 45cm em todos os lados</p> <p>Disponibilizar ao lado esquerdo do carro de bois</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>12. Lamparinas de petróleo</p>  <p>Título: <i>Lamparinas de petróleo</i>, Séc. XX</p> <p>Dimensões: Alt.: 43,00cm x diâm.: 12,00cm Alt.: 35,00cm x diâm.: 12,00cm</p> <p>Materiais: Vidro e metal</p>	<p>Temperatura °C – 15 - 20 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 0-45%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 300</p>	<p>Acondicionamento na vitrina disposta no lado esquerdo na entrada</p> <p>Ordem de colocação: lamparina mais pequena à esquerda e a maior à direita</p>	<p>2 Exemplares</p>

Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>13. Candeia de Azeite</p>  <p>Título: <i>Candeia de Azeite, Séc. XVIII</i></p> <p>Dimensões: Alt.: 23,00cm x diâm.: 10,00cm</p> <p>Materiais: Metal</p>	<p>Temperatura °C – 15 - 20 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 0-45%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 300</p>	<p>Acondicionamento na vitrina disposta no lado direito na extremidade mais próxima da entrada</p>	<p>Peça bastante delicada</p>

Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>14. Chaleira e Caldeirão</p>  <p>Título: <i>Chaleira e Caldeirão</i>, Séc. XX</p> <p>Dimensões: Alt.: 12,00cm x diâm.: 15,00cm Alt.: 25,00cm x diâm.: 19,00cm</p> <p>Materiais: Ferro fundido</p>	<p>Temperatura °C – 15 - 20 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 0-45%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 300</p>	<p>Medidas dos objetos estão pela ordem apresentada nas fotos</p> <p>Acondicionamento na vitrina disposta no lado direito ao lado da candeia de azeite</p>	<p>2 Exemplares</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>15. Kit de Enxertador</p>  <p>Título: <i>Kit de Enxertador, Séc. XX</i></p> <p>Dimensões: Alt.: 20,00cm x comp.: 36,00cm x larg.: 22,00cm</p> <p>Materiais: Madeira, palha e metal</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocar almofada em cima da caixa de forma a deixar o seu conteúdo ligeiramente descoberto</p> <p>Acondicionamento na vitrina disposta no lado direito ao lado da chaleira e caldeirão</p>	<p>Dentro da caixa: tesouras x2, almofada, serrote, martelo, navalhas x2, ráfia e palha</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>16. Máquina de costura</p>  <p>Título: <i>Máquina de costura, Séc. XX</i></p> <p>Dimensões: Comp.: 50,00cm x larg.: 93,00cm x alt.: 63,00cm</p> <p>Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Acondicionamento na vitrina disposta no lado direito ao lado do ferro de engomar aquecido a brasas</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>17. Serra de carpinteiro 1</p>  <p>Título: <i>Serra de carpinteiro, Séc. XIX</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 90,00cm x alt.: 45,00cm</p> <p>Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Esta peça deverá ser colocada na horizontal por cima da vitrina do lado esquerdo, tendo como referência a entrada da exposição</p> <p>Por cima do lado mais comprido da vitrina</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>18. Serra de carpinteiro 2</p>  <p>Título: <i>Serra de carpinteiro, Séc. XIX</i></p> <p>Dimensões: Comp.: 70,00cm x alt.: 35,00cm</p> <p>Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Esta peça deverá ser colocada na horizontal por cima da vitrina do lado direito, tendo como referência a entrada da exposição</p> <p>Por cima do lado mais comprido da vitrina</p>	


Núcleo 2		
Profissões ligadas à baleação		
Objetivos	Sobre o Núcleo	Texto
Demonstrar objetos ligados à construção de embarcações, palamenta do bote baleeiro açoriano. Salientar carpinteiros, ferreiros e calafates, juntamente com os petipés.	Processos minuciosos da construção do bote baleeiro açoriano, evolução das embarcações. Mostrar peças feitas com o propósito da caça à baleia, juntamente com apoio fotográfico que demonstra a sua utilização.	Contextualização: Evolução das embarcações As campanhas baleeiras Explicar a vida dos homens tanto no mar como caçadores, também em terra como artesões Peças criadas para a vigia da baleia


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>19. Utensílio vigia da baleia</p>  <p>Título: <i>Banco de Vigia</i>, 1950 Dimensões: Alt. total: 120cm Alt. Banco: 50 cm Comp: 68cm Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação do banco de vigia em cima de plinto, no lado esquerdo da sala tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>Ao lado direito do arpão, espátula e lança</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p data-bbox="293 384 495 416">20. Fotografia</p>  <p data-bbox="293 826 707 858">Título: <i>Banco de Vigia</i>, 2015</p> <p data-bbox="293 882 672 914">Dimensões: 420x594 mm</p> <p data-bbox="293 938 680 1026">Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p data-bbox="801 438 1055 507">Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p data-bbox="801 587 1093 655">Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p data-bbox="801 735 1151 914">Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p data-bbox="801 938 1093 1026">Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p data-bbox="1180 691 1619 778">Colocação junto da peça <i>Banco de vigia</i></p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>21. Arpão caça à baleia</p>  <p>Título: <i>Arpão</i>, 1978 Dimensões: Comp. Haste: 185cm Comp. Ferro: 78cm Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Peça colocada na parede horizontalmente do lado esquerdo, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>O arpão é a primeira peça a ser colocada, logo é a que fica mais acima</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>22. Espátula caça à baleia</p>  <p>Título: <i>Espátula</i>, 1978 Dimensões: Comp. Haste: 189 cm Comp. Ferro: 37cm Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Peça colocada na parede horizontalmente do lado esquerdo, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>A espátula é a última peça a ser colocada, ficando conseqüentemente por baixo do arpão e da lança</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>23. Espátula caça à baleia</p>  <p>Título: <i>Espátula</i>, 1978 Dimensões: Comp. Haste: 182 cm Comp. Ferro: 125 cm Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Peça colocada na parede horizontalmente do lado esquerdo, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>A espátula é a última peça a ser colocada, ficando conseqüentemente por baixo do arpão e da lança</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>24. Enxó</p>  <p>Título: <i>Enxó</i> Dimensões: Comp: 21cm Alt: 30cm Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à esquerda, tendo a entrada da exposição como referência, na extremidade mais próxima da mesma</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>25. Guilherme</p>  <p>Título: <i>Guilherme</i> Dimensões: Comp: 22cm Alt: 10cm Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à esquerda, tendo a entrada da exposição como referência, na extremidade mais próxima da mesma</p> <p>Tem que estar junto do enxó, colocado na horizontal, tal como a foto representativa neste guião</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>26. Suta</p>  <p>Título: <i>Suta</i> Dimensões: Comp: 10cm Materiais: Ferro</p>	<p>Temperatura °C – 15 - 20 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 0-45%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 300</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à esquerda, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>Tem que estar junto do guilherme, colocado na horizontal, tal como a foto representativa neste guião</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>27. Arco de Pua</p>  <p>Título: <i>Arco de Pua</i> Dimensões: Comp: 33cm Alt: 27cm Materiais: Ferro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à esquerda, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>Tem que estar junto da suta, colocado na horizontal, tal como a foto representativa neste guião</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>28. Pua</p>  <p>Título: <i>Pua</i> Dimensões: Comp: 26cm Materiais: Ferro</p>	<p>Temperatura °C – 15 - 20 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 0-45%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 300</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à esquerda, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>Tem que estar junto do arco de pua, deitado na vertical</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>29. Trado</p>  <p>Título: <i>Trado</i> Dimensões: Comp: 47cm Materiais: Ferro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 15 - 20 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 0-45%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 300</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à esquerda, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>Tem que estar junto à pua, deitado na vertical</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>30. Martelo</p>  <p>Título: <i>Martelo</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 27cm</p> <p>Materiais: Ferro e osso de baleia</p>	<p>Temperatura °C – 15 - 20 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 0-45%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 300</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à esquerda, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>Tem que estar na mesma linha vertical que a pua, deitado no mesmo sentido, ficando por cima da pua</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>31. Esquadro</p>  <p>Título: <i>Esquadro</i> Dimensões: Comp: 14cm Alt: 21cm Materiais: Osso de baleia</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à esquerda, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>Tem que estar na mesma linha vertical que o trado, deitado no mesmo sentido, ficando por cima do trado</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>32. Cantil</p>  <p>Título: <i>Cantil</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 32cm Alt: 21cm</p> <p>Materiais: Madeira e marfim</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à esquerda, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>Tem que estar junto da esquadro, colocado na horizontal, tal como a foto representativa neste guião</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>33. Graminho</p>  <p>Título: <i>Graminho</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 19cm Alt: 15cm</p> <p>Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à esquerda, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>Tem que estar junto ao cantil, colocado na horizontal, tal como a foto representativa neste guião</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>34. Plaina</p>  <p>Título: <i>Plaina 1</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 43cm Alt: 16cm</p> <p>Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à direita, tendo a entrada da exposição como referência, na extremidade mais próxima da mesma</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>35. Plaina 2</p>  <p>Título: <i>Plaina 2</i> Dimensões: Comp: 30cm Alt: 18cm Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à direita, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>Esta peça ficará por cima deitada horizontalmente por cima da plaina 1</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>36. Plaina 3</p>  <p>Título: <i>Plaina 3</i> Dimensões: Comp: 45cm Alt: 16cm Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à direita, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>Esta peça ficará por cima deitada horizontalmente por cima da plaina 2</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>37. Plaina 4</p>  <p>Título: <i>Plaina 4</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 35cm Alt: 12cm</p> <p>Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à direita, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>Esta peça ficará por cima deitada horizontalmente por cima da plaina 3</p>	

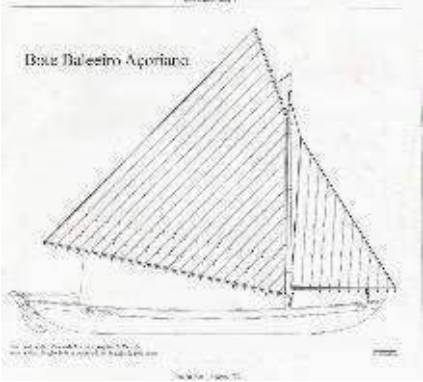
Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>38. Plaina 5 Título: <i>Plaina5</i></p>  <p>Dimensões: Comp: 36cm Alt: 12cm Materiais: Madeira, ferro e osso de baleia</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à direita, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>Esta peça ficará por cima deitada horizontalmente por cima da plaina 4</p>	

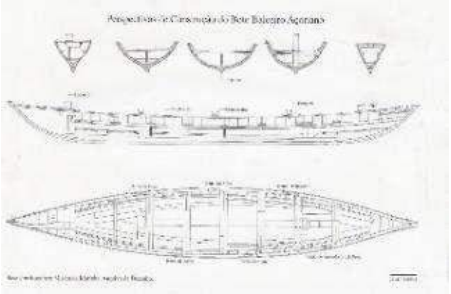
Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>39. Desbastador/plaina grande</p>  <p>Título: <i>Desbastador/plaina grande,</i> Dimensões: Comp: 80cm Alt: 12cm Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à direita, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>Esta peça ficará por cima deitada horizontalmente por cima da plaina 5</p>	

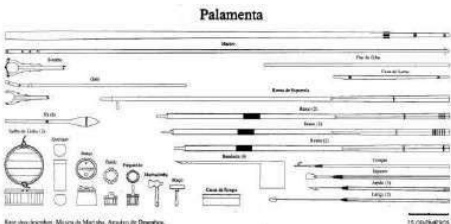
Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>40. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Santo António</i>, 2015 Dimensões: 420x594 mm Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Tem que ser colocada em frente à maquete à escala do bote Santo António</p> <p>Inclinada ligeiramente na diagonal, com apoio de suportes para uma melhor visualização</p>	

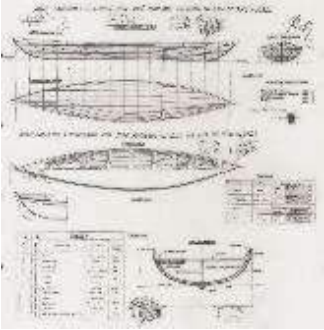
Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>41. Réplica bote Santo António</p>  <p>Título: <i>Bote baleeiro Santo António, réplica</i></p> <p>Dimensões: Comp.: 60,00 cm x larg.: 11,00cm x alt.: 55,00cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação desta peça na única vitrina quadrangular presente no espaço dedicado ao segundo núcleo</p> <p>Tem que estar colocada na extremidade mais afastada, tendo como referência a entrada da exposição</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>42. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Baleeiros remam em direção à baleia</i>, 1983</p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>43. Plano geométrico de um Bote Baleeiro Açoriano</p>  <p>Título: <i>Plano geométrico Bote Baleeiro Açoriano,</i></p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Papel</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Tem que ser colocada em frente à maquete à escala do bote Santo António, ao lado da fotografia do bote Santo António</p> <p>Inclinada ligeiramente na diagonal, com apoio de suportes para uma melhor visualização</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>44.Planta e cortes geométricos de um Bote Baleeiro Açoriano</p>  <p>Título: <i>Planta e cortes geométricos de um Bote Baleeiro Açoriano 1</i></p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Papel</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Tem que ser colocada em frente à maquete à escala do bote Santo António, por baixo do plano geométrico do bote baleeiro</p> <p>Inclinada ligeiramente na diagonal, com apoio de suportes para uma melhor visualização</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>45. Palamenta Bote Baleeiro Açoriano</p>  <p>Título: <i>Palamenta Bote Baleeiro Açoriano</i></p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Tem que ser colocada em frente à maquete à escala do bote Santo António, ao lado das perspetivas de construção do baleeiro açoriano</p> <p>Inclinada ligeiramente na diagonal, com apoio de suportes para uma melhor visualização</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>46. Bote Baleeiro 1</p>  <p>Título: <i>Perspetivas de Construção do Bote Baleeiro Açoriano 2</i></p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Papel</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Tem que ser colocada em frente à maquete à escala do bote Santo António, ao lado da palamenta Inclinação ligeiramente na diagonal, com apoio de suportes para uma melhor visualização</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>47. Lancha da baleia a rebocar um bote</p>  <p>Título: <i>Bote a ser rebocado</i> Dimensões: 420x594 mm Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>48. Vigia da Baleia</p>  <p>Título: <i>Vigia</i> Dimensões: 420x594 mm Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>49. Bote a reboque de uma lancha da baleia</p>  <p>Título: <i>Bote a ser rebocado para o porto</i></p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>		


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>50. Petipé – Mestre João Alberto das Neves - Senhora de Fátima</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre João Alberto das Neves - Senhora de Fátima</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 75cm x Alt.: 8,80cm x Larg.: 5,90cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado no canto superior esquerdo na extremidade central, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p> <p>Serão dispostos três petipés por fila horizontalmente</p>	<p>Conjunto de petipé e fotografia da embarcação construída a partir dos mesmos</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>51. Petipé Boavista</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre João Alberto das Neves - Boavista</i></p> <p>Dimensões: Comp.: 83,66cm x Alt.: 8,13cm x Larg.: 6,03cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado na extremidade central, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p> <p>Serão dispostos três petipés por fila horizontalmente</p>	<p>Conjunto de petipé, plano geométrico e fotografia da embarcação construída a partir dos mesmos</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>52. Petipé – Canoa Baleeira 1</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre José Machado de Oliveira - Canoa Baleeira 1</i></p> <p>Dimensões: Comp.: 75cm x Alt.: 8,80cm x Larg.: 5,90cm Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado no canto superior direito na extremidade direita, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p> <p>Serão dispostos três petipés por fila horizontalmente</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>53. Petipé – Diana</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre Francisco José Machado – Diana</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 75cm x Alt.: 8,80cm x</p> <p>Larg.: 5,90cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Senhora de Fátima, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>54. Petipé - Canoa Baleeira 2</p>  <p>Título: <i>Petipé Canoa Baleeira 2 – Mestre António dos Santos Fonseca</i></p> <p>Dimensões: Comp.: 75cm x Alt.: 8,80cm x Larg.: 5,90cm Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Boavista, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>55. Petipé - Canoa Baleeira 3</p>  <p>Título: <i>Petipé Canoa Baleeira 3 – Mestre António dos Santos Fonseca</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 75cm x Alt.: 8,80cm x</p> <p>Larg.: 5,90cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Canoa Baleeira 1, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>56. Petipé – Canoa Baleeira 4</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre José Machado de Oliveira – Canoa Baleeira 4</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 75cm x Alt.: 8,80cm x Larg.: 5,90cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Diana, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>57. Petipé – Carapacho</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre Manuel Joaquim de Melo – Carapacho</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 56,00cm x alt.: 11,50cm x larg.: 4,40cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Canoa Baleeira 2, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>58. Petipé –</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre Manuel Joaquim de Melo – Carapacho</i></p> <p>Dimensões: Comp.: 56,00cm x alt.: 11,50cm x larg.: 4,40cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Canoa Baleeira 3, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>59. Petipé – Medina, Marta Mariana e Espartel</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre José Teixeira Costa Medina, Marta Mariana e Espartel</i></p> <p>Dimensões: Comp.: 107cm x Alt.: 15,40cm x Larg.: 10,80cm Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Canoa Baleeira 4, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	<p>Este petipé deu origem a três embarcações</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>60. Petipé – Norberto</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre Manuel Hermínio Silveira de Brum – Norberto</i></p> <p>Dimensões: Comp.: 107cm x Alt.: 15,40cm x Larg.: 10,80cm Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Carapacho, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>61. Petipé – Liberdade</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre Manuel Hermínio Silveira de Brum – Liberdade</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 86,20cm x Alt.: 8,90cm x Larg.: 6,40cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Mestre Manuel Joaquim de Melo, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	

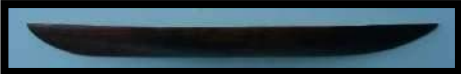
Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>62. Petipé – Claudina</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre João Silveira Tavares – Claudina</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 68,50cm x Alt.: 8,50cm x</p> <p>Larg.: 5,00cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Medina, Marta Mariana e Espartel, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	

Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>63. Petipé – Formosa – S. José – M^a Conceição</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre João Silveira Tavares - Pico, Faial, Boavista, S. Miguel – Formosa – S. José – M^a Conceição</i></p> <p>Dimensões: Comp.: 68,50cm x Alt.: 3,50cm x Larg.: 5,00cm Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Medina, Norberto, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	<p>Este petipé originou 7 embarcações</p>

Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>64. Petipé – Açores</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre João Silveira Tavares – Açores</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 40,00cm x Alt.: 7,85cm x</p> <p>Larg.: 8,01cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Liberdade, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>65. Petipé – Estefânia Correia</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre Manuel Maria Gambão – Estefânia Correia</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 40,00cm x Alt.: 7,85cm x Larg.: 8,01cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Claudina, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>66. Petipé – Maria Manuela</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre Manuel Maria Gambão – Maria Manuela</i></p> <p>Dimensões: Comp.: 108cm x Alt.: 15,70cm x Larg.: 10,50cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Pico, Faial, Boavista, S. Miguel – Formosa – S. José – M^a Conceição, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>67. Petipé – M^a Adelaide – Sr.^a Angústias – M^a Celeste – Pontinha – Formosa – Espardarte II – M^a Virgínia – St^o Cristo</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre Manuel Monteiro Machado – M^a Adelaide – Sr.^a Angústias – M^a Celeste – Pontinha – Formosa – Espardarte II – M^a Virgínia – St^o Cristo</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 83,66cm x Alt.: 8,13cm x Larg.: 6,03cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Pico Açores, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	<p>Um petipé, 8 embarcações</p>


Núcleo 3		
A Atividade Baleeira		
Objetivos	Sobre o Núcleo	Texto
Demonstrar todos os ramos adjacentes criados por causa da caça à baleia.	Análise das fábricas dedicadas ao processamento dos restos do animal Materiais resultantes do animal utilizado na vida quotidiana da população Aproveitamento de toda a carcaça	Contextualização: Fábricas relacionadas com a caça à baleia Evolução das embarcações e aparecimento da “lancha baleeira”


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>68. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Cachalote morto, fábrica da baleia (1)</i>, 1978</p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>69. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Cachalote morto, fábrica da baleia (2)</i>, 1981</p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50lux</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede</p>	<p>Se houver a possibilidade colocar em exposição as farinhas preservadas</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>70. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Cachalote moro, fábrica da baleia (3)</i></p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>71. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Saída dos botes para baleação</i>, 1980</p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede</p>	

Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>72. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Varando os botes depois de um dia de baleação, 1977</i></p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>73. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Lançando a baleia da lancha,</i> 1981</p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede</p>	

Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>74. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Lanchas preparam-se para o regresso ao porto, 1983</i></p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>74. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Cachalote morto</i>, Início séc. XX</p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>		<p>Indicar situações onde o óleo era empregue e exemplos de faróis da época</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>75. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Bote a ser puxado para o porto, 1984</i></p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>		


Núcleo 4		
Artesanato Scrimshaw		
Objetivos	Sobre o Núcleo	Texto
Apresentação de objetos feitos a partir de osso e marfim de baleia.	Comparação entre o tempo passado em terra e o tempo passado em mar Salientando a rapidez desde o avistamento de um baleia até à sua morte e o tempo passado em mar que era demorado e originou este artesanato	Contextualização: Demonstração de objetos de várias índoles Temáticas religiosas, costumes do quotidiano, retratos, animais e embarcações


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>76. Escultura</p>  <p>Título: <i>Quadro com escultura de cachalote, bote, lança e arpão, 1997</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 21cm Alt: 7cm</p> <p>Materiais: Marfim, madeira, vidro e tela.</p> <p>Acabamento: Polimento</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		<p>Salientar o trabalho dos artesãos</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>77. Escultura</p>  <p>Título: <i>Cachalote</i>, 1997 Dimensões: Comp: 11 cm Alt: 20 cm Materiais: Marfim</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Apesar de algumas peças já se encontrarem acondicionadas, estas deverão na mesma serem colocadas em vitrinas climatizadas com suportes que sejam feitos a partir de materiais neutros</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>78. Escultura</p>  <p>Título: <i>Golfinho com suporte</i> Dimensões: Comp: 12cm Alt: 13cm Materiais: Marfim Acabamento: polimento</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>79. Escultura, alto-relevo</p>  <p>Título: <i>Dente de cachalote apoiado em osso de baleia com suporte,</i> entre 1997 e 2005</p> <p>Dimensões: Comp: 19cm Alt: 9cm</p> <p>Materiais: Marfim</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>80. Escultura, alto-relevo</p>  <p>Título: <i>Dente de cachalote, dois golfinhos</i>, entre 1997 e 2005</p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 5cm Alt: 17cm</p> <p>Materiais: Marfim</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>81. Escultura</p>  <p>Título: <i>Dente de cachalote, bote, horizonte marítimo e aves marinhas com suporte</i>, Entre 1997 e 2005</p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 8cm Alt: 16cm</p> <p>Materiais: Marfim, osso de baleia. Incisão e pintura</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>82. Escultura alto-relevo</p>  <p>Título: <i>Dente de cachalote, cachalote com suporte</i>, Entre 1997 e 2005</p> <p>Dimensões: Comp: 7cm Alt: 18cm</p> <p>Materiais: Marfim, osso de baleia</p> <p>Acabamento: Polimento</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>83. Escultura, alto-relevo</p>  <p>Título: <i>Dente de cachalote, golfinho,</i> Entre 1997 e 2005</p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 5cm Alt: 18cm</p> <p>Materiais: Marfim</p> <p>Acabamento: Polimento</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>84. Escultura</p>  <p>Título: <i>Dente de cachalote, cachalote, arpão, lança e espátula,</i> Entre 1997 e 2005</p> <p>Dimensões: Comp: 19cm Alt: 5cm</p> <p>Materiais: Marfim. Incisão e pintura</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>85. Escultura, alto-relevo</p>  <p>Título: <i>Dente de cachalote, golfinho</i>, Entre 1997 e 2005</p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 6cm Alt: 19cm</p> <p>Materiais: Marfim e osso de baleia.</p> <p>Acabamento: Polimento</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>86. Escultura</p>  <p>Título: <i>Cachalote com suporte</i>, Entre 1997 e 2005</p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 14cm Alt: 11cm</p> <p>Materiais: Marfim e osso de baleia.</p> <p>Acabamento: Polimento</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		

Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>87. Escultura</p>  <p>Título: <i>Cachalote com suporte</i>, Entre 1997 e 2005</p> <p>Dimensões:</p> <p>Base: 7 cm x 4 cm Alt: 11 cm</p> <p>Materiais: Marfim e osso de baleia.</p> <p>Acabamento: Polimento</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>88. Escultura</p>  <p>Título: <i>Cachalote com suporte</i>, Entre 1997 e 2005</p> <p>Dimensões:</p> <p>Base: 7 cm x 7 cm Alt: 11 cm</p> <p>Materiais: Marfim e osso de baleia</p> <p>Acabamento: Polimento</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>89. Escultura, alto-relevo</p>  <p>Título: <i>Bote baleeiro e baleia</i>, entre 1997 e 2005</p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 5cm Alt: 17cm</p> <p>Materiais: Dente de baleia.</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		

Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>90. Escultura</p>  <p>Título: <i>Golfinho</i>, entre 1997 e 2005</p> <p>Dimensões:</p> <p>Base: 5 cm x alt.: 15cm x comp.: 13cm</p> <p>Materiais: Marfim e osso de baleia.</p> <p>Acabamento: Polimento</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		

Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>91. Gravura, dente de baleia</p>  <p>Título: <i>Retrato de baleeiro</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Alt.: 14 cm x comp.: 6 cm</p> <p>Materiais: Marfim e osso de baleia.</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		

Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>92. Escultura</p>  <p>Título: <i>Arpão, lança e espátula</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Alt.: 9 cm x comp.: 21 cm</p> <p>Materiais: Marfim e osso de baleia</p> <p>Acabamento: Polimento</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>93. Escultura</p>  <p>Título: <i>Bote baleeiro em marfim</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 30,00 cm x larg.: 6,00cm x alt.: 27,00cm</p> <p>Materiais: Marfim e osso de baleia</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		

Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>94. Escultura</p>  <p>Título: <i>Bote Baleeiro</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 27,00 cm x larg.: 6,00cm x alt.: 25,00cm</p> <p>Materiais: Marfim, osso de baleia e madeira</p> <p>Acabamento: Polimento</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Guião de Exposição


A Indústria baleeira do Pico, na coleção do Comandante Lizuarte Machado – Modelo 2


Núcleo 1		
A vida quotidiana da Ilha do Pico no Séc. XIX e XX		
Objetivos	Sobre o Núcleo	Texto
Demonstrar as relações entre os dois povos que foram unidos a partir da baleação salientando o motivo da caça em relação às difíceis condições de vida no séc. XIX.	A história do povo dos Açores no séc. XIX é contada em conjunto com a vinda do povo Norte-Americano que juntos desenvolveram a caça à baleia e criaram laços. É enaltecida a necessidade da caça para a sobrevivência dos povos na altura.	Contextualização: População Açoriana no séc., XIX As campanhas baleeiras Troca de conhecimentos Melhoramento de técnicas e embarcações


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>1. Canecas de Pastor</p>  <p>Título: <i>Canecas de Pastor, Séc. XX</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Alt.: 35,00cm x diâm.: 23,00cm</p> <p>Alt.: 28,00cm x diâm.: 20,00cm</p> <p>Alt.: 25,00cm x diâm.: 17,00cm</p> <p>Materiais: Madeira e Metal</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação das peças em vitrinas</p> <p>Ordem de colocação: da caneca mais pequena para a maior</p> <p>Acondicionamento na vitrina disposta no lado esquerdo na entrada, depois das lamparinas</p>	<p>3 Exemplares</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>2. Pinguim / Gamote</p>  <p>Título: <i>Pinguim / Gamote, Início Séc. XIX</i></p> <p>Dimensões: Alt.: 29,50cm x diâm.: 12,50cm Alt.: 22,50cm x diâm.: 14,00cm</p> <p>Materiais: Madeira e Metal</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Acondicionamento na vitrina disposta no lado esquerdo na entrada, depois das canecas de pastor</p>	<p>2 Exemplares</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>3. Celha e balde</p>  <p>Título: <i>Celha e balde, Início Séc. XIX</i></p> <p>Dimensões: Alt.: 28,00cm x diâm.: 35,00cm Alt.: 15,00cm x diâm.: 35,00cm</p> <p>Materiais: Madeira e Metal</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocar estas duas peças adjacentes uma à outra. Primeiro a celha e depois o balde</p> <p>Acondicionamento na vitrina disposta no lado esquerdo na entrada, depois das canecas de pastor</p>	<p>Um balde e uma celha</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>4. Banco</p>  <p>Título: Banco em osso de baleia, Séc. XX Dimensões: Alt.: 40,00cm x diâm.: 30,00cm Materiais: Madeira e osso</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação em plinto quadrado com 45cm em todos os lados</p> <p>Dispor ao lado esquerdo do carro de bois</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>5. Lamparinas de petróleo</p>  <p>Título: <i>Lamparinas de petróleo, Séc. XX</i></p> <p>Dimensões: Alt.: 43,00cm x diâm.: 12,00cm Alt.: 35,00cm x diâm.: 12,00cm</p> <p>Materiais: Vidro e metal</p>	<p>Temperatura °C – 15 - 20 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 0-45%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 300</p>	<p>Acondicionamento na vitrina disposta no lado esquerdo na entrada</p> <p>Ordem de colocação: lamparina mais pequena à esquerda e a maior à direita</p>	<p>2 Exemplares</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>6. Ferro engomar aquecido a brasas</p>  <p>Título: <i>Ferro engomar aquecido a brasas, séc. XIX</i></p> <p>Dimensões: Comp.: 21,00cm x alt.: 19,00cm x larg.: 11,00cm</p> <p>Materiais: Ferro fundido</p>	<p>Temperatura °C – 15 - 20 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 0-45%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 300</p>	<p>Acondicionamento na vitrina disposta no lado direito ao lado do kit de enxertador</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>7. Candeia de Azeite</p>  <p>Título: <i>Candeia de Azeite, Séc. XVIII</i></p> <p>Dimensões: Alt.: 23,00cm x diâm.: 10,00cm</p> <p>Materiais: Metal</p>	<p>Temperatura °C – 15 - 20 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 0-45%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 300</p>	<p>Acondicionamento na vitrina disposta no lado direito na extremidade mais próxima da entrada</p>	<p>Peça bastante delicada</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>8. Chaleira e Caldeirão</p>  <p>Título: <i>Chaleira e Caldeirão, Séc. XX</i></p> <p>Dimensões: Alt.: 12,00cm x diâm.: 15,00cm Alt.: 25,00cm x diâm.: 19,00cm</p> <p>Materiais: Ferro fundido</p>	<p>Temperatura °C – 15 - 20 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 0-45%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 300</p>	<p>Medidas dos objetos estão pela ordem apresentada nas fotos</p> <p>Acondicionamento na vitrina disposta no lado direito ao lado da candeia de azeite</p>	<p>2 Exemplares</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>9. Kit de Enxertador</p>  <p>Título: <i>Kit de Enxertador, Séc. XX</i></p> <p>Dimensões: Alt.: 20,00cm x comp.: 36,00cm x larg.: 22,00cm</p> <p>Materiais: Madeira, palha e metal</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocar almofada em cima da caixa de forma a deixar o seu conteúdo ligeiramente descoberto</p> <p>Acondicionamento na vitrina disposta no lado direito ao lado da chaleira e caldeirão</p>	<p>Dentro da caixa: tesouras x2, almofada, serrote, martelo, navalhas x2, ráfia e palha</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>10. Máquina de costura</p>  <p>Título: <i>Máquina de costura, Séc. XX</i></p> <p>Dimensões: Comp.: 50,00cm x larg.: 93,00cm x alt.: 63,00cm</p> <p>Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Acondicionamento na vitrina disposta no lado direito ao lado do ferro de engomar aquecido a brasas</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>11. Serra de carpinteiro 1</p>  <p>Título: <i>Serra de carpinteiro, Séc. XIX</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 90,00cm x alt.: 45,00cm</p> <p>Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Esta peça deverá ser colocada na horizontal por cima da vitrina do lado esquerdo, tendo como referência a entrada da exposição</p> <p>Por cima do lado mais comprido da vitrina</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>12. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Baleia final</i>, Início séc. XX Dimensões: 420x594 mm Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede.</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>13. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Pesca da Baleia – Villa das Lages – Pico Açores, Início séc. XX.</i></p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede.</p>	<p>Apresentar fotografia ampliada juntamente com postal original.</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>14. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Baleeiro com arpão</i>, Início séc. XX.</p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede.</p>	

Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>15. Fotografia</p>  <p>Título: <i>A chegada das canoas de pesca da Baleia, Villa das Lages – Pico – Açores.</i></p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede.</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>16. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Baleia a ser lançada da lancha, 1945</i></p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede.</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>17. Escultura</p>  <p>Título: Réplica carro de bois</p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 21cm ; Larg.: 9cm ; Alt.: 7cm</p> <p>Materiais: Madeira, ferro e corda</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>18. Escultura</p>  <p>Título: Réplica grade Dimensões: Comp.: 15cm ; Larg.: 8cm ; Alt.: 2cm Materiais: Madeira, metal e corda</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>19. Escultura</p>  <p>Título: Réplica arado de 2 animais Dimensões: Comp.: 29cm ; Larg.: 5cm ; Alt.: 12cm Materiais: Madeira e metal</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Núcleo 2		
Profissões ligadas à baleação		
Objetivos	Sobre o Núcleo	Texto
<p>Demonstrar objetos ligados à construção de embarcações, palamenta do bote baleeiro açoriano.</p> <p>Salientar carpinteiros, ferreiros e calafates, juntamente com os petipés.</p>	<p>Processos minuciosos da construção do bote baleeiro açoriano, evolução das embarcações.</p> <p>Mostrar peças feitas com o propósito da caça à baleia, juntamente com apoio fotográfico que demonstra a sua utilização.</p>	<p>Contextualização:</p> <p>Evolução das embarcações</p> <p>As campanhas baleeiras</p> <p>Explicar a vida dos homens tanto no mar como caçadores, também em terra como artesões</p> <p>Peças criadas para a vigia da baleia</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>20. Plaina 5</p>  <p>Título: <i>Plaina 5</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 36cm Alt: 12cm</p> <p>Materiais: Madeira, ferro e osso de baleia</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à direita, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>Esta peça ficará por cima deitada horizontalmente por cima da plaina 4</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>21. Plaina 4</p>  <p>Título: <i>Plaina 4</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 35cm Alt: 12cm</p> <p>Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à direita, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>Esta peça ficará por cima deitada horizontalmente por cima da plaina 3</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>22. Plaina</p>  <p>Título: <i>Plaina 1</i> Dimensões: Comp: 43cm Alt: 16cm Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à direita, tendo a entrada da exposição como referência, na extremidade mais próxima da mesma</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>23. Serra de carpinteiro 2</p>  <p>Título: <i>Serra de carpinteiro, Séc. XIX</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 70,00cm x alt.: 35,00cm</p> <p>Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Esta peça deverá ser colocada na horizontal por cima da vitrina do lado direito, tendo como referência a entrada da exposição</p> <p>Por cima do lado mais comprido da vitrina</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>24. Petipé – Mestre João Alberto das Neves - Senhora de Fátima</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre João Alberto das Neves - Senhora de Fátima</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 75cm x Alt.: 8,80cm x Larg.: 5,90cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado no canto superior esquerdo na extremidade central, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p> <p>Serão dispostos três petipés por fila horizontalmente</p>	<p>Conjunto de petipé e fotografia da embarcação construída a partir dos mesmos</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>25. Petipé Boavista</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre João Alberto das Neves - Boavista</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 83,66cm x Alt.: 8,13cm x Larg.: 6,03cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado na extremidade central, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p> <p>Serão dispostos três petipés por fila horizontalmente</p>	<p>Conjunto de petipé, plano geométrico e fotografia da embarcação construída a partir dos mesmos</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>26. Petipé – Canoa Baleeira 1</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre José Machado de Oliveira - Canoa Baleeira 1</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 75cm x Alt.: 8,80cm x Larg.: 5,90cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado no canto superior direito na extremidade direita, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p> <p>Serão dispostos três petipés por fila horizontalmente</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>27. Petipé – Diana</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre Francisco José Machado – Diana</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 75cm x Alt.: 8,80cm x</p> <p>Larg.: 5,90cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Senhora de Fátima, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>28. Petipé - Canoa Baleeira 2</p>  <p>Título: <i>Petipé Canoa Baleeira 2 – Mestre António dos Santos Fonseca</i></p> <p>Dimensões: Comp.: 75cm x Alt.: 8,80cm x Larg.: 5,90cm Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Boavista, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>29. Petipé - Canoa Baleeira 3</p>  <p>Título: <i>Petipé Canoa Baleeira 3 – Mestre António dos Santos Fonseca</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 75cm x Alt.: 8,80cm x</p> <p>Larg.: 5,90cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Canoa Baleeira 1, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>30. Petipé – Canoa Baleeira 4</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre José Machado de Oliveira – Canoa Baleeira 4</i></p> <p>Dimensões: Comp.: 75cm x Alt.: 8,80cm x Larg.: 5,90cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Diana, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>31. Petipé – Carapacho</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre Manuel Joaquim de Melo – Carapacho</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 56,00cm x alt.: 11,50cm x larg.: 4,40cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Canoa Baleeira 2, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>32. Petipé –</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre Manuel Joaquim de Melo – Carapacho</i></p> <p>Dimensões: Comp.: 56,00cm x alt.: 11,50cm x larg.: 4,40cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Canoa Baleeira 3, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>33. Petipé – Medina, Marta Mariana e Espartel</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre José Teixeira Costa Medina, Marta Mariana e Espartel</i></p> <p>Dimensões: Comp.: 107cm x Alt.: 15,40cm x Larg.: 10,80cm Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Canoa Baleeira 4, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	<p>Este petipé deu origem a três embarcações</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>34. Petipé – Norberto</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre Manuel Hermínio Silveira de Brum – Norberto</i></p> <p>Dimensões: Comp.: 107cm x Alt.: 15,40cm x Larg.: 10,80cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Carapacho, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>35. Petipé – Liberdade</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre Manuel Hermínio Silveira de Brum – Liberdade</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 86,20cm x Alt.: 8,90cm x Larg.: 6,40cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Mestre Manuel Joaquim de Melo, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	

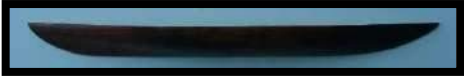
Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>36. Petipé – Claudina</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre João Silveira Tavares – Claudina</i></p> <p>Dimensões: Comp.: 68,50cm x Alt.: 8,50cm x Larg.: 5,00cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Medina, Marta Mariana e Espartel, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>37. Petipé – Formosa – S. José – M^a Conceição</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre João Silveira Tavares - Pico, Faial, Boavista, S. Miguel – Formosa – S. José – M^a Conceição</i></p> <p>Dimensões: Comp.: 68,50cm x Alt.: 3,50cm x Larg.: 5,00cm Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Medina, Norberto, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	<p>Este petipé originou 7 embarcações</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>38. Petipé – Açores</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre João Silveira Tavares – Açores</i></p> <p>Dimensões: Comp.: 40,00cm x Alt.: 7,85cm x Larg.: 8,01cm Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Liberdade, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>39. Petipé – Estefânia Correia</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre Manuel Maria Gambão – Estefânia Correia</i></p> <p>Dimensões: Comp.: 40,00cm x Alt.: 7,85cm x Larg.: 8,01cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Claudina, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>40. Petipé – Maria Manuela</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre Manuel Maria Gambão – Maria Manuela</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 108cm x Alt.: 15,70cm x</p> <p>Larg.: 10,50cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Pico, Faial, Boavista, S. Miguel – Formosa – S. José – M^a Conceição, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>41. Petipé – M^a Adelaide – Sr.^a Angústias – M^a Celeste – Pontinha – Formosa – Espardarte II – M^a Virgínia – St^o Cristo</p>  <p>Título: <i>Petipé – Mestre Manuel Monteiro Machado – M^a Adelaide – Sr.^a Angústias – M^a Celeste – Pontinha – Formosa – Espardarte II – M^a Virgínia – St^o Cristo</i></p> <p>Dimensões: Comp.: 83,66cm x Alt.: 8,13cm x Larg.: 6,03cm Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocado abaixo do petipé Pico Açores, de forma a deixar folga de 5,00 cm entre o suporte do petipé, as arestas da parede e restantes petipés</p>	<p>Um petipé, 8 embarcações</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>42. Utensílio vigia da baleia</p>  <p>Título: <i>Banco de Vigia</i>, 1950 Dimensões: Alt. total: 120cm Alt. Banco: 50 cm Comp: 68cm Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação do banco de vigia em cima de plinto, no lado esquerdo da sala tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>Ao lado direito do arpão, espátula e lança</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Iconografia	Museografia/Cenografia	Observações
<p>42. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Banco de Vigia</i>, 2015 Dimensões: 420x594 mm Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Exemplificação da utilização do bando de vigia</p>	<p>Colocação junto da peça <i>Banco de vigia</i></p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>43. Arpão caça à baleia</p>  <p>Título: <i>Arpão</i>, 1978 Dimensões: Comp. Haste: 185cm Comp. Ferro: 78cm Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Peça colocada na parede horizontalmente do lado esquerdo, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>O arpão é a primeira peça a ser colocada, logo é a que fica mais acima</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>44. Espátula caça à baleia</p>  <p>Título: <i>Espátula</i>, 1978</p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp. Haste: 189 cm</p> <p>Comp. Ferro: 37cm</p> <p>Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Peça colocada na parede horizontalmente do lado esquerdo, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>A espátula é a última peça a ser colocada, ficando conseqüentemente por baixo do arpão e da lança</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>45. Espátula caça à baleia</p>  <p>Título: <i>Espátula</i>, 1978</p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp. Haste: 182 cm</p> <p>Comp. Ferro: 125 cm</p> <p>Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Peça colocada na parede horizontalmente do lado esquerdo, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>A espátula é a última peça a ser colocada, ficando consequentemente por baixo do arpão e da lança</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>46. Enxó</p>  <p>Título: <i>Enxó</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 21cm Alt: 30cm</p> <p>Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à esquerda, tendo a entrada da exposição como referência, na extremidade mais próxima da mesma</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>47. Guilherme</p>  <p>Título: <i>Guilherme</i> Dimensões: Comp: 22cm Alt: 10cm Materiais: Madeira e ferro</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à esquerda, tendo a entrada da exposição como referência, na extremidade mais próxima da mesma</p> <p>Tem que estar junto do enxó, colocado na horizontal, tal como a foto representativa neste guião</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>48. Suta</p>  <p>Título: <i>Suta</i> Dimensões: Comp: 10cm Materiais: Ferro</p>	<p>Temperatura °C – 15 - 20 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 0-45%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 300</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à esquerda, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>Tem que estar junto do guilherme, colocado na horizontal, tal como a foto representativa neste guião</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>49. Arco de Pua</p>  <p>Título: <i>Arco de Pua</i> Dimensões: Comp: 33cm Alt: 27cm Materiais: Ferro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à esquerda, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>Tem que estar junto da suta, colocado na horizontal, tal como a foto representativa neste guião</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>50. Pua</p>  <p>Título: <i>Pua</i> Dimensões: Comp: 26cm Materiais: Ferro</p>	<p>Temperatura °C – 15 - 20 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 0-45%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 300</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à esquerda, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>Tem que estar junto do arco de pua, deitado na vertical</p>	

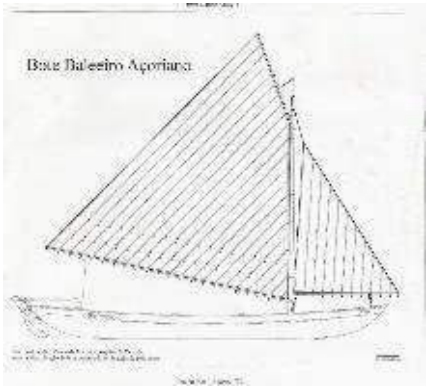
Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>51. Trado</p>  <p>Título: <i>Trado</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 47cm</p> <p>Materiais: Ferro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 15 - 20 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 0-45%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 300</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à esquerda, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>Tem que estar junto à pua, deitado na vertical</p>	

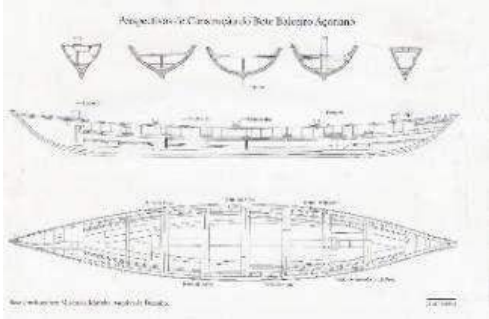
Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>52. Martelo</p>  <p>Título: <i>Martelo</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 27cm</p> <p>Materiais: Ferro e osso de baleia</p>	<p>Temperatura °C – 15 - 20 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 0-45%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 300</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à esquerda, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>Tem que estar na mesma linha vertical que a pua, deitado no mesmo sentido, ficando por cima da pua</p>	

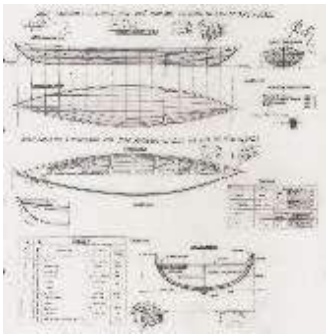
Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>53. Esquadro</p>  <p>Título: <i>Esquadro</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 14cm Alt: 21cm</p> <p>Materiais: Osso de baleia</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação da peça na vitrina mais à esquerda, tendo a entrada da exposição como referência</p> <p>Tem que estar na mesma linha vertical que o trado, deitado no mesmo sentido, ficando por cima do trado</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>54. Réplica bote Santo António</p>  <p>Título: <i>Bote baleeiro Santo António, réplica</i></p> <p>Dimensões: Comp.: 60,00 cm x larg.: 11,00cm x alt.: 55,00cm</p> <p>Materiais: Madeira</p>	<p>Temperatura °C – 19 - 21 °C</p> <p>Humidade Relativa HR – 50%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Colocação desta peça na única vitrina quadrangular presente no espaço dedicado ao segundo núcleo</p> <p>Tem que estar colocada na extremidade mais afastada, tendo como referência a entrada da exposição</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>55. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Baleeiros remam em direção à baleia</i>, 1983</p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>56. Plano geométrico de um Bote Baleeiro Açoriano</p>  <p>Título: <i>Plano geométrico Bote Baleeiro Açoriano,</i></p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Papel</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Tem que ser colocada em frente à maquete à escala do bote Santo António, ao lado da fotografia do bote Santo António</p> <p>Inclinada ligeiramente na diagonal, com apoio de suportes para uma melhor visualização</p>	

Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>57. Planta e cortes geométricos de um Bote Baleeiro Açoriano</p>  <p>Título: <i>Planta e cortes geométricos de um Bote Baleeiro Açoriano 1</i></p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Papel</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Tem que ser colocada em frente à maquete à escala do bote Santo António, por baixo do plano geométrico do bote baleeiro</p> <p>Inclinada ligeiramente na diagonal, com apoio de suportes para uma melhor visualização</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>59. Bote Baleeiro 1</p>  <p>Título: <i>Perspetivas de Construção do Bote Baleeiro Açoriano 2</i></p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Papel</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Tem que ser colocada em frente à maquete à escala do bote Santo António, ao lado da palamenta Inclinação ligeiramente na diagonal, com apoio de suportes para uma melhor visualização</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>60. Lancha da baleia a rebocar um bote</p>  <p>Título: <i>Bote a ser rebocado</i> Dimensões: 420x594 mm Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>61. Vigia da Baleia</p>  <p>Título: <i>Vigia</i> Dimensões: 420x594 mm Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>62. Bote a reboque de uma lancha da baleia</p>  <p>Título: <i>Bote a ser rebocado para o porto</i></p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>		


Núcleo 3		
A Atividade Baleeira		
Objetivos	Sobre o Núcleo	Texto
Demonstrar todos os ramos adjacentes criados por causa da caça à baleia.	Análise das fábricas dedicadas ao processamento dos restos do animal Materiais resultantes do animal utilizado na vida quotidiana da população Aproveitamento de toda a carcaça	Contextualização: Fábricas relacionadas com a caça à baleia Evolução das embarcações e aparecimento da “lancha baleeira”


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>63. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Cachalote morto, fábrica da baleia (1), 1978</i></p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>64. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Cachalote morto, fábrica da baleia (2)</i>, 1981</p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede</p>	<p>Se houver a possibilidade colocar em exposição as farinhas preservadas</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>65. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Cachalote moro, fábrica da baleia (3)</i></p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede</p>	

Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>66. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Saída dos botes para baleação</i>, 1980</p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede</p>	

Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>67. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Varando os botes depois de um dia de baleação, 1977</i></p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>68. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Lançando a baleia da lancha</i>, 1981</p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>69. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Lanchas preparam-se para o regresso ao porto, 1983</i></p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>	<p>Fotografia colocada junto dos textos de parede</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>70. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Cachalote morto</i>, Início séc. XX</p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>		<p>Indicar situações onde o óleo era empregue e exemplos de faróis da época</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>71. Fotografia</p>  <p>Título: <i>Bote a ser puxado para o porto, 1984</i></p> <p>Dimensões: 420x594 mm</p> <p>Materiais: Fotografia, vidro e madeira</p>	<p>Temperatura °C – 10°C – 15°C</p> <p>Humidade Relativa HR – 30% - 40%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 50</p>		


Núcleo 4		
Artesanato Scrimshaw		
Objetivos	Sobre o Núcleo	Texto
Apresentação de objetos feitos a partir de osso e marfim de baleia.	<p>Comparação entre o tempo passado em terra e o tempo passado em mar</p> <p>Salientando a rapidez desde o avistamento de um baleia até à sua morte e o tempo passado em mar que era demorado e originou este artesanato</p>	<p>Contextualização:</p> <p>Demonstração de objetos de várias índoles</p> <p>Temáticas religiosas, costumes do quotidiano, retratos, animais e embarcações</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>72. Escultura</p>  <p>Título: <i>Quadro com escultura de cachalote, bote, lança e arpão, 1997</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 21cm Alt: 7cm</p> <p>Materiais: Marfim, madeira, vidro e tela.</p> <p>Acabamento: Polimento</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		<p>Salientar o trabalho dos artesãos</p>


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>73. Escultura</p>  <p>Título: <i>Cachalote</i>, 1997 Dimensões: Comp: 11 cm Alt: 20 cm Materiais: Marfim</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>	<p>Apesar de algumas peças já se encontrarem acondicionadas, estas deverão na mesma serem colocadas em vitrinas climatizadas com suportes que sejam feitos a partir de materiais neutros</p>	


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>74. Escultura</p>  <p>Título: <i>Golfinho com suporte</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 12cm Alt: 13cm</p> <p>Materiais: Marfim</p> <p>Acabamento: polimento</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>75. Escultura, alto-relevo</p>  <p>Título: <i>Dente de cachalote apoiado em osso de baleia com suporte, entre 1997 e 2005</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 19cm Alt: 9cm</p> <p>Materiais: Marfim</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>77. Escultura, alto-relevo</p>  <p>Título: <i>Dente de cachalote, dois golfinhos</i>, entre 1997 e 2005</p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 5cm Alt: 17cm</p> <p>Materiais: Marfim</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>78. Escultura</p>  <p>Título: <i>Dente de cachalote, bote, horizonte marítimo e aves marinhas com suporte</i>, Entre 1997 e 2005</p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 8cm Alt: 16cm</p> <p>Materiais: Marfim, osso de baleia. Incisão e pintura</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>79. Escultura alto-relevo</p>  <p>Título: <i>Dente de cachalote, cachalote com suporte</i>, Entre 1997 e 2005</p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 7cm Alt: 18cm</p> <p>Materiais: Marfim, osso de baleia</p> <p>Acabamento: Polimento</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>80. Escultura, alto-relevo</p>  <p>Título: <i>Dente de cachalote, golfinho,</i> Entre 1997 e 2005</p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 5cm Alt: 18cm</p> <p>Materiais: Marfim</p> <p>Acabamento: Polimento</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>81. Escultura</p>  <p>Título: <i>Dente de cachalote, cachalote, arpão, lança e espátula,</i> Entre 1997 e 2005</p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 19cm Alt: 5cm</p> <p>Materiais: Marfim. Incisão e pintura</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>82. Escultura, alto-relevo</p>  <p>Título: <i>Dente de cachalote, golfinho,</i> Entre 1997 e 2005</p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 6cm Alt: 19cm</p> <p>Materiais: Marfim e osso de baleia.</p> <p>Acabamento: Polimento</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>83. Escultura</p>  <p>Título: <i>Cachalote com suporte</i>, Entre 1997 e 2005</p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 14cm Alt: 11cm</p> <p>Materiais: Marfim e osso de baleia.</p> <p>Acabamento: Polimento</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>84. Escultura</p>  <p>Título: <i>Cachalote com suporte</i>, Entre 1997 e 2005</p> <p>Dimensões:</p> <p>Base: 7 cm x 4 cm Alt: 11 cm</p> <p>Materiais: Marfim e osso de baleia.</p> <p>Acabamento: Polimento</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>85. Escultura</p>  <p>Título: <i>Cachalote com suporte</i>, Entre 1997 e 2005</p> <p>Dimensões:</p> <p>Base: 7 cm x 7 cm Alt: 11 cm</p> <p>Materiais: Marfim e osso de baleia</p> <p>Acabamento: Polimento</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		


Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>86. Escultura, alto-relevo</p>  <p>Título: <i>Bote baleeiro e baleia</i>, entre 1997 e 2005</p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp: 5cm Alt: 17cm</p> <p>Materiais: Dente de baleia.</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		

Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>87. Escultura</p>  <p>Título: <i>Golfinho</i>, entre 1997 e 2005</p> <p>Dimensões:</p> <p>Base: 5 cm x alt.: 15cm x comp.: 13cm</p> <p>Materiais: Marfim e osso de baleia.</p> <p>Acabamento: Polimento</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		

Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>88. Gravura, dente de baleia</p>  <p>Título: <i>Retrato de baleeiro</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Alt.: 14 cm x comp.: 6 cm</p> <p>Materiais: Marfim e osso de baleia.</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		

Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>93. Escultura</p>  <p>Título: <i>Arpão, lança e espátula</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Alt.: 9 cm x comp.: 21 cm</p> <p>Materiais: Marfim e osso de baleia</p> <p>Acabamento: Polimento</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		

Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>94. Escultura</p>  <p>Título: <i>Bote baleeiro em marfim</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 30,00 cm x larg.: 6,00cm x alt.: 27,00cm</p> <p>Materiais: Marfim e osso de baleia</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		

Objetos	Condições de Exposição	Museografia/Cenografia	Observações
<p>95. Escultura</p>  <p>Título: <i>Bote baleeiro em marfim</i></p> <p>Dimensões:</p> <p>Comp.: 30,00 cm x larg.: 6,00cm x alt.: 27,00cm</p> <p>Materiais: Marfim e osso de baleia</p>	<p>Temperatura °C – 18 °C (16 - 24°C)</p> <p>Humidade Relativa HR – 55%</p> <p>Luz - Tempo máximo de luz artificial diária: 10H a 10.7 lux</p> <p>Nível de luz aceite: ≤ 200</p>		

ANEXO II

FICHAS DE INVENTÁRIO

FICHA DE INVENTÁRIO

Informação completa sobre peças

Denominação: Fotografia

Nº de inventário: CPCLM.DG.0033

Categoria: Fotografia de temática baleeira

Instituição/Proprietário: Cmdt Lizuarte Machado

Elemento de conjunto: Sim

INCORPORAÇÃO

Data de incorporação: 2012

Modo de incorporação: Oferta

Descrição: Canoa baleeira a reboque

Custo/avaliação:

ACHADO/RECOLHA

Lugar: Lajes do Pico

Freguesia: Lajes do Pico

Concelho: Lajes do Pico

Distrito: Região Autónoma dos Açores

REGIÃO

País: Portugal/ Região Autónoma dos Açores

Data do achado/recolha: 2012

Circunstâncias do achado/recolha: Oferta do acervo fotográfico de Manuel Hélder

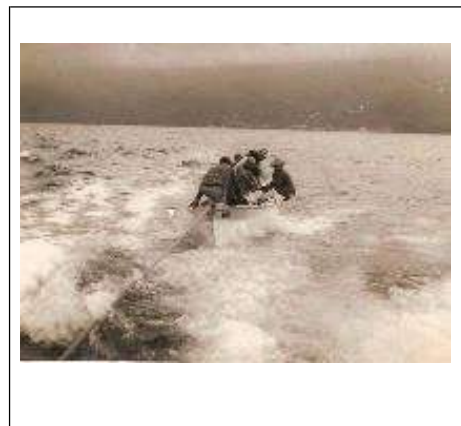


IMAGEM PRINCIPAL DA PEÇA

REGISTO DE IMAGEM PRINCIPAL

Tipo: Transparência a preto e branco

Nº Inv. Fotográfico:

DGF:3/0033/TCPB

Localização: Ilha do Pico, Açores

Autor: Desconhecido

FICHA DE INVENTÁRIO

Informação completa sobre peças

LOCALIZAÇÃO

Localização: Quinta do Cabeço, Ilha do Pico, Açores

Data: 2018

REGISTO DE IMAGEM

Nº Inv. Fot.: DGF:3/0033/TC

Local: Ilha do Pico, Açores

Autor: Desconhecido

AUTORIA

Nome: Desconhecido

Tipo: Fotografia de temática baleeira

LOCAL DE EXECUÇÃO:

Costa Sul da Ilha do Pico

DATAÇÃO DA PEÇA

Época: 1956

Séculos: XX

Anos: 1956

Função inicial/Alterações: Decoração

Matéria: Papel de fotografia

OBSERVAÇÕES:

Canoa baleeira "ESTER" a ser rebocada pela lancha para o local de encontro com os cachalotes.

FICHA DE INVENTÁRIO

Informação completa sobre peças

Denominação: Ferro de engomar aquecido a brasas

Nº de inventário: CPCLM.OUQ.009

Categoria: Instrumento de uso quotidiano

Instituição/Proprietário: Cmdt Lizuarte Machado

Elemento de conjunto: Sim

INCORPORAÇÃO

Data de incorporação: 2003

Modo de incorporação: Compra

Descrição: Anterior proprietário: Manuel Prodêncio

Custo/avaliação:



IMAGEM PRINCIPAL DA PEÇA

REGISTO DE IMAGEM PRINCIPAL

Tipo: Imagem digital a cores

Nº Inv. Fotográfico:

DGF:1/009/DGC

Localização: Quinta do Cabeço, Ilha do Pico, Açores

Autor: ©Ana Segundo

ACHADO/RECOLHA

Lugar: Ribeirinha

Freguesia: Ribeirinha

Concelho: Lajes do Pico

Distrito: Região Autónoma dos Açores

REGIÃO

País: Portugal/ Região Autónoma dos Açores

Data do achado/recolha: 2003

Circunstâncias do achado/recolha: Aquisição, junto com outras peças, ao anterior proprietário

FICHA DE INVENTÁRIO

Informação completa sobre peças

LOCALIZAÇÃO

Localização: Quinta do Cabeço, Ilha do Pico, Açores

Data: 2003

REGISTO DE IMAGEM

Nº Inv. Fot.: DGF:1/009/TC

Local: Quinta do Cabeço, Ilha do Pico, Açores

Autor: Ana Segundo©

AUTORIA

Nome: Fundação desconhecida

Tipo: Ferro de engomar aquecido a carvão

LOCAL DE EXECUÇÃO:

Estados Unidos da América

DATAÇÃO DA PEÇA

Época: 1864

Séculos: XIX

Anos: 1864

Função inicial/Alterações: Usado para engomar roupa

Matéria: Ferro fundido

OBSERVAÇÕES:

De utilização muito comum antes do recurso à energia elétrica

FICHA DE INVENTÁRIO

Informação completa sobre peças

Denominação: Plaina com mão em osso de baleia

Nº de inventário: CPCLM.FC.0019

Categoria: Ferramenta de carpintaria

Instituição/Proprietário: Cmdt Lizuarte Machado

Elemento de conjunto: Sim



IMAGEM PRINCIPAL DA PEÇA

INCORPORAÇÃO

Data de incorporação: 1998

Modo de incorporação: Compra

Descrição: Anterior proprietário: Mestre Manuel Soares

Custo/avaliação:

REGISTO DE IMAGEM PRINCIPAL

Tipo: Imagem digital a cores

Nº Inv. Fotográfico:

DGF:2/0019/DGC

Localização: Quinta do Cabeço, Ilha do Pico, Açores

Autor: ©Cmdt Lizuarte Machado

ACHADO/RECOLHA

Lugar: Piedade

Freguesia: Piedade

Concelho: Lajes do Pico

Distrito: Região Autónoma dos Açores

REGIÃO

País: Portugal/ Região Autónoma dos Açores

Data do achado/recolha: 1998

Circunstâncias do achado/recolha: Compra da totalidade das ferramentas de Manuel Soares

FICHA DE INVENTÁRIO

Informação completa sobre peças

LOCALIZAÇÃO

Localização: Quinta do Cabeço, Ilha do Pico, Açores

Data: 1998

REGISTO DE IMAGEM

Nº Inv. Fot.: DGF:2/0019/TC

Local: Quinta do Cabeço, Ilha do Pico, Açores

Autor: Cmdt Lizuarte Machado©

AUTORIA

Nome: Mestre Manuel Sores

Tipo: Ferramenta de carpintaria

LOCAL DE EXECUÇÃO:

Piedade do Pico

DATAÇÃO DA PEÇA

Época: 1896

Séculos: XIX

Anos:1896

Função inicial/Alterações: Usada para trabalhar a madeira

Matéria: Madeira, ferro e osso de baleia

OBSERVAÇÕES: Plaina de madeira com mão de osso de baleia. Estes tipos de ferramentas eram construídas pelo Mestre Carpinteiro que as utilizava.

FICHA DE INVENTÁRIO

Informação completa sobre peças

Denominação: Bote baleeiro Santo António

Nº de inventário: CPCLM.ICB.0021

Categoria: Embarcação

Instituição/Proprietário: Cmdt Lizuarte Machado

Elemento de conjunto: Não



IMAGEM PRINCIPAL DA PEÇA

INCORPORAÇÃO

Data de incorporação: 1997

Modo de incorporação: Compra

Descrição: Anterior proprietário: José Lopes

Custo/avaliação:

REGISTO DE IMAGEM PRINCIPAL

Tipo: Imagem digital a cores

Nº Inv. Fotográfico:

DGF:2/0021/DGC

Localização: Manhenga, Ilha do Pico, Açores

Autor: ©Cmdt Lizuarte Machado

ACHADO/RECOLHA

Lugar: Lajes das Flores

Freguesia: Lajes Concelho:

Lajes das Flores

Distrito: Região Autónoma dos Açores

REGIÃO

País: Portugal/ Região Autónoma dos Açores

Data do achado/recolha: 1997

Circunstâncias do achado/recolha: aquisição ao Mestre José Lopes, após a proibição da caça

FICHA DE INVENTÁRIO

Informação completa sobre peças

LOCALIZAÇÃO

Localização: Manhenha, Ilha do Pico, Açores

Data: Desde 1997

REGISTO DE IMAGEM

Nº Inv. Fot.: DGF:2/0021/TC

Local: Manhenha, Ilha do Pico, Açores

Autor: Cmdt Lizuarte Machado©

AUTORIA

Nome: Mestre Construtor Naval Manuel José Machado

Tipo: Fotografia de canoa baleira construída em 1941

LOCAL DE EXECUÇÃO:

Lajes do pico, Ilha do Pico, Açores

DATAÇÃO DA PEÇA

Época: 1941

Séculos: XX

Anos: 1941

Função inicial/Alterações: Embarcação utilizada na caça à baleia

Matéria: Madeira e Cobre

OBSERVAÇÕES:

Canoa baleeira adquire após a proibição da caça à baleia ao armador José Lopes de Santa cruz das Flores. Construída nas Lajes do Pico por Mestre Manuel José Machado, no ano de 1941 para as Armações Baleeiras dos Fragas, com sede nas Lajes das Flores.

Denominação: Petipé da lancha "Maria Manuela"

FICHA DE INVENTÁRIO

Informação completa sobre peças

Nº de inventário: CPCLM.PTP.0047

Categoria: Modelo de embarcação

Instituição/Proprietário: Cmdt Lizuarte Machado

Elemento de conjunto: Sim



IMAGEM PRINCIPAL DA PEÇA

INCORPORAÇÃO

Data de incorporação: 2009

Modo de incorporação: Oferta

Descrição: Anterior proprietário: Mestre João Neves

Custo/avaliação:

REGISTO DE IMAGEM PRINCIPAL

Tipo: Imagem digital a cores

Nº Inv. Fotográfico:

DGF:2/0047/DGC

Localização: Quinta do Cabeço, Ilha do Pico, Açores

Autor: ©Cmdt Lizuarte Machado

ACHADO/RECOLHA

Lugar: Santo Amaro

Freguesia: Santo Amaro

Concelho: S. Roque do Pico

Distrito: Região Autónoma dos Açores

REGIÃO

País: Portugal/ Região Autónoma dos Açores

Data do achado/recolha: 2009

Circunstâncias do achado/recolha: Oferta de um conjunto de petipés da autoria do construtor naval, Mestre João Neves

FICHA DE INVENTÁRIO

Informação completa sobre peças

LOCALIZAÇÃO

Localização: Quinta do Cabeço, Ilha do Pico, Açores

Data: Desde 2009

REGISTO DE IMAGEM

Nº Inv. Fot.: DGF:2/0047/TC

Local: Quinta do Cabeço, Ilha do Pico, Açores

Autor: Cmdt Lizuarte Machado©

AUTORIA

Nome: Mestre João Neves

Tipo: Modelo de lancha baleeira

LOCAL DE EXECUÇÃO:

Santo Amaro do Pico

DATAÇÃO DA PEÇA

Época: 1944

Séculos: XX

Anos: 1944

Função inicial/Alterações: Lancha usada para reboque de canoas baleeiras e de baleias

Matéria: Madeira

OBSERVAÇÕES:

As canoas baleeiras eram rebocadas pelas lanchas até ao local de encontro com as baleias que também as rebocavam depois de mortas.

FICHA DE INVENTÁRIO

Informação completa sobre peças

Denominação: Escultura

Nº de inventário: CPCLM.EOB.0012

Categoria: Escultura de osso de baleia e marfim

Instituição/Proprietário: Cmdt Lizuarte Machado

Elemento de conjunto: Sim

INCORPORAÇÃO

Data de incorporação: 2001

Modo de incorporação: Compra

Descrição: Anterior proprietário: Artesão Manuel Gonçalves



IMAGEM PRINCIPAL DA PEÇA

REGISTO DE IMAGEM PRINCIPAL

Tipo: Imagem digital a cores

Nº Inv. Fotográfico:

DGF:4/0012/DGC

Localização: Vale Grande, Lisboa

Autor: Fábio Segundo©

ACHADO/RECOLHA

Lugar: Lajes do Pico

Freguesia: Lajes do Pico

Concelho: Lajes do Pico

Distrito: Região Autónoma dos Açores

REGIÃO

País: Portugal/ Região Autónoma dos Açores

Data do achado/recolha: 2001

Circunstâncias do achado/recolha: Aquisição de uma pequena coleção de artesanato em osso de baleia.

FICHA DE INVENTÁRIO

Informação completa sobre peças

LOCALIZAÇÃO

Localização: Quinta do Cabeço, Ilha do Pico, Açores

Data: Desde 2001

REGISTO DE IMAGEM

Nº Inv. Fot.: DGF:4/0012/TC

Local: Vale Grande, Lisboa

Autor: Fábio Segundo©

AUTORIA

Nome: Artesão Manuel Gonçalves

Tipo: Miniatura em osso de baleia de um cachalote

LOCAL DE EXECUÇÃO:

Lajes do Pico

DATAÇÃO DA PEÇA

Época: 1967

Séculos: XX

Anos: 1967

Função inicial/Alterações: Peça decorativa

Matéria: Marfim e osso de baleia

OBSERVAÇÕES:

Peça decorativa que era muito comum nos Açores. Este tipo de artesanato foi iniciado pelos próprios baleeiros que assim se ocupavam enquanto aguardavam o aparecimento das baleias.

FICHA DE INVENTÁRIO

Informação completa sobre peças

Denominação: Réplica bote baleeiro Santo António

Nº de inventário: CPCLM.MR.0022

Categoria: Réplica de bote baleeiro

Instituição/Proprietário: Cmdt Lizuarte Machado

Elemento de conjunto: Sim

INCORPORAÇÃO

Data de incorporação: 2000

Modo de incorporação: Compra

Descrição: Anterior proprietário: Artesão José Eduardo

Custo/avaliação:



IMAGEM PRINCIPAL DA PEÇA

REGISTO DE IMAGEM PRINCIPAL

Tipo: Imagem digital a cores

Nº Inv. Fotográfico:

DGF:2/0022/DGC

Localização: Quinta do Cabeço,
Ilha do Pico, Açores

Autor: ©Cmdt Lizuarte Machado

ACHADO/RECOLHA

Lugar: Santa Cruz

Freguesia: Ribeiras

Concelho: Lajes do Pico

Distrito: Região Autónoma dos Açores

REGIÃO

País: Portugal/ Região Autónoma dos Açores

Data do achado/recolha: 2000

Circunstâncias do achado/recolha: Aquisição de um conjunto de réplicas de canoas baleeiras

FICHA DE INVENTÁRIO

Informação completa sobre peças

LOCALIZAÇÃO

Localização: Quinta do Cabeço, Ilha do Pico, Açores

Data: Desde 2000

REGISTO DE IMAGEM

Nº Inv. Fot.: DGF:2/0022/TC

Local: Quinta do Cabeço, Ilha do Pico, Açores

Autor: Cmdt Lizuarte Machado©

AUTORIA

Nome: Artesão José Eduardo

Tipo: Réplica de canoa baleeira

LOCAL DE EXECUÇÃO: Santa Cruz

DATAÇÃO DA PEÇA

Época: 1996

Séculos: XX

Anos: 1996

Função inicial/Alterações: Peça de decoração

Matéria: Madeira e tecido

OBSERVAÇÕES:

Este tipo de artesanato foi iniciado pelos próprios baleeiros que assim se ocupavam enquanto aguardavam o aparecimento das baleias.

ANEXO III

TEXTOS DE PAREDE

Primeiro Núcleo

Uma Viagem ao Tempo em que os homens caçavam baleias

A vida quotidiana da Ilha do Pico no Séc. XIX e XX

O povo Açoriano teve uma grande influência na pesca e na baleação na América do Norte, pois eram ideais nas embarcações pois não eram estranhos a trabalho árduo.

Apesar de a atividade ter sido registada, não era uma prática frequente no arquipélago, como passou a ser na segunda metade do séc., XVIII e do séc., XIX.

Foi durante esta época que as águas foram avistadas por embarcações baleeiras provenientes dos Estados Unidos da América. Nomeadamente vindos de New Bedford e Nantucket.

Foi nesta altura em que os açorianos aprenderam técnicas e domínio dos instrumentos.

A vida no arquipélago durante o séc., XIX e séc., XX era árdua. Implicava grande parte dos dias levantar antes de o sol nascer e deitar quando este já não se encontrava acima da linha do horizonte.

O povo era dependente da agricultura, pesca, gado e tudo o que os animais pudessem oferecer. Uma vida laboriosa e complicada, com complicações e sacrifícios, mas acima de tudo, honesta. A possibilidade de trabalhar nas embarcações americanas significava uma vida melhor.

Neste núcleo poderá encontrar os objetos da vida do quotidiano como da vida agrícola utilizados durante este período.

Muitos destes homens não estavam aptos para este trabalho, a saúde era frágil e muitos estavam marcados por incidentes relacionados com o seu ofício.

Apesar da situação em que se encontravam, estes homens e estas mulheres tinham que trabalhar, pois a decisão entre passar fome ou laborar era simples.

Após vários anos a trabalhar em conjunto com os americanos, o povo açoriano adquiriu novas experiências e novos conhecimentos. Em 1850 foram criadas as primeiras armações baleeiras nos Açores nas Ilhas do Oeste.

A primeira embarcação está datada e registada no ano 1876 na Ilha do Pico.

Para que estas embarcações estivessem prontas para ir para o mar e consequentemente para a caça aos grandes cetáceos, eram necessários 7 homens: o oficial, arpoador/trancador e cinco remadores.

As campanhas baleeiras no arquipélago tinham lugar anualmente de 15 de Maio a 15 de Setembro.

Desde 1987 que a atividade baleeira cessou em Portugal, ano em que o último cachalote foi caçado ao largo da Vila das Lajes do Pico, todo o comércio dos produtos extraídos dos cetáceos foi proibido.

DOS AÇORES PARA O CONTINENTE:

UMA VIAGEM PARA O TEMPO EM QUE OS HOMENS CAÇAVAM BALEIAS

Coleção privada do Comandante Lizuarte Machado

1º NÚCLEO – A VIDA QUOTIDIANA DA ILHA DO PICO NO SÉC. XIX E XX



O povo Açoriano teve uma grande influência na pesca na baleação na América do Norte, pois eram ideais nas embarcações pois não eram estranhos a trabalho árduo.

Apesar de a atividade ter sido registada, não era uma prática frequente no arquipélago, como passou a ser na segunda metade do séc. XVIII e do séc. XIX.

Foi durante esta época que as águas foram avistadas por embarcações baleeiras provenientes dos Estados Unidos da América. Nomeadamente vindos de New Bedford e Nantucket.

Foi nesta altura em que os açorianos aprenderam técnicas e domínio dos instrumentos.

A vida no arquipélago durante o séc. XIX e séc. XX era árdua. Implicava grande parte dos dias levantar antes do sol nascer e deitar quando este já não se encontrava acima da linha do horizonte.

O povo era dependente da agricultura, pesca, gado e tudo o que os animais pudessem oferecer. Uma vida laboriosa e complicada, com complicações e sacrifícios, mas acima de tudo, honesta. A possibilidade de trabalhar nas embarcações americanas significava uma vida melhor.



Neste núcleo poderá encontrar os objetos da vida do quotidiano como da vida agrícola utilizados durante este período.

Muitos destes homens não estavam aptos para este trabalho, a saúde era frágil e muitos estavam marcados por incidentes relacionados com o seu ofício.

Apesar da situação em que se encontravam, estes homens e estas mulheres tinham que trabalhar, pois a decisão entre passar fome ou laborar era simples.

Após vários anos a trabalhar em conjunto com os americanos, o povo açoriano adquiriu novas experiências e novos conhecimentos.

A primeira embarcação está datada e registada no ano 1876 na Ilha do Pico.





ANEXO IV

FOLHAS DE SALA

Mestre Manuel Sores

Master Manuel Soares



Plaina 5

Plaina 5

1896

Madeira, ferro e osso de baleia

Wood, iron and whale bone

36cm x 12cm

Estes tipos de ferramentas eram construídas pelo Mestre Carpinteiro que as utilizava.

This kind of tools were built by the carpenter that ended up using them.



Mestre Construtor Naval Manuel José Machado

Master builder Naval Manuel José Machado

Canoa baleeira Santo António

Whaling boat Santo António

1941

Imagem digital a cores

Canoa baleeira adquire após a proibição da caça à baleia ao armador José Lopes de Santa Cruz das Flores. Construída nas Lajes do Pico por Mestre Manuel José Machado, no ano de 1941 para as Armações Baleeiras dos Fragas, com sede nas Lajes das Flores.

Whaling boat acquired after the whale hunting prohibition from the shipowner José Lopes from Santa Cruz das Flores. It was built in Lajes do Pico by Master Manuel José Machado, in 1941 for the company Armação Baleeiras dos Fragas, which had its headquarters in Lajes das Flores.

Mestre Manuel Maria Gambão

Master Manuel Maria Gambão

Petipé – Maria Manuela

Petipé – Maria Manuela



1944

Madeira

Wood

As canoas baleeiras eram rebocadas pelas lanchas até ao local de encontro com as baleias que também as rebocavam depois de mortas.

The whaling boats were towed by a motorboat to the meeting point with the whales that were also towed after they were killed.



Artesão Manuel Gonçalves

Craftsman Manuel Gonçalves

Escultura em osso e marfim de um cachalote

Sculpture of a sperm whale made out of bone and ivory

1967

Marfim e osso

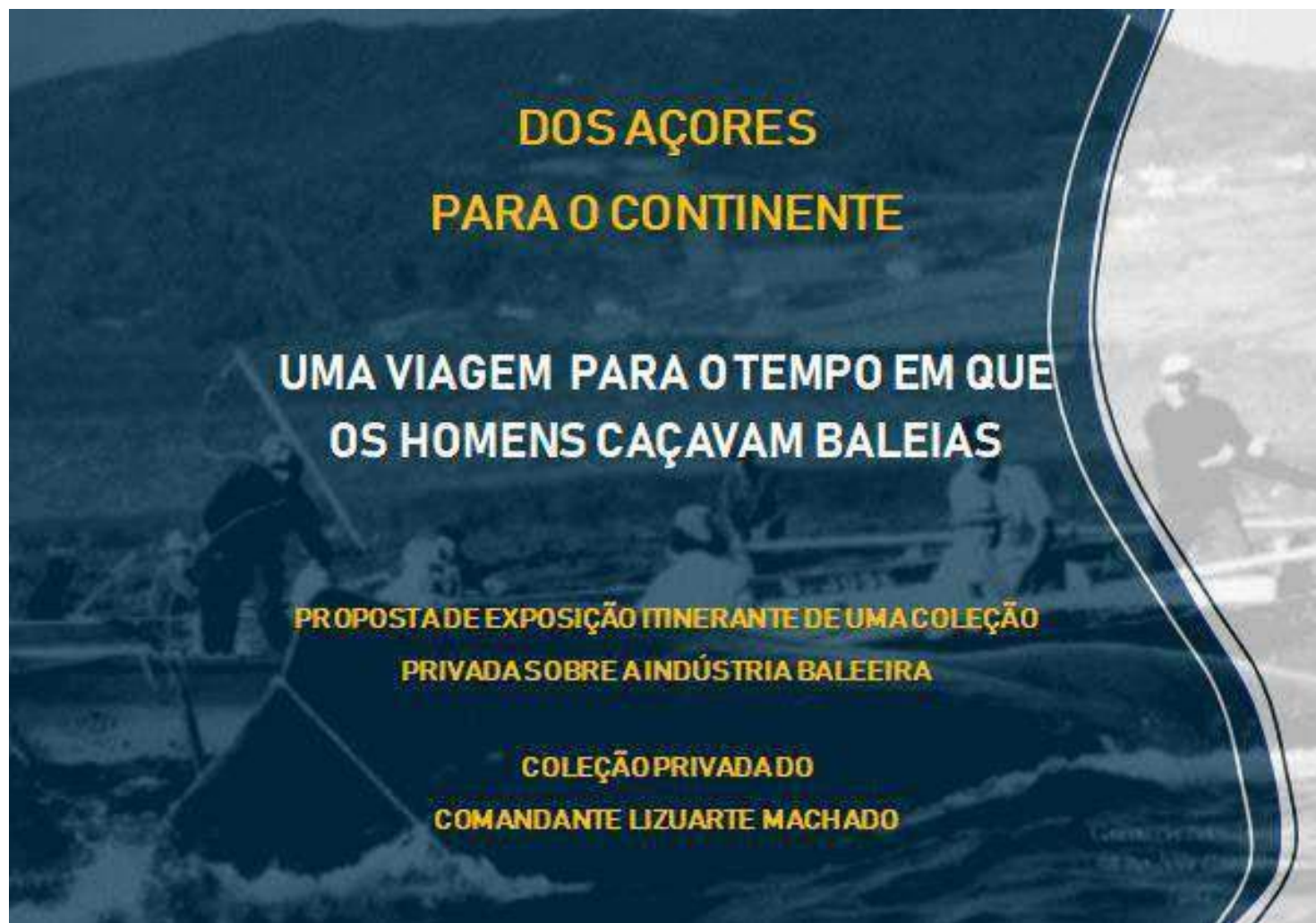
Ivory and bone

Peça decorativa que era muito comum nos Açores. Este tipo de artesanato foi iniciado pelos próprios baleeiros que assim se ocupavam enquanto aguardavam o aparecimento das baleias.

Decorative piece that was very common in the Azores. This kind of craft was initiated by the whalers while they waited for the whales to appear before the hunt.

ANEXO V

CAPA CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO



ANEXO VI

MICRO SITE: VERSÃO DESKTOP

Nas imagens seguintes estão apresentadas diferentes vistas do Micro Site, versão de desktop, da exposição temporária.

Separador “INÍCIO” do Micro Site:

The screenshot displays the desktop version of a website titled "DOS AÇORES PARA O CONTINENTE". The header features the title in a large font, followed by "EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA ACERCA DA INDÚSTRIA BALEEIRA AÇORIANA" and the dates "19 AGO 2018 - 20 DEZ 2018". A navigation menu includes "INÍCIO", "EXPOSIÇÃO", "VISITAR", and "CONTACTOS". The main content area is titled "A COLEÇÃO PRIVADA DO COMANDANTE LIZUARTE MACHADO CHEGA AO CONTINENTE" and features an image of a white whale sculpture. To the right, there is a text block describing the collection and the exhibition. Below the text, there is a comment section with "0 Comments" and a "Sort by Newest" dropdown. A Facebook Like button shows "5.1K people like this". At the bottom, there is a large image of a fisherman in a boat, and a footer with the text "© 2023 by Name of Site. Proudly created with Wix.com" and social media icons for Facebook, Twitter, and Google+.

DOS AÇORES
PARA O
CONTINENTE

EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA
ACERCA DA INDÚSTRIA
BALEEIRA AÇORIANA

19 AGO 2018 - 20 DEZ 2018

English (USA) | Español

INÍCIO | EXPOSIÇÃO | VISITAR | CONTACTOS

A COLEÇÃO PRIVADA DO COMANDANTE LIZUARTE MACHADO CHEGA AO CONTINENTE



A coleção privada do Comandante Lizuarte Machado chega finalmente ao Continente Português, mais precisamente ao Museu de Portimão no Algarve, onde permanecerá de 19 de Agosto de 2018 até 20 de Dezembro de 2018.

Esta exposição demonstra as variadas peças da colectânea que o Comandante possuiu, desde peças relacionadas com carpintaria naval açoriana, petipés, fotografias, scrimshaw e peças do quotidiano diário dos açorianos entre os séculos XIX e XX.

Captando as dificuldades em que o povo açoriano vivia durante o século XIX e XX, esta exposição demonstra o motivo e o percurso inicial da caça da baleia até à mestria da arte da baleação açoriana, sendo a Ilha do Pico a Ilha dos Arquipélago mais retratada, sendo que é a ilha de onde o Comandante é nativo.

Uma exposição inédita e nunca antes exibida repleta de valor histórico promete uma inesquecível e extraordinária viagem ao passado de um dos temas importantes da história portuguesa.

0 Comments | Sort by Newest

Add a comment

Facebook Comments Plugin

Like 5.1K people like this. Be the first of your friends.

Share



© 2023 by Name of Site. Proudly created with Wix.com

Facebook | Twitter | Google+

Separador “EXPOSIÇÃO” do Micro Site:



OS NÚCLEOS DA EXPOSIÇÃO



A exposição divide-se em quatro núcleos distintos:

- Primeiro núcleo: A vida quotidiana da Ilha do Pico nos séculos XIX e XX
- Segundo núcleo: A carpintaria naval açoriana
- Terceiro núcleo: A atividade baleeira
- Quarto núcleo: O Artesanato Scrimshaw

O primeiro núcleo apresenta peças do quotidiano açoriano da Ilha do Pico durante os séculos XIX e XX, onde a maioria das peças são de carácter doméstico e agrícola, como exemplo ferros de engomar, máquinas de costura, lamparinas de petróleo, carro de bois, canecas de pastor entre outros.



O segundo núcleo demonstra a mestria da carpintaria açoriana bem como as ferramentas que criaram as embarcações utilizadas para a caça à baleia. É neste núcleo que a arte baleeira é materializada estando salientados objectos de grande importância para a realização da mesma. Também de grande relevância se apresentam os petipés imprescindíveis à criação das embarcações açorianas.



O terceiro núcleo visa exemplificar e clarificar o processo da caça à baleia, como era iniciada e finalizada, frisando todas estas etapas e o aproveitamento da carcaça do cetáceo bem como os produtos provenientes do mesmo.

O quarto núcleo testemunha o lado artístico da caça baleeira, onde cenas do quotidiano da vida dos marinheiros, temáticas religiosas, animais marítimos e descrições detalhadas da caça à baleia tomam vida no que é uma das mais bem concebidas gravuras em marfim alguma vez vista. Estes objectos na sua generalidade de pequenas dimensões são incrivelmente detalhados com gravuras ou esculpidos por marinheiros sem treino artístico, considerados sem dúvida obras de arte.

Todos os núcleos são fortemente auxiliados por exemplares fotográficos que melhor descrevem a narrativa da exposição.



Separador "VISITAR":



INÍCIO

EXPOSIÇÃO

VISITAR

CONTACTOS

Horários:

01 de SETEMBRO a 31 de JULHO:
3ª das 14h30 às 18h00
4ª a domingo das 10h00h às 18h00

Encerra: Segunda, Terça (até às 14h30) e nos Feriados Nacionais
Entrada Livre: Sábado das 10h00 às 14h00

1 a 31 de AGOSTO (Horário de Verão)
3ª das 19h30h às 23h00
4ª a domingo das 15h00h às 23h00

Encerra: Segunda, Terça (até às 19h30) e nos Feriados Nacionais
Entrada Livre: Sábado das 15h00 às 19h00

Preçário:

Adultos - 3€

Gratuito:

- Crianças e jovens até 15 anos;
- Professores, estudantes e grupos escolares
- Possuidores de cartão jovem e cartão sénior municipal;
- Pessoas portadoras de deficiência;
- Membros e funcionários da Autarquia, Empresas Municipais, Juntas de Freguesia do Município de Portimão;
- Técnicos de museus da RPM, RMA, ICOM, APCM;
- Doadoras e patrocinadores do Museu;
- Guias Intérpretes, profissionais do turismo e jornalistas.

Redução 50%

- Jovens dos 16 aos 25 anos;
- Adultos a partir dos 65 anos;
- Famílias (com dois ou mais filhos; redução sobre o ingresso de um dos adultos)

Redução 33% - Grupos a partir de 15 elementos

Entrada livre:

- Aniversário do Museu - 17 de Maio
- Dia Internacional dos Museus - 18 de Maio
- Dia da Cidade de Portimão - 11 de Dezembro

Como chegar:

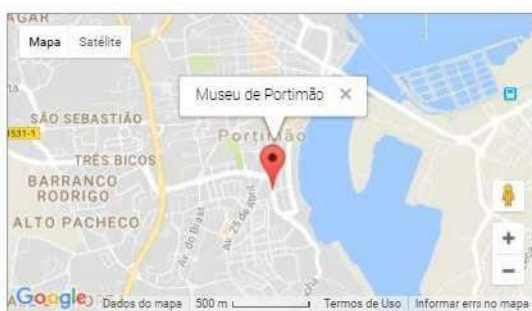
- Automóvel: Rua D. Carlos I/Zona Ribeirinha
- Autocarro "Vai e Vem": Linha Azul e Linha Rosa
- Comboio: Estação Portimão



Separador “CONTACTOS”:



CONTACTOS



Morada: Rua D. Carlos I, 8500 – 607 Portimão, Portugal
Telefone: + 351 282 405 230
Email: museu@cm-portimao.pt

SUGESTÕES

Nome *	Mensagem
Email *	
Título	
Send	



ANEXO VII

MICRO SITE: VERSÃO MOBILE

Nas imagens seguintes estão apresentadas diferentes vistas do Micro Site, versão mobile, da exposição temporária.

Separador “INÍCIO” do Micro Site:



Separador “EXPOSIÇÃO” do Micro Site:



Separador “VISITAR” do Micro Site:



Separador “CONTACTOS” do Micro Site:



ANEXO VIII

FLYER DA EXPOSIÇÃO

O COLECIONADOR



Nascido a 30 de agosto de 1959 na Ilha do Pico, o Comandante interessou-se pelo colecionismo em criança, tendo este interesse desenvolvido de forma exponencial na idade adulta.

Esta paixão e dedicação culminou na maior coleção privada acerca da indústria baleeira que demonstra e partilha a memória coletiva do povo insular Açoriano.



MUSEU DE PORTIMÃO

MORADA

**RUA D. CARLOS I,
8500-607
PORTIMÃO**

TELEFONE
+351 282 405 230

E-MAIL
MUSEU@CM-PORTIMAO.PT



**DOS AÇORES
PARA O CONTINENTE**

PROPOSTA DE EXPOSIÇÃO
ITINERANTE DE UMA COLEÇÃO
PRIVADA SOBRE A
INDÚSTRIA BALEEIRA

COLEÇÃO PRIVADA DO
COMANDANTE LIZUARTE MACHADO




VENHA CONHECER UMA DAS HISTÓRIAS MAIS ENVOLVENTES DO POVO INSULAR PORTUGUÊS


QUATRO NÚCLEOS
QUATRO PERSPECTIVAS ÚNICAS
SOBRE A INDÚSTRIA BALEEIRA

- ♦ VIDA QUOTIDIANA DA ILHA DO PICO NO SÉC. XIX E XX
- ♦ CARPINTARIA AVAL AÇORIANA
- ♦ ACTIVIDADE BALEEIRA
- ♦ ARTESANATO SCRIMSHAW

D. DOMINGOS DANTE LIZUARTE MACHADO
CONVIDA-OS A CONHECER A SUA VASTA
COLEÇÃO PRIVADA ACERCA DA
INDÚSTRIA BALEEIRA AÇORIANA, FOCADA
NILHA DO PICO.





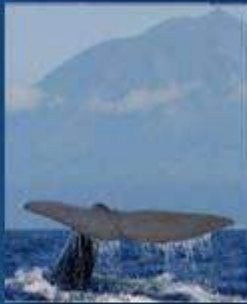
UMA VIAGEM PARA O TEMPO EM QUE OS HOMENS CAÇAVAM BALEIAS



Esta exposição inédita demonstra a grande epopeia Açoriana Picoense durante o período da caça à baleia. As peças da coleção privada criam uma narrativa que promete ser inesquecível.

Apresentando os motivos do início da atividade baleeira introduzida com a chegada dos Americanos às Ilhas dos Açores, as difíceis condições de vida que o povo tinha que suportar, a evolução das embarcações, técnicas de caça, petipês, o aproveitamento do animal e o excedente artesanal Scrimshaw.





- ♦ **Núcleo 1** — A vida quotidiana da Ilha do Pico nos Séc. XIX e XX
- ♦ **Núcleo 2** — A carpintaria naval açoriana
- ♦ **Núcleo 3** — A atividade baleeira
- ♦ **Núcleo 4** — O artesanato Scrimshaw

ANEXO XIX

MINUTA CEDÊNCIA TEMPORÁRIA

CEDÊNCIA TEMPORÁRIA DE BENS CULTURAIS MÓVEIS
Contrato de Cedência

O Comandante Lizuarte Machado, proprietário da coleção privada localizada na Ilha do Pico nos Açores, neste ato representado pela Comissária Científica e Executiva da Exposição “Dos Açores para o Continente: Uma viagem para o tempo em que os homens caçavam baleias”, Ana Segundo, na condição de entidade emprestadora e como primeiro outorgante.

E

Museu Marítimo de Ílhavo, com sede em Av. Dr. Rocha Madail 193, 3830-193 Ílhavo, representada pelo seu Diretor(a) (nome), na condição de entidade recetora e como outorgante.

Celebram o presente contrato que será regido pelas seguintes cláusulas:

1. OBJETO DO CONTRATO

A entidade emprestadora acorda em alugar temporariamente ao segundo outorgante, pelo montante global de (19.000.00€) a Exposição “Dos Açores para o Continente: Uma viagem para o tempo em que os homens caçavam baleias” (doravante referida como Exposição), nas condições e pelo período estabelecidos no presente contrato.

1.1 - O pacote de aluguer da Exposição inclui a cedência temporária dos bens culturais listados em anexo (**Anexo A**), respetivo acondicionamento, embalagem e transporte de e para as instalações do segundo outorgante, a instalação e desmontagem da Exposição segundo projeto museográfico predefinido, sua manutenção pelo período acordado e disponibilização de um kit de comunicação, no qual se incluem textos de apresentação/contextualização, tabelas, flyers e folhas de sala.

1.2

– Os termos de acesso ao microsite desenvolvido e concebido pelo primeiro outorgante sobre a Exposição, assim como a (re)edição do respetivo catálogo, cujos direitos autorais pertencem única e exclusivamente ao primeiro outorgante, serão definidos por mútuo acordo entre as partes e vertidos em documento autónomo que constituirá Adenda ao presente contrato.

1.3- A referida Exposição terá lugar nas seguintes datas: inauguração a 01.01.2022 e encerramento a 31.03.2022.

2. DURAÇÃO DO CONTRATO

Para o propósito acima referido, o período de duração de vigência do aluguer decorrerá de 01.12.2021 a 30.04.2022.

3. CONCEIÇÃO E PRODUÇÃO

A Exposição “Dos Açores para o Continente: Uma viagem para o tempo em que os homens caçavam baleias” foi concebida e produzida pelo Comandante Lizuarte Machado e a museóloga Ana Segundo, detentores dos respetivos direitos.

4. DOCUMENTAÇÃO

Do processo de aluguer da Exposição constarão, obrigatoriamente, os seguintes documentos:

Guião da Exposição;

Fichas de identificação dos bens culturais cedidos, acompanhadas das respetivas imagens.

Relatório de Verificação do estado de conservação (condition report), modelo da DGPC ©, acompanhado de imagem e/ou esquema gráfico. Este documento será validado pelos dois outorgantes.

Standard Facilities Report (modelo DGPC © ou outro, desde que aceite pelo primeiro outorgante), devidamente preenchido e assinado pelo responsável do museu recetor.

5. RECOLHA, EMBALAGEM E DESEMBALAGEM DAS PEÇAS

Os bens culturais constantes da lista em anexo (**Anexo A**) serão unicamente manuseadas por pessoal especializado e sob coordenação da Comissária da Exposição ou de um representante da entidade emprestadora e/ou recetora. Qualquer alteração ao estipulado necessitará de consentimento prévio, do primeiro outorgante.

O processo de recolha e embalagem dos bens culturais deverá ser acompanhado por pessoal especializado, designadamente Comissária Ana Segundo.

A desembalagem deverá ser realizada no local onde decorrerá a Exposição, assim como a embalagem após o encerramento da mesma. Este processo deverá ser acompanhado por pessoal especializado, designadamente Comissária Ana Segundo.

A recolha e embalagem de peças no destino, após a data de encerramento da Exposição, é da responsabilidade de Comissária Ana Segundo. Este processo deverá ser acompanhado por pessoal especializado, sob supervisão da Comissária da Exposição.

6. Transporte das Peças

O transporte dos bens culturais (Anexo A) do local de origem até ao local da Exposição, assim como o transporte de regresso, será realizado por uma empresa especializada no transporte de obras de arte que será escolhida com o mútuo acordo da entidade emprestadora e da entidade recetora.

Caso ocorram circunstâncias imprevistas, designadamente atrasos das empresas transportadoras ou das companhias aéreas, por motivo de greves, condições atmosféricas adversas, tráfego, problemas técnicos ou operacionais, os dois outorgantes deverão cooperar no sentido de serem ultrapassados todos os obstáculos que impeçam a boa continuidade do processo previsto no presente contrato.

7. Exposição dos bens culturais

A entidade recetora da Exposição deverá assegurar, nas salas de Exposição, nas reservas e áreas de depósito, as necessárias condições de segurança e de conservação, dos bens culturais, nomeadamente as condições ambientais prescritas

pela entidade emprestadora em termos de humidade relativa, temperatura e iluminação, assim como a ausência de vibração e de poluentes atmosféricos.

8. Seguro

O valor de seguro da totalidade dos bens culturais - que integram a Exposição deverá ser indicado, pelo primeiro outorgante, para efeitos de emissão da apólice de seguro de transporte e de estadia. O seguro “prego a prego” e contra todos os riscos deverá ser assegurado pelo segundo outorgante, junto de companhia de seguros a escolher com o acordo das partes em questão.

A abrangência e a cobertura do seguro encontram-se obrigatoriamente discriminadas em lista anexa ao presente contrato.

Em caso de ocorrência de disputa legal com a companhia de seguros, segundo outorgante deverá garantir todas as perdas e responsabilizar-se pela indemnização das mesmas, de acordo com o estipulado no contrato de seguro e durante o período em que o processo corre em tribunal.

9. Direitos de propriedade intelectual

Os direitos de propriedade intelectual de todos os conteúdos produzidos para a Exposição, quer textuais quer gráficos, pertencem exclusivamente ao primeiro outorgante, sendo expressamente proibida qualquer alteração dos mesmos sem o prévio consentimento, por escrito, do primeiro outorgante.

A realização de videogramas está sujeita ao acordo e autorização das instituições envolvidas. Poderão ser utilizados registos de vídeo e imagem, por qualquer uma das partes única e exclusivamente para fins de divulgação do evento na comunicação social.

Todo o merchandising relacionado com os bens culturais constantes do anexo A será alvo de contrato específico.

10. Cancelamento da Exposição

Quando por razões de força maior, designadamente acontecimentos imprevistos e imprevisíveis, uma das instituições se encontrar na contingência de cancelar a Exposição, essa responsabilidade não poderá ser imputada a nenhuma das partes.

Local e data,

O primeiro outorgante

O segundo outorgante

(Nome)

(Nome)

(Cargo)

(Cargo)

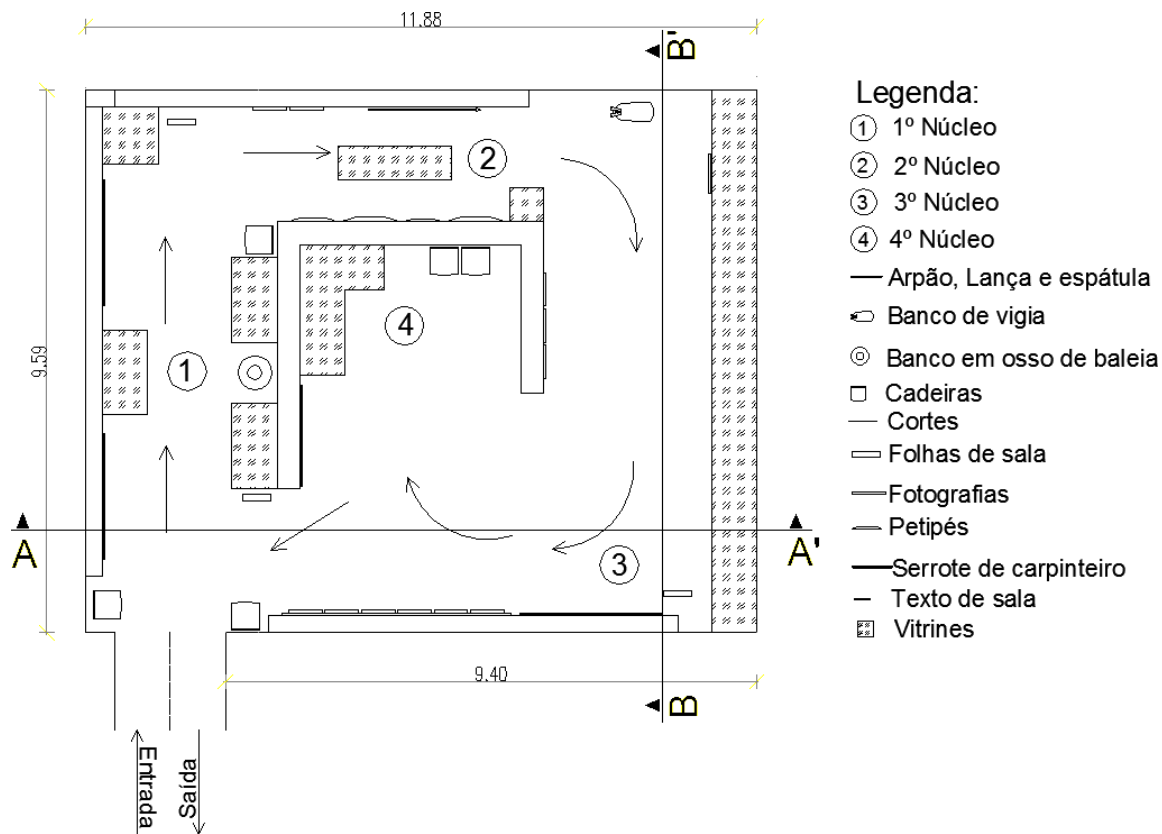
DOS AÇORES PARA O CONTINENTE: PROPOSTA DE EXPOSIÇÃO ITINERANTE DE UMA COLEÇÃO
PRIVADA SOBRE A INDÚSTRIA BALEEIRA

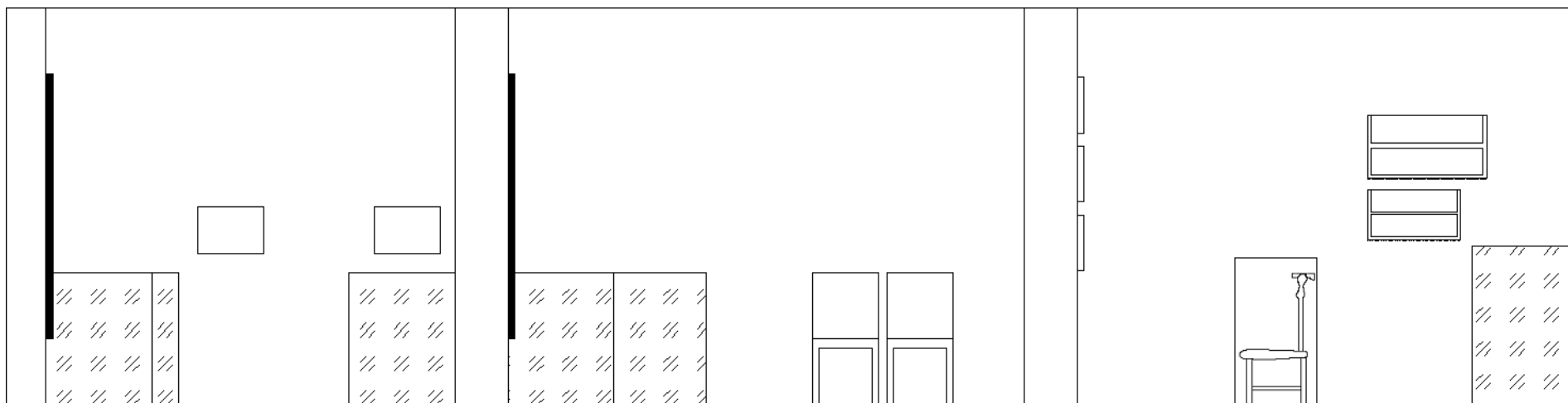
ANEXO X

PLANTA EXPOSIÇÃO – SALA TEMPORÁRIA MUSEU MARÍTIMO DE ÍLHAVO
EXPOSIÇÃO A *INDÚSTRIA BALEEIRA DO PICO, NA COLEÇÃO DO*
COMANDANTE LIZUARTE MACHADO

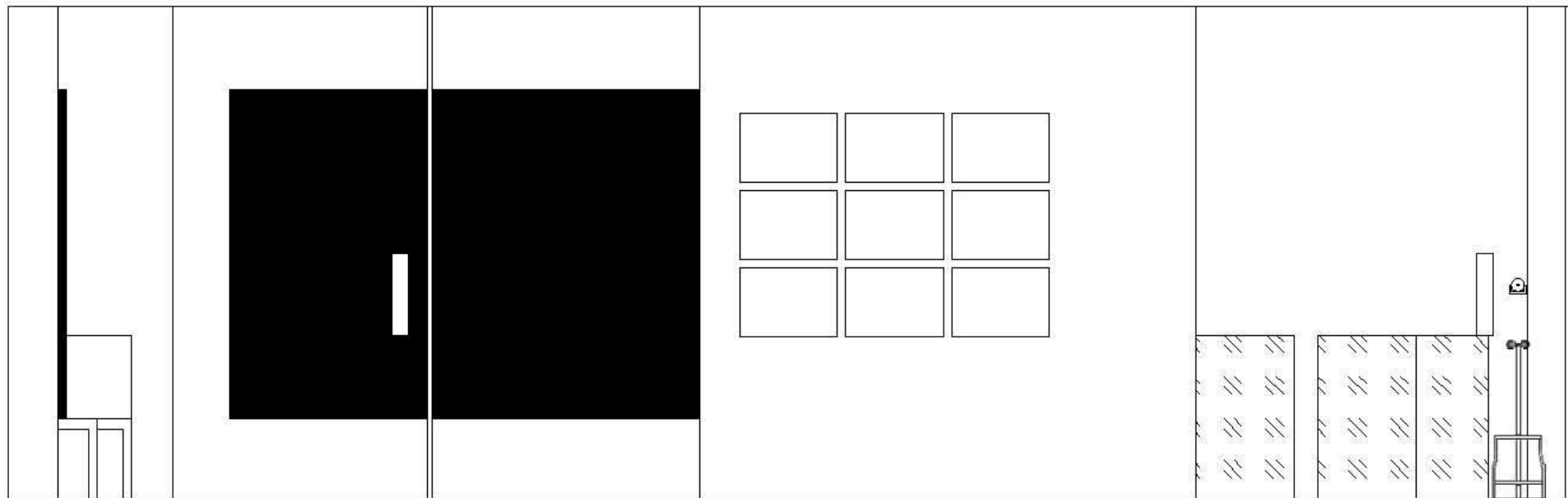
MODELO 2

Na imagem abaixo é possível observar a planta da exposição e como as peças e os equipamentos se encontram distribuídos pelo espaço expositivo. Apresentamos uma legenda para melhor compreensão:





Corte A-A'



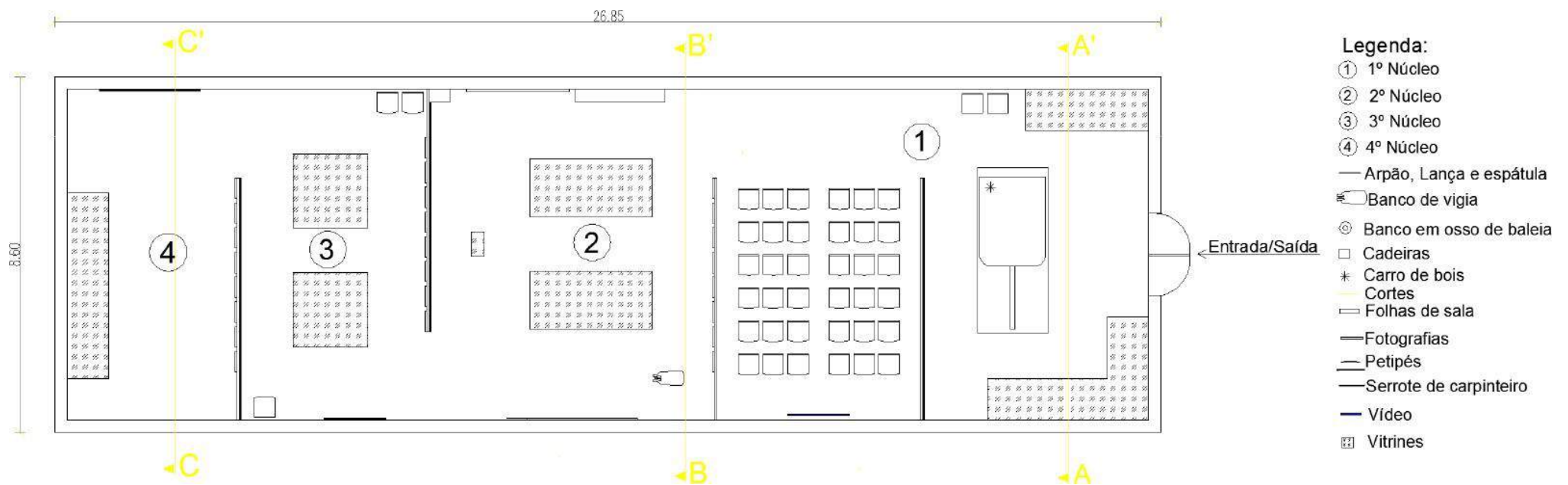
Corte B-B'

ANEXO XI

PLANTA EXPOSIÇÃO – SALA TEMPORÁRIA MUSEU DE PORTIMÃO
EXPOSIÇÃO A INDÚSTRIA BALEEIRA DO PICO, NA COLEÇÃO DO
COMANDANTE LIZUARTE MACHADO

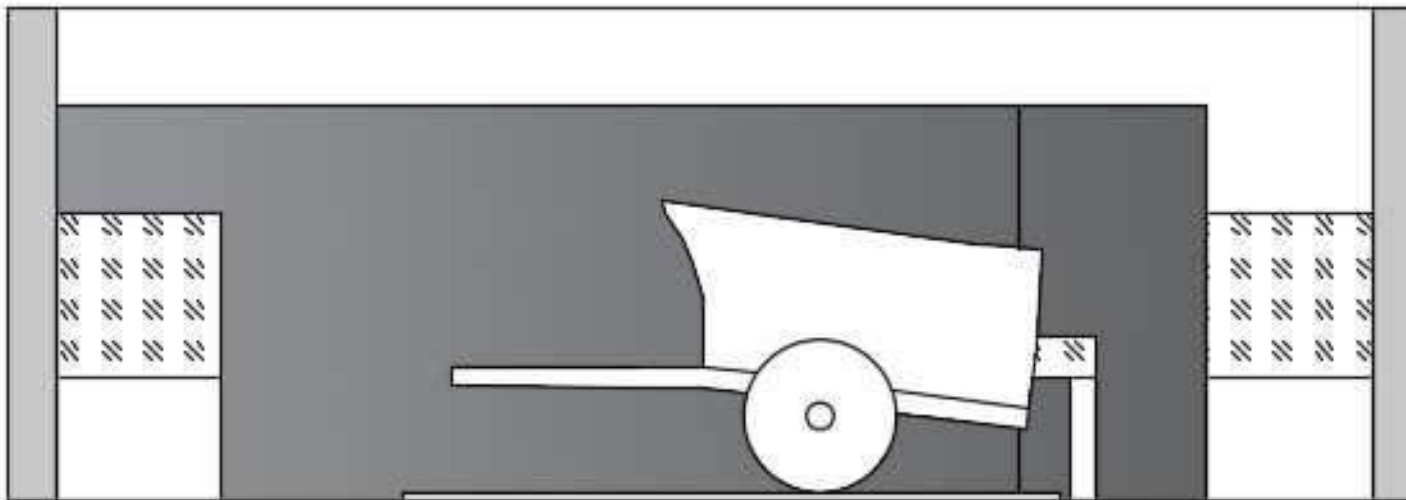
MODELO 1

Na imagem abaixo é possível observar a planta da exposição e como as peças e os equipamentos se encontram distribuídos pelo espaço expositivo. Apresentamos uma legenda para melhor compreensão:

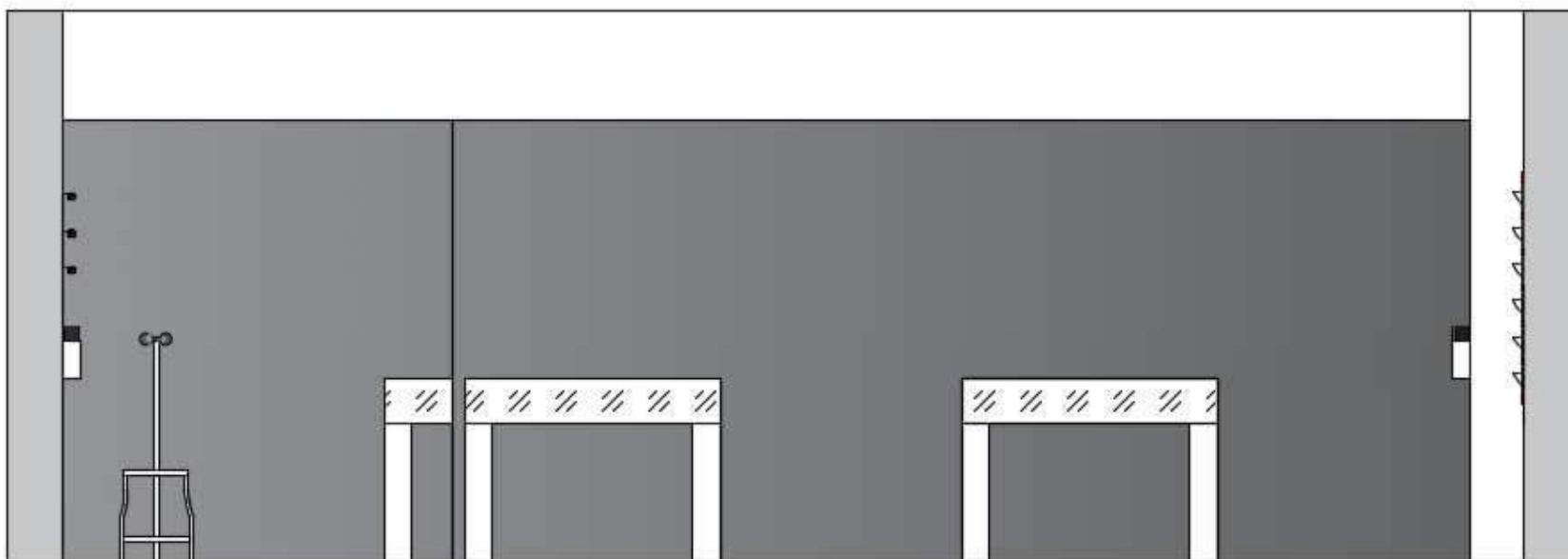


Nas seguintes imagens apresentamos os cortes da exposição de modo a entender o que o visitante visualiza:

Corte A-A'



Corte B-B'



Corte C-C'

